



le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



MEMORIAS
DE
UM SARGENTO DE MILÍCIAS

COLLECCÃO BRASILEIRA

Publicação mensal de originaes brasileiros
dos mais populares autores

Volumes com capa illustrada por Julião Machado,
impressa a duas côres, 1\$; pelo correio, 1\$500

Só estão publicados os vols. numerados

1—**Por montes e valles**, excursão a Ouro Preto,
de Coêlho Netto.

2—**O Ermitão de Muquem**, de B. Guimarães.

3—**Rimas de Outr'ora**, Affonso Celso

4—**Os Farrapos**, scenas da Guerra do Rio Grande
do Sul de O. Bello.

5—**Ao Sol do Sertão**, de Vianna Ribeiro, com
um bello prefacio de Coêlho Netto

6—**Memorias de um Sargento de Mili-
cias**, (2.^a ed.) por M. A. d'Almeida.

Georgicas, de Coêlho Netto.

Familia Medeiros, de Julia L. de Almeida.

Encarnação, de José de Alencar.

Lucrecia, de Hugo Leal.

O Filho do pescador, de Teixeira de Souza.

Mosaico, de Coêlho Netto.

Luisinha, de Araripe Junior.

Espumas Flutuantes, de Castro Alves pre-
facio de Affonso Celso.

Pedidos : devem vir acompanhados da sua importancia
e mais 500 rs. por volume para porte e registro,
dirigidos em vale postal ou carta registrada ao

Editor-proprietario — **DOMINGOS DE MAGALHÃES** —
126 RUA DO LAVRADIO 126—Rio de Janeiro

do distinto amigo

Arthur Villalobos,

M. A. D'ALMEIDA

officera

o L. Soares de Sousa

Memorias

Rio, -23-6-928.

51182

DE UM

Sargento de Milicias

SEGUNDA EDIÇÃO ILLUSTRADA



RIO DE JANEIRO

Officinas da Livraria Moderna

FRANCISCO DE MAGALHÃES — EDITOR-PROPRIETARIO

126 Rua do Lavradio 126

PRIMEIRA PARTE

I

ORIGEM, NASCIMENTO E BAPTISADO

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo—O canto dos meirinhos. E bem lhe assentava o nome, porque era ali o lugar de encontro favorito de todos os individuos dessa classe, que gozava então de não pequena consideração. Os meirinhos de hoje não são mais de que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitavel e respeitada; formavam um dos extremos da formidavel cadeia judiciaria que envolvia todo o Rio de Janeiro, no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida. O extremo opposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o circulo dentro do qual se passavam os terriveis combates das citações, provas, razões principaes e finaes e todos esses tregeitos judiciais que se chamavam o *processo*.

Dahi sua influencia moral.

Mas tinham ainda outra influencia, que é justamente

a que falta aos de hoje : era a influencia que derivava de suas condições physicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaesquer outros ; nada têm de imponentes, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartorio ou continuo de repartição. Os meirinhos desse bello tempo não ; não se confundiam com ninguem ; eram originaes, eram typos. Nos seus semblantes transluzia um certo ar de magestade forense, seus olhares calculados e sagazes significavam chicana. Trajavam sisuda casaca preta, calção e meias da mesma cor, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocratico espadim, e na ilharga direita penduravam um circulo branco, cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéu armado.

Collocado sob a importancia vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava da sua posição. Era terrivel quando, ao voltar uma esquina ou ao sahir de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquellas solemnes figuras que, desdobrando junto delle uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial ! Por mais que se fizesse não havia remedio, em taes circumstancias, senão deixar escapar dos labios o terrivel :—Dou-me por citado. — Ninguem sabe que significação fatalissima e cruel tinham estas poucas palavras ! Eram uma sentença de peregrinação eterna que se pronunciava contra si mesmo ; queriam dizer que se começava uma longa e fadigosa viagem, cujo termo bem distante era a casa da relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem numero de pontós. O advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoraveis charontes, estavam á porta de mão estendida, e ninguem passava sem que lhes tivesse deixado, não um obulo, porém todo o conteúdo de suas algibeiras e até a ultima parcella de sua paciência.

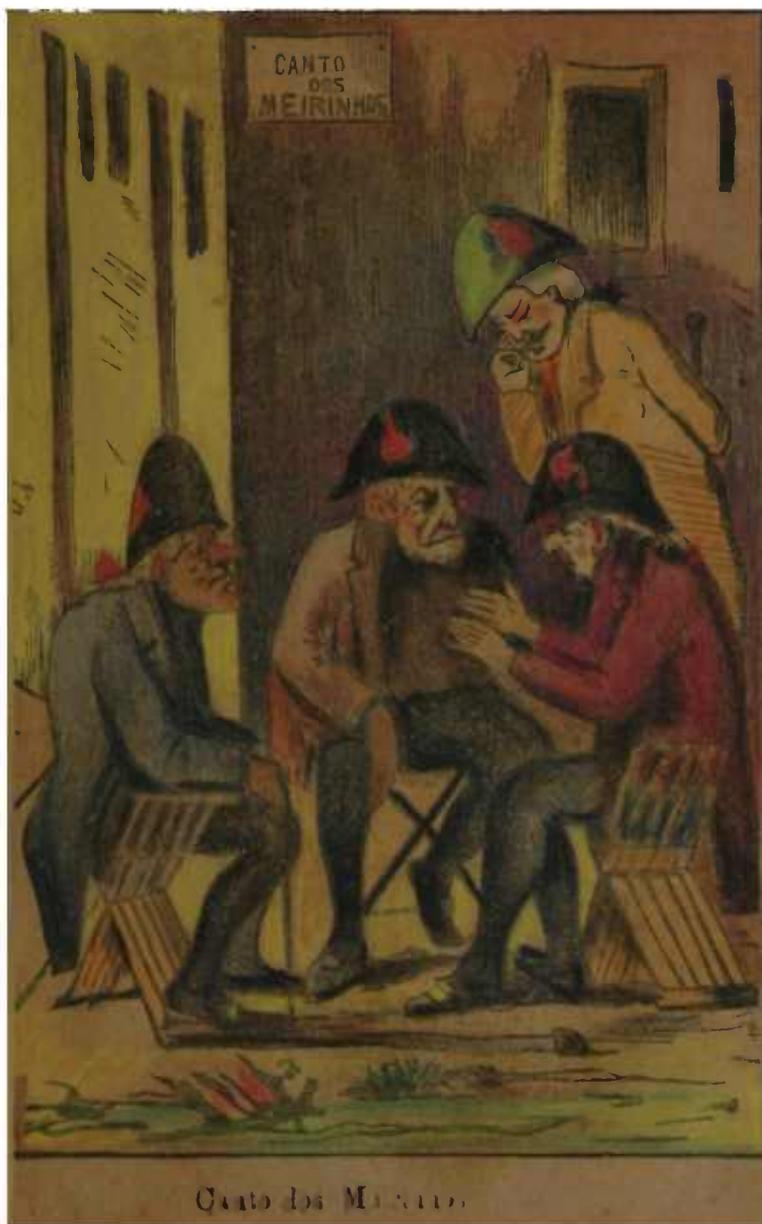
Mas voltemos á esquina. Quem passasse por ahí, em qualquer dia util dessa abençoada época, veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam cadeiras de campanha, um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente, conversando pacificamente em tudo sobre que era licito conversar: na vida dos fidalgos, nas noticias do reino e nas astucias policiaes do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhal, pregada na esquina, havia uma quantidade constante, era o Leonardo Pateca. Chamavam assim a uma rotunda e gordissima personagem de cabellos brancos e carão avermelhado, que era o decano da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado molleirão e pachorrento; com sua vagareza atrasava o negocio das partes; não o procuravam; e por isso jamais sabia da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cincoenta era a sua infallivel companhia. Do habito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por uma citação a modica quantia de 320 réis, lhe viera o appellido que juntavam ao seu nome.

Sua historia tem pouca cousa de notavel. Fora Leonardo algibebe em Lisboa, sua patria; aborrecera-se, porém, do negocio e viera ao Brazil. Aqui chegando, não se sabe por protecção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com elle no mesmo navio, não sei fazer o que, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado e, sobretudo, era maganão. Ao sahir do Tejo, estando a Maria encostada á borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distrahido por junto della e, com o ferrado sapatão,

assentou-lhe uma valente pisadella no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquillo, sorriu, como envergonhada de gracejo, e deu-lhe tambem em ar de dijarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra. Levaram o resto do dia em namoro cerrado; ao anoitecer passou se a mesma scena de pisadella e beliscão, com a differença de serem desta vez um pouco mais fortes; e, no dia seguinte, estavam ambos amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sel-o de muitos annos.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos. Foram os dous morar juntos; e dahi a um mez manifestaram-se claramente os effeitos da pisadella e do beliscão. Sete mezes depois teve a Maria um filho, formidavel menino de quasi tres palmos de comprido, gordo e vermelho, cabelludo, esperneador e chorão, o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais interessa, porque o menino de quem falamos é o Leroe desta historia.

Chegou o dia de baptisar-se o rapaz; foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas duvidas; o Leonardo queria que fosse o sr. juiz, mas teve de ceder a instancias da Maria e da comadre, que queriam que fosse o barbeiro defronte, que afinal foi adoptado. Já se sabe que houve nesse dia funcção; os convidados do dono da casa, que eram todos de além mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeca, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do officio. A principio o Leonardo quiz que a festa tivesse ares aristocraticos, e propôz que se dansasse o minueto da corte. Foi accêta a idéa, ainda que houvesse difficuldade em encontrar-se pares. Afinal levantaram-se uma



Canto dos Meirinhos

gorda e baixa matrona, mulher de um convidado, uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antithese da sua; um collega do Leonardo, miudinho, pequenino e com tumaças de gaiato, e o sacristão da Sé, sujeito alto, magro e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o minueto na rabeca; e o afilhadinho, deitado no collo da Maria, acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recommençar outras tantas.

Depois do minueto foi desapparecendo a cerimonia e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquelle tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete; o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lyrica do divertimento. Sentou-se em um tamborete, em um logar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um bello effeito comico vê-lo, em trajos do officio, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monotono zumzum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha patria. Foi nas saudades da terra natal que elle achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom portuguez, que o era elle. A modinha era assim:

Quando estava em minha terra,
 Acompanhado ou sosinho,
 Cantava á noite e de dia
 Ao pé de um copo de vinho!

Foi executada com attenção e applaudida com enthusiasmo; sómente quem não pareceu dar-lhe todo o apreço foi o pequeno, que obsequiou o pae como obsequiára o padrinho, marcando-lhe o compasso a guinchos e esperneios. A' Maria, avermelharam-se-lhe os olhos, e suspirou.

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebato para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus ás

cerimonias. Tudo dahi em diante foi borborinho, que depressa passou á gritaria e ainda mais depressa á algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando viam-se passar através das rotulas da porta janellas umas certas figuras, que denunciavam que Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde; a madrinha foi a ultima que sahio, deitando a benção ao afilhado e pondo-lhe no cinto um raminho de arruda.

II

PRIMEIROS INFORTUNIOS

Passemos por alto sobre os annos que deccorreram desde o nascimento e baptisado do nosso memorando e vamos encontral-o já na idade de sete annos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentiu aquillo que annunciára desde que nasceu atormentava a vizinhança com um choro sempre em oitava alta; era colerico, tinha ogerisa particular á madrinha, a quem não podia encarar, e era estranhão até não poder mais.

Logo que pôde andar e falar tornou-se um flagello quebrava e rasgava tudo que lhe vinha á mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéu armado do Leonar do; se este o deixava por esquecimento em algum logar ao seu alcance, tomava-o immediatamente, espanava com elle todos os moveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, acabava por varrer com elle a casa; até que a Maria exasperada pelo que aquillo lhe havia decustar aos ouvidos, e, talvez ás costas, arrancava-lhe das mãos a victima infeliz. Era, além de traquinas, guloso; quando não traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava trazia-lhe bem maltratada certa região do corpo; porém elle não se emendava, que era tambem teimoso, e

as travessuras recommçavam mal acabava a dôr das palmadas.

Assim chegou aos sete annos.

Final de contas a Maria sempre era saioia, e o Leonardo começava a arrepender-se seriamente de tudo o que tinha feito por ella e com ella. E tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais cerimonia, havia desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraçoado. Havia alguns mezes atraz tinha notado que um certo sargento passava-lhe muitas vezes pela porta e enfiava olhares curiosos atravez das rotulas; uma occasião, recolhendo se, parecera-lhe que o vira encostado á janella. Isto, porém, passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo collega seu o procurasse em casa, para tratar de negocios do officio, sempre em horas desencontradas; porém isto tambem passou em breve. Finalmente aconteceu-lhe por tres ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa, e isto causou-lhe serios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta dentro; alguém, que estava na sala, abriu precipitadamente a janella, saltou por ella para a rua e desapareceu.

A' vista disto nada havia a duvidar; o pobre homem perdeu, como se costuma dizer, as estribeiras; ficou ego de ciume. Largou apressado sobre um banco uns autos que trazia embaixo do braço, e endireitou para a Maria com os punhos cerrados.

— Grandecissima !...

E a injuria que ia soltar era tão grande que o engasgou... e poz-se a tremer com todo o corpo.

A Maria recuou dous passos e poz-se em guarda, pois tambem não era das que se receiava com qualquer cousa.

— Tira-te de lá, ó Leonardo !

— Não chames mais pelo meu nome, não chames... que tranco-te essa bocca a sôccos...

— Safe-se dahi ! Quem lhe mandou pôr-se aos namoricos commigo a bordo ?

Isto exasperou e Leonardo; a lembrança do amor augmentou-lhe a dôr da traição, e o ciume e a raiva, de que se achava possuido transbordaram em sôccos sobre a Maria, que depois de uma tentativa inutil do resistencia desatou a correr, a chorar e a gritar:

— Ai... ai... acuda, sr. compadre.... sr. compadre !...

Porém o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguez, e não podia largal-o. Portanto a Maria pagou caro e por junto todas as contas. Encolheu-se a choramingar em um canto.

O menino assistira a toda essa scena com imperturbavel sangue frio; emquanto a Maria apanhava e o Leonardo esbravejava, elle occupava-se tranquillamente em rasgar as folhas dos autos que este tinha largado ao entrar, e em fazer dellas uma grande colleção de cartuchos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma cousa mais do que seu ciume, reparou então na obra meritoria em que se occupava o pequeno. Enfureceu-se de novo; suspendeu o menino pelas orelhas, fêl-o dar no ar uma meia volta, ergueu o pé direito, assentou-lh'o em cheio sobre os gluteos, atirando-o a quatro braças de distancia.

— E's filho de uma pisadella e de um beliscão; merece que um pontapé te acabe a casta.

O menino supportou tudo com coragem de martyr, apenas abriu ligeiramente a bocca quando foi levantado pelas orelhas; mal cahiu, ergueu-se, embarafustou pela porta fóra, e em tres pulos estava dentro da loja do padrinho e atracando-se-lhe ás pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguez a

bacia de barbear, que lhe tirara dos queixos : com o choque que soffreu a bacia inclinou-se e o freguez recebeu um baptismo de agua de sabão.

— Ora, mestre, esta não está má !...

— Senhor, balbuciou este... a culpa é deste endiabrado... O que é que tens, menino ?

O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão tremula nessa direcção.

O compadre olhou também, applicou a attenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Hum! resmungou; já sei o que ha de ser... eu bem dizia... ora ahí esta !...

E, desculpando-se com o freguez, sahiu da loja e foi acudir ao que se passava.

Por essas palavras vê-se que suspeitara alguma coisa; e sabe o leitor que suspeitara a verdade.

Espiar a vida alheia, inquirir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquelle tempo cousa tão commum e enraizada nos costumes, que ainda hoje, depois de passados tantos annos, restam alguns vestígios desse bello habito. Sentado pois no fundo da loja, ahiando por disfarce os instrumentos do officio, o compadre presenciára os passeios do sargento por perto da rotula do Leonardo, as visitas extemporaneas do collega deste e, finalmente, os intentos do capitão do navio. Por isso contava elle, mais dia menos dia, com o que acabava de succeder.

Chegando ao outro lado da rua empurrou a rotula que o menino ao sahir deixara cerrada, e entrou. Dirigiu-se ao Leonardo, que se conservava ainda em posição hostil:

— O' compadre, disse, você perdeu o juizo ?...

— Não foi o juizo, disse o Leonardo em tom dramatico, foi a honra !...

A Maria, vendo-se protegida pela presença do com-

padre, cobrou animo e, altanando-se, disse em tom de zombaria :

— Honra !... honra de meirinho... ora !

O vulcão de despeito que as lagrimas da Maria tinham apagado um pouco, borbotoou de novo com este insulto, que não offendia só um homem, porém uma classe inteira ! Injurias e murros á mistura cahiram de novo, sobre a Maria, das mãos e da bocca de Leonardo. O compadre, que se interpuzera, levou alguns por descuido ; afastou-se pois á distancia conveniente, murmurando despeitado por ver frustrados seus esforços de conciliador :

— Honra de meirinho é como fidelidade de saloia.

Emfim sererou a tormenta ; a Maria sentou-se a um canto a chorar e a maldizer a hora em que pela primeira vez vira o Leonardo, a pisadella, o beliscão com que tinha começado o namoro a bordo, e tudo mais que a dôr dos murros lhe trazia á cabeça.

O Leonardo, depois de um pouco de calma, teve um momento de exasperação ; avermelharam-se-lhe os olhos e as faces, cerrou os dentes, metteu as mãos nos bolsos do calção, inchou as bochechas, e poz-se a balançar violentamente a perna direita. Depois, como tomando uma resolução extrema, juntou as folhas dispersas dos autos que o menino despedaçara, enterrou atravessado na cabeça o chapéu armado, agarrou na bengala, e sahiu batendo com a rotula e exclamando :

— Vá-se tudo com os diabos !...

— Vai... vai... exclamou a Maria já de novo em segurança, pondo as mãos nas cadeiras, que o caso não ha de ficar assim... pôr-me as mãos !... ora... vou com isto á justiça !...

— Comadre...

— Nada, não attendo, compadre... vou com isto á justiça, e apesar de ser elle um meirinhaço muito velhaco, ha dese haver commigo.

— E' melhor não se metter nisto, comadre... sempre são negocios com a justiça... o compadre é seu official, e ella ha de punir pelos seus.

As ameaças da Maria não passavam de bravatas que lhe arrancava o despeito e, portanto, com mais quatro razões do compadre cedeu, e foi restituida a paz em casa. Houve então larga conferencia entre os dous, no fim da qual o compadre sahiu dizendo :

— Elle ha de voltar, aquillo é genio... ha de passar... e se não... o dito está dito ; fico com o pequeno.

A Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ella suas resoluções tomadas, ou anteriormente ou naquella occasião, e por isso na conferencia a que referimos tratára de engodar o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo tomaria a si e cuidaria do filho. Esse desarranjo ella o figurara e o compadre acreditou que só partiria de Leonardo ; porém o leitor vai ver que o pobre homem era condescendente, e que a Maria tinha razão quando falara ironicamente em honra de meirinho.

Toda esta scena que acabamos de descrever passou-se de manhã. A' tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, afflicto e triste. O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aereo que o pontapé de seu pae lhe fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse lhe com um sorriso conciliador :

— O passado passado ; vamos... ella está arrependida... doudices de rapariga... mas não ha de fazer outra...

O Leonardo não respondeu ; poz-se a passear pela loja com as mãos cruzadas para traz e por baixo das abas da casaca ; porém pelo seu semblante via-se que elle estimara as palavras do compadre, e que seria o primeiro a pronuncial-as se elle não o precedesse.

— Vamos, até lá disse o compadre, e acabe-se tudo Coitada !... ella ficou muito chorosa.

— Vamos disse o Leonardo !...

Chegando á porta de casa fez uma pequena parada como quem tinha tomado a resolução de não entrar, mas o que elle queria eram algumas supplicas do compadre, que pudessem ser ouvidas pela Maria, afim de fazel-a acreditar que se elle voltava era arrastado e não por vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo :

— Entre, homem... basta de criaçadas... o passado passado.

Entraram. A sala estava vazia ; o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto em uma das mãos, conservando sempre o chapéu armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre comico e melancolico.

— Comadre, disse em voz alta o agente da conciliação, tudo está acabado ; venha cá.

Ninguem respondeu.

— Ha de estar ahi a chorar mettida em algum canto tornou o compadre.

E começou a procurar por toda a casa.

Não era esta mui grande, em pouço percorreu-a toda e ficou tomado do mais cruel desapontamento por não encontrar a Maria. Voltou, portanto, á sala entre consternado e espantado.

O Leonardo, suppondo que elle tinha achado a Maria, e que sem dúvida a trazia pela mão contricta e humilhada, quiz fazer-se de bom, ergueu-se, metteu as mãos nos bolsos, e poz-se de costas para o logar donde vinha o compadre.

— O' compadre, disse este approximando-se.

— Nada, atalhou o Leonardo sem voltar-se... o dito por não dito... mudei de resolução !.

— Olhe, homem...

— Nada, nada... está tudo acabado.

O Leonardo, dizendo isto, ia dando sempre as costas ao compadre, quando se lhe queria pôr de frente.

— Homem... escute... olhe que a comadre...

— Não quero saber della... está tudo acabado; eu já disse.

— Foi-se embora... homem... foi-se embora, gritou o compadre impacientado.

O Leonardo foi fulminado por estas palavras; voltou-se então todo tremulo. Não vendo a Maria desatou a chorar.

— Pois bem, disse entre soluços, está tudo acabado... adeus compadre!

— Mas olhe que o pequeno... atalhou este.

O Leonardo nada respondeu, e sahiu precipitadamente.

O compadre comprehendeu tudo; viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer:— Está bom, já agora... vá; ficaremos com uma carga ás costas.

Ao outro dia sabia se por toda a vizinhança que a Maria tinha fugido para Portugal com o capitão de um navio que partira na vespera de noite.

— Ah! diase o compadre, com um sorriso maligno, ao saber da noticia, foram saudades da terra!

III

DESPEDIDA A'S TRAVESSURAS

O Leonardo abandonára de uma vez para sempre a casa natal onde tinha soffrido tamanha infelicidade. Nem mesmo passara mais por aquellas alturas; de maneira que o compadre por muito tempo não lhe pôde pôr a vista em cima.

O pequeno, enquanto se achou novato em casa do padrinho portou-se com toda a sisudez e gravidade;

apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fóra. Apesar disto captou do padrinho maior afeição, que se foi augmentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade céga e apaixonada. Até nas proprias travessuras do menino, as mais das vezes malignas, achava o bom do homem muita graça; não havia para elle em todo o bairro rapazinho mais bonito, e não se fartava de contar á vizinhança tudo o que elle dizia e fazia; ás vezes eram verdadeiras acções de menino mal creado, que elle achava cheio de espirito e de viveza; outras vezes eram ditos que denotavam já muita velhacaria para aquella idade e que elle julgava os mais ingenuos do mundo.

Era isto natural em um homem de uma vida como a sua, tinha já 50 e tantos annos, nunca tinha tido afeições; passára sempre só, isolado; era verdadeiro partidario do mais decidido celibato. Assim á primeira afeição que fôra levado a contrahir, sua alma expandiu-se toda inteira e seu amor pelo pequeno subiu ao grau de rematada cegueira. Este, aproveitando-se da immundade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha á cabeça.

Umaz vezes, sentado na loja, divertia-se em fazer carêtas aos freguezes, quando estes se estavam barbeando. Uns enfureciam-se, outros riam-se sem querer; do que resultava que sahiam muitas vezes com a cara cortada, com grande prazer do menino e descredito do padrinho. Outras vezes escondia em algum canto a mais afiada navalha do padrinho, e o freguez levava por muito tempo com a cara cheia de sabão, mordendo-se de impaciencia, emquanto este a procurava. Elle ria-se furtiva e malignamente. Não parava em casa cousa alguma por muito tempo inteira, fazia andar tudo em uma poeira; pelos quintaes atirava pedras aos telhados dos vizinhos; sentado á porta

da rua, entendia com quem passava e com quem estava pelas janellas. O padrinho, porém, não se dava disto e continuava a querer-lhe sempre muito bem. Gastava ás vezes noites em fazer castellos no ar a seu respeito ; sonhava-lhe uma grande fortuna e una elevada posição, e tratava de estudar os meios que o levassem a esse fim. Eis aqui pouco mais ou menos o fio dos seus raciocinios. Pelo officio do pae... (pensava elle) ganha-se, é verdade, dinheiro quando se tem *geito* porém sempre se ha de dizer : — Ora, é um *meirinho* !... Nada... por este lado não... Pelo meu officio... verdade é que eu arranjei-me (ha neste *arranjei-me* uma historia que havemos de contar), porém não o quero fazer escravo dos quatro vintens dos freguezes... Seria talvez bom mandal-o ao estudo... porém para que diabo serve o estudo ? Verdade é que elle parece ter boa memoria, e eu podia mais para diante mandal-o a Coimbra,.. Sim, é verdade... eu tenho aquellas patacas ; estou já velho, não tenho filhos nem outros parentes... mas tambem que diabo fará elle em Coimbra ? Licenciado não ; é máu officio. letrado ? Era bom... sim letrado... mas não, não ; tenho zanga a quem me lida com papeis e demandas... Clerigo?... um senhor clerigo é muito bom... é uma cousa muito séria... ganha-se muito... póde vir um dia a ser cura. Está dito, ha de ser clerigo... ora, se ha de ser ; hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa... de o ver pregar na Sé, e então hei de mostrar a toda esta gentalha aqui da vizinhança, que não gosta delle, que eu tinha muita razão em lhe querer bem. Elle está ainda muito pequeno, mas vou tratar de o ir desasnando aqui mesmo em casa, e quando tiver 12 ou 14 annos ha de me entrar para a escola.

Tendo ruminado por muito tempo esta idéa, um dia de manhã chamou o pequeno e disse-lhe:

— Menino, venha cá, você está ficando um homem

(tinha elle 9 annos); é preciso que aprendas alguma cousa para vir um dia a ser gente; de segunda-feira em diante (estava em quarta-feira) começarei a ensinar-lhe o b-a, ba. Farte-se de travessuras por este resto da semana.

O menino ouviu este discurso com um ar meio admirado, meio desgostoso, e respondeu:

— Então eu não hei de ir mais ao quintal, nem hei de brincar na porta?

— Aos domingos, quando voltarmos da missa...

— Ora, eu não gosto da missa.

O padrinho não gostou da resposta; não era bom annuncio para quem se destinava a padre, mas nem por isso perdeu as esperanças.

O menino tomou sentido nestas palavras do padrinho: — Farte-se de travessuras por este resto da semana, — e acreditou que aquillo era uma licença ampla para fazer tudo quanto de com e de máu lhe lembrasse durante o tempo que ainda lhe restava de folga. Levou, pois, todo o dia em uma desenvoltura assustadora; o padrinho foi achal-o, por duas ou tres vezes, a cavallo em cima do muro que dividia o quintal da casa do vizinho, em grande risco de precipitar-se.

Ao anoitecer, estando sentado á porta da loja, viu ao longe, no principio da rua, um acompanhamento allumiado pela luz de lanternas e tochas, e ouviu padres a rezarem; estremeceu de alegria e poz-se em pé de um salto: Era a Via Sacra do Bom Jesus.

Ha bem pouco tempo que existiam ainda em certas ruas desta cidade, cruces negras pregadas pelas paredes, de espaço em espaço.

A's quartas-feiras e em outros dias da semana, sahia do Bom-Jesus e de outras egrejas uma especie de procissão composta de alguns padres, conduzindo cruces, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e povo em grande quantidade; os padres rezavam e o povo

acompanhava a reza. Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavam-se todos e oravam durante muito tempo.

Este acto, que satisfazia a devoção dos carolas, dava pasto e occasião a quanta sorte de zombaria e de immoralidade lembrava aos rapazes daquella época, que são os velhos de hoje, e que tanto clamam contra o desrespeito dos moços de agora. Caminhavam elles em charola atraz da procissão, interrompendo a cantoria com dicterios em voz alta, ora simplesmente engraçados, ora pouco decentes; levavam longos fios de barbante, em cuja extremidade iam penduradas grossas bolas de cêra. Se ia por ali ao seu alcance algum infeliz, a quem os annos tivessem despido a cabeça dos cabellos, collocavam-se em distancia conveniente e, escondidos, por traz de um ou de outro, arremessavam o projectil que ia bater em cheio sobre a calva do devoto; puxavam rapidamente o barbante, e ninguem podia saber dedonde tinha partido o golpe. Estas e outras scenas excitavam vozeria e gargalhadas da multidão.

Era a isto que naquelles *devotos* tempos se chamava correr a Via-Sacra.

O menino, como já dissemos, estremeceu de prazer ao ver approximar-se a procissão. Desceu sorrateiramente á soleira, e sem ser visto pelo padrinho collocou-se unido á parede entre as duas portas da loja levantando-se nas pontas dos pés para ver mais a seu gosto.

Vinha approximando-se o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo defronte da porta; teve elle então um pensamento que o fez estremeecer; tornou a lembrar-se das palavras do padrinho: — Farte-se de travessuras — espiou para dentro da loja, viu-o entretido, deu um salto do lugar onde estava, misturou-se com a multidão e lá foi concorrendo com suas gargalhadas e seus gritos para augmentar a vozeria. Era um prazer febril que elle sentia; esqueceu-se

de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou, e só não fez aquillo que não estava em suas forças. Fez camaradagem com dous outros meninos do seu tamanho, que tambem iam no rancho, e quando deu accordo de si estava de volta com a Via-Sacra na igreja do Bom-Jesus.

IV

FORTUNA

Emquanto o compadre, afflicto, procura por toda a parte o menino, sem que ninguem lhe possa dar novas delle, vamos ver o que é feito do Leonardo, e em que novas alhadas está agora mettido.

Lá para as bandas do Mangue da Cidade Nova havia ao pé de um charco, uma casa coberta de palha, da mais feia apparencia, cuja frente suja e testada enlameada bem denotava que dentro o asseio não era muito grande. Compunha-se ella de uma pequena sala e um quarto; toda a mobilia eram dous ou tres assentos de páo, algumas esteiras em um canto, e uma enorme caixa de páo, que tinha muitos empregos: era mesa de jantar, cama, guarda-roupa e prateleira. Quasi sempre estava essa casa fechada, o que a rodeava de um certo mysterio. Esta sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo molde mais detestavel; era um caboclo velho, de cara hedionda e immunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para admiração do leitor, fique-se sabendo que este homem tinha por officio *dar fortuna!*

Naquelle tempo acreditava-se muito nestas cousas e uma sorte de respeito supersticioso era tributado aos que exerciam semelhante profissão. Já se vê que inexgotavel mina não achavam nisso os industriosos!

E não era só a gente do povo que dava credito ás *feiticarias*; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam, ás vezes, comprar venturas e felicidades pelo commodo preço da pratica de algumas immoralidades e superstições.

Pois ao nosso amigo Leonardo tinha-lhe tambem dada na cabeça tomar fortuna, e tinha isso por causa contrariedades que soffria em uns novos amores que lhe faziam agora andar a cabeça á roda.

Tratava-se de uma cigana. O Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga da Maria e, das cinzas ainda quentes de um amor mal pago, nascera outro que tambem não foi a esse respeito melhor aquinhoado. Mas o homem era romantico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquelle tempo; não podia passar sem uma paixãozinha. Como o officio rendia e elle andava sempre apatacado, não lhe fôra difficil conquistar a posse do adorado objecto; porém a fidelidade, a unidade no gozo, que era o que sua alma aspirava, isso não o pudera conseguir; a cigana tinha pouco mais ou menos sido feita no mesmo molde da saloia. Por toda a parte ha sargentos, collegas e capitães de navio; a rapariga tinha-lhe já feito umas poucas e acabava tambem por fugir-lhe de casa. Desta vez, porém, como não eram saudades da patria a causa desta fugida, o Leonardo decidira haver de novo e por todos os meios a posse de sua amada. Encontrou-a com pouco trabalho e, empregando o pranto, as supplicas, as ameaças, tudo porém embalde, decidiu por isso a buscar com meios sobrenaturaes o que os meios humanos lhe não tinham podido dar.

Entregou-se, portanto, em corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, o mais afamado de todos os do officio. Tinha-se já sujeitado a uma infinidade de provas, que começavam sempre por uma contribuição pecuniaria, e ainda nada havia conseguido; tinha soffrido fumigações de hervas suffocantes, tragado beberagens de mui enjoativo sabor; sabia de cór milhares de orações mysteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia; ia depositar quasi todas as noites em logares determinados quantias e objectos com o fim de chamar em auxilio, dizia o caboclo, as suas divindades;

e, apesar de tudo a cigana resistia ao sortilegio. Decidiu-se, finalmente, a sujeitar-se á ultima prova, que foi marcada para a meia noite em ponto na casa que já conhecemos. A' hora aprazada lá se achou o Leonardo; encontrou na porta o nojento nigromante, que não consentiu que elle entrasse do modo em que se achava, e obrigou-o a pôr-se primeiro em habitos de Adão no paraíso, cobriu-o depois com o manto immundo que trazia e, só então, lhe franqueou entrada.

A sala estava com um apparatus ridiculamente sinistro, que não nos cansaremos em descrever; entre outras cousas, cuja significação só conheciam os iniciados nos mysterios do caboclo, havia no meio uma pequena fogueira.

Começando a cerimonia, o Leonardo foi obrigado a ajoelhar-se em todos os angulos da casa e recitar as orações que já sabia e mais algumas que lhe foram ensinadas na occasião, depois foi orar junto da fogueira. Neste momento saíram do quarto tres novas figuras, que vieram tomar parte na cerimonia, e começaram então, acompanhando-os o supremo sacerdote, uma dança sinistra em roda do Leonardo. De repente sentiram bater levemente na porta da parte de fóra, e uma voz descansada dizer:

— Abra a porta.

— O Vidigal! disseram todos a um tempo, tomados do maior susto. (.)

V

O VIDIGAL

O som daquella voz que dissera:—Abra a porta—lançara entre elles, como dissemos, o espanto e o medo. E não foi sem razão. Era ella o annuncio de um grande aperto, de que por certo não poderiam escapar. Nesse tempo ainda não estava organisada a policia da cidade, ou antes estava-o de um modo em harmonia com as

*Em 81 e ate pouco depois da Republica e si
da igreja de S. Francisco badulara as lo da noi
velho loque de recolher, vindo, ainda dos tempos do Vidigal*

tendencias e idéas da época. O major Vidigal era o rei absoluto, o arbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse reino de administração; era o juiz que julgava e distribuia a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua immensa alçada não havia testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; elle resumia tudo em si; a sua *justiça* era intallivel; não havia appellação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia, emfim, uma especie de inquisição policial. Entretanto, façamos-lhe justiça, dados os descontos necessarios ás idéas do tempo, em verdade não abusava elle muito de seu poder e o empregava em certos casos muito bem empregado.

Era o Vidigal um homem alto, não muito gordo, com ares de molleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo, exercido pelo modo que acabamos de indicar.

Uma companhia ordinariamente de granadeiros, ás vezes de outros soldados que elle escolhia nos corpos que havia na cidade, armados todos de grossas chibatas, commandada pelo major Vidigal, fazia toda a ronda da cidade de noite, e toda a mais policia de dia. Não havia becco nem travessa, rua nem praça, onde não se tivesse passado uma façanha do sr. major para pilhar um maroto ou dar caça a um vagabundo. A sua sagacidade era proverbial, e por isso só o seu nome incutia grande terror em todos os que não tinham a consciencia muito pura a respeito de falcatruas.

Se no meio da algazarra de um fado rigoroso, em que a decencia e os ouvidos dos vizinhos não eram muito respeitadas, ouvia-se dizer:—Está ahí o Vidigal—mudavam-se repentinamente as scenas; serenava tudo em um momento, e a festa tomava logo um aspecto sério.

Quando algum dos *patuscos* daquelle tempo (que não gozava de grande reputação de activo e trabalhador) era surprehendido de noite, de capote sobre os hombros e viola a tiracollo, caminhando em busca de sucia, por uma voz branda que lhe dizia simplesmente :—Venha cá; onde vai?—o unico remedio que tinha era fugir, se pudesse, por que com certeza não escapava por outro meio de alguns dias de cadeia, ou pelo menos da *casa da guarda da Sé*; quando não vinha o *covado e meia ds costas*, como consequencia necessaria.

Foi por isso que os nossos magiços e a sua infeliz victima puzeram-se em debandada mal conheceram pela voz quem se achava com elles. Quizeram escapar-se pelos fundos da casa, porém ella estava toda cercada de granadeiros, em cujas mãos se via a arma de que acima falamos. A porta abriu-se sem muita resistencia e o major Vidigal (porque era com effeito elle) com os seus granadeiros achou-os em flagrante delicto de *nigromancia*; estava ainda accessa a fogueira, viam-se ainda os mais objectos que serviam ao sacrificio.

— Oh! disse elle, por aqui se dá fortuna...

— Sr. major, pelo amor de Deus.

— Eu tinha desejos de ver como era isso; continuem... sem cerimonia, vamos.

Os infelizes hesitaram um pouco, porém, vendo que resistir seria inutil, começaram de novo as cerimoniaes, de que os soldados se riam, antevendo talvez qual seria o resultado. O Leonardo estava corrido de vergonha, tanto mais porque o conhecia; e procurava cobrir-se do melhor modo com a sua immunda capa. Ajoelhou-se quasi arrastado outra vez no mesmo lugar; e recommençou a dansa, a que o major assistia de braços cruzados e com ar pachorrento. Quando os sacrificadores, julgando que já tinham dansado sufficientemente, tentaram parar, o major disse brandamente:

— Continuem.

Depois de muito tempo quizeram parar de novo :

— Continuem, disse outra vez o major.

Continuaram por mais meia hora ; passado esse tempo já muito cansados, tentaram dar fim.

— Ainda não ; continuem.

Continuaram por tempos esquecidos, já estavam que não podiam de estafados ; o nosso Leonardo, ajoelhado ao pé da fogueira, quasi que se desfazia em suor. Afinal o major deu se por satisfeito, mandou que parassem e, sem se alterar, disse para os soldados, com a sua voz doce e pausada :

— Toca, granadeiros.

A' esta voz todas as chibatas ergueram-se, e cahiram de rijo sobre as costas daquella honesta gente, fizéram a dansar, e, sem querer, ainda por algum tempo.

— Pára, disse o major depois de um bom quarto de hora.

Começou então a fazer a cada um, um sermão em que se mostrava muito sentido por ter sido obrigado a chegar áquelle excesso, e que terminava sempre por esta pergunta :

— Então você em que se occupa ?

Nenhum delles respondia. O major sorria-se e acrescentava com riso sardonico :

— Está bom !

Chegou a vez do Leonardo.

— Pois homem, você, um official de justiça, que devia dar o exemplo...

— Sr. major, respondeu elle acabrunhado, é o diabo daquella rapariga que me obriga a tudo isto ; já não sei de que meios use...

— Você ha de ficar curado ! Vamos para a casa da guarda.

Com esta ultima decisão o Leonardo desesperou. Perdoaria de bom grado as chibatadas que levara,

comtanto que ellas ficassem em segredo ; mas ir para a casa da guarda e della talvez para a cadêa... isso é que elle não podia tolerar. Rogou ao major que o pou-
passe ; o major foi inflexivel. Desfez então a vergonha em pragas á maldita cigana que tanto o fazia soffrer.

A casa da guarda era no largo da Sé ; era uma especie de deposito, onde se guardavam os presos que se faziam de noite, para se lhes dar depois conveniente destino. Já se sabe que os amigos de novidades iam por ali de manhã e sabiam com facilidade tudo que se tinha passado na noite antecedente.

Ahi esteve a Leonardo o resto da noite, e grande parte da manhã, exposto á vistoria dos curiosos. Por infelicidade sua passou por acaso um collega, e, vendoo, entrou para falar-lhe, isto quer dizer que dahi a pouco toda a illustre corporação dos meirinhos da cidade sabia do occorrido com o Leonardo e já se preparava para dar-lhe uma solemne pateada, quando o negocio mudou de aspecto e o Leonardo foi mandado para a cadêa.

Apparentemente os companheiros mostraram-se sentidos, porém secretamente não deixaram de estimar o contratempo, porque o Leonardo era muito afreguezado e em quanto estava elle preso as partes os procuravam.

VI

PRIMEIRA NOITE FORA DE CASA

O compadre, apenas dera por falta do afilhado, viu-se presa da maior afflicção ; pôz em alarma toda a vizinhança, procurou, indagou, mas ninguem lhe deu novas nem mandados delle. Lembrou-se então da Via-Sacra e imaginou que o pequeno a teria acompanhado ; percorreu todas as ruas por onde passará o acompanhamento, perguntando afflicto a quantos encontrava pelo thesouro precioso de suas esperanças ;

chegou sem encontrar vestigio algum até o Bom-Jesus, onde lhe disseram ter visto tres meninos, que por se portarem endiabradamente na occasião da entrada da Via-Sacra, o sacristão os correrá para fóra da igreja.

Foi este o unico signal que pôde colher.

Vagou depois por muito tempo pela rua, e só se recolheu para casa, estando já a noite adiantada. Ao chegar á porta de casa, abriu-se o postigo de uma ro-tula contigua e uma voz de mulher perguntou .

— Então, vizinho, nada?

— Nada, vizinha, respondeu o compadre com voz desanimada.

— Ora, quando eu lhe digo que aquella creança tem máus bofes...

— Vizinha, isto não são cousas que se digam...

— Digo-lhe e repito que tem máus bofes...

Deus permita que não, mas aquillo não tem bom fim...

— O' senhora, replicou o compadre muito irritado, que tem a senhora com a minha vida e mais as cousas que me pertencem? Metta-se comsigo, cuide nos seus bilros e na sua renda, e deixe a vida alheia.

Entrou depois para casa murmurando :

— Um dia faço aqui uma estralada com esta mulher; é sempre isto ! Parece um agouro !

Toda a noite levou o pobre homem acordado a pensar nos meios de achar o pequeno ; e depois de ter formado mil planos, disse comsigo :

— Em ultimo lugar vou ter com o major Vidigal.

E esperou que o dia voltasse para proseguir em suas pesquisas.

Entretanto vamos satisfazer o leitor, que ha de talvez ter curiosidade de saber onde se metteu o pequeno.

Com os emigrados de Portugal veio tambem para o Brazil a praga dos ciganos, gente ociosa e de poucos escrúpulos ; ganharam elles aqui reputação bem mere-

cida dos mais refinados velhacos ; ninguem que tivesse juizo se mettia com elles em negocio, porque tinha a certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano ; para cá só trouxeram máus habitos, esperteza e velhacaria, e, senão, o nosso Leonardão pôde dizer alguma cousa a respeito. Viviam em quasi completa ociosidade ; não tinham noite sem festa. Moravam ordinariamente um pouco arredados das ruas populares e viviam em plena liberdade. As mulheres trajavam com certo luxo relativo aos seus haveres ; usavam muito de rendas e fitas ; davam preferencia a tudo quanto era encarnado, e nenhuma dellas dispensava, pelo menos, um cordão de ouro ao pescoço ; os homens não tinham outra distincção mais do que alguns traços physionomicos particulares que os faziam conhecidos.

Os dous meninos com quem o pequeno fugitivo travára amizade pertenciam a uma familia dessa gente que morava no largo do Rocio, lugar que tinha por isso até algum tempo o nome de campo dos Ciganos. Tinham esses meninos, como dissemos, pouco mais ou menos a mesma idade que elle ; porém acostumados á vida vagabunda, conheciam toda a cidade, e a percorriam sós, sem que isso causasse cuidado a seus paes ; nunca faltavam a acompanhamento de Via-Sacra, nem a outra qualquer cousa desse genero. Encontrando-se nessa noite, como já sabem os leitores, com o nosso futuro clerigo, a elle se associaram, e o carregaram para casa de seus paes onde, como de costume, havia festas de ciganos, (e este costume ainda hoje se conserva) ; faziam, dissemos, festa todos os dias, porém motivavam-a sempre. Hoje era um baptisado, amanhã um casamento, agora annos deste, logo annos daquelle, festa daquelle santo. Na noite de que tratamos havia um

oratorio armado e festejava-se um santo de sua devoção; não lhe sabemos o nome.

Pelo caminho o menino teve alguns escrúpulos e quiz voltar, porém os outros tal pintura lhe fizeram do que elle ia ver se os acompanhasse, que se decidiu a seguil-os até onde quizessem.

Chegaram, enfim, á casa onde já tinha começado a festa.

Ao lado esquerdo da sala estava o oratorio illuminado por algumas pequenas velas de cera, sobre uma mesa coberta com uma toalha branca, servia-lhe de espaldar uma colcha de chita com folhos. Em roda da sala estavam collocados assentos de toda a natureza, bancos, cadeiras, etc, onde se assentavam os convidados. Não eram estes em pequeno numero, eram ciganos e gente do paiz; traziam *toilettes* de toda a casta, do soffrivel para baixo; mostravam-se alegres e dispostos a aproveitarem bem a noite.

Os meninos entraram sem que alguém reparasse nelles, e foram collocar-se perto do oratorio.

Dahi a pouco começou o fado.

Todos sabem o que é fado, essa danza tão voluptuosa, tão variada, que parece filha do mais apurado estudo da arte. Uma simples viola serve melhor do que instrumento algum para o effeito.

O fado tem diversas fórmas, cada qual mais original. Ora, uma só pessoa, homem ou mulher, danza no meio da casa por algum tempo, fazendo passos os mais diffcultosos, tomando as mais airozas posições, acompanhando tudo isso com estalos que dá com os dedos, e vai de pois pouco a pouco approximando-se de qualquer que lhe agrada; faz-lhe diante algumas negaças e vira-voltas, e, finalmente, bate palmas, o que quer dizer que a escolheu para substituir o seu lugar.

Assim corre toda a roda até que todos tenham dançado.

Outras vezes um homem e uma mulher dansam juntos; seguindo com a maior certeza o compasso da musica, ora acompanham-se a passos lentos, ora apressados, depois repellem-se, depois juntam-se; o homem ás vezes busca a mulher com passos ligeiros, emquanto ella, fazendo um pequeno movimento com o corpo com os braços, recua vagarosamente; outras vezes, ella quem procura o homem que recua por seu turno, até que emfim acompanham-se de novo.

Ha tambem a roda, em que dansam muitas pessoas, interrompendo certos compassos com palmas e com um sapateado as vezes estrondoso e prolongado, ás vezes mais brando e mais breve, porém sempre igual e a um só tempo.

Além destas ha ainda outras fórmãs de que não falamos. A musica é differente para cada uma, porém sempre tocada em viola. Muitas vezes o tocador canta em certos compassos uma cantiga ás vezes de pensamento verdadeiramente poetico.

Quando o fado começa custa a acabar; termina sempre pela madrugada, quando não leva de enfiada dias e noites seguidas e inteiras.

O menino, esquecido de tudo pelo prazer, assistiu á festa emquanto pôde; depois chegou-lhe o somno, e reunindo-se com os companheiros em um canto, adormeceram todos, embalados pela viola e pelo sapateado.

Quando amanheceu acordou sarapantado; chamou um dos companheiros e pediu que o levasse para casa.

O padrinho ia sahindo para começar as pesquisas, quando esbarrou com elle.

— Menino dos tresentos... onde te metteste tu?

— Fui ver um oratorio... Não diz que eu hei de ser padre? !...

O padrinho olhou-o por muito tempo e, afinal, não podendo resistir ao ar de *ingenuidade* que elle mes-



Leonardo-Pataca

trava, desatou a rir e levou-o para dentro já completamente apaziguado.

VII

A COMADRE

Cumpre-nos agora dizer alguma cousa a respeito de uma personagem, que representará no correr desta historia um importante papel e que o leitor apenas conhece, porque nella tocámos de passagem no primeiro capitulo: é a comadre, a parteira que, como dissemos, servira de madrinha ao nosso memorando.

Era a comadre uma mulher baixa, excessivamente gorda, bonanchona, ingenua ou tola até um certo ponto, e finoria até outro; vivia do officio de parteira, que adoptára por curiosidade, e benzia de quebranto; todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade. Era a folhinha mais exacta de todas as festas religiosas que aqui se faziam; sabia de côr os dias em que se dizia missa em tal ou tal igreja, como a hora e até o nome do padre; era pontual á ladainha, ao terço, á novena, ao septenario; não lhe escapava Via-Sacra, procissão, nem sermão; trazia o tempo habilmente distribuido e as horas combinadas, de maneira que nunca lhe aconteceu chegar á igreja e achar já a missa no altar. De madrugada começava pela missa da Lapa; apenas acabava ia á das 8 na Sé, e dahi sahindo, pilhava ainda a das 9 em Santo Antonio. O seu traje habitual era, como o de todas as mulheres da sua condição e esphera, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engommado ao pescoço, outro na cabeça, um rosario pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atraz da orelha, tudo isto coberto por uma classica mantilha, junto á renda da qual se pregava uma pequena figa de osso. Nos dias duplices, em vez de

MEMORIAS — 3

Henço á cabeça, o cabello era penteado e seguro por um enorme pente cravejado de chrysolithas.

Este uso da mantilha era um arremedo do uso hespanhol; porém a mantilha hespanhola, temos ouvido dizer, é uma cousa poetica que reveste as mulheres de um certo mysterio, e que lhes realça a belleza; a mantilha das nossas mulheres, não; era a cousa mais prosaica que se póde imaginar, especialmente quando as que as traziam eram baixas e gordas como a comadre. A mais brilhante festa religiosa (que eram as mais frequentadas então) tomava um aspecto lugubre logo que a igreja se enchia daquelles vultos negros, que se uniam uns aos outros, que se inclinavam cochichando a cada momento.

Mas a mantilha era o trajo mais conveniente aos costumes da época; sendo as acções dos outros o principal cuidado de quasi todos, era muito necessario ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rotulas para as casas, eram o observatorio da vida alheia. Muito agitada e cheia de accidentes era a vida que levava a comadre, de parteira, beata e curandeira de quebranto; não tinha por isso muito tempo de fazer visitas e procurar os conhecidos e amigos. Assim não procurava o Leonardo muitas vezes; havia muito tempo que não sabia noticia delle, nem da Maria, nem do afilhado, quando um dia na Sé ouviu entre duas beatas de mantilha a seguinte conversa:

— E' o que lhe digo: a saloiasinha era da pelle do tinoso!

— E parecia uma santinha... e o Leonardo o que lhe fez?

— Ora, desancou-a de murros, e foi o que fez com que ella abalasse mais depressa com o capitão... pois colhe, não teve razão; o Leonardo é um rapagão; ganhava boas patacas, e tratava della como de uma senhora!

— E o filho... que assim mesmo pequeno era um malcriadão.

— O padrinho tomou conta d'elle; quer-lhe um bem extraordinario... está maluco o coitado do homem, diz que o menino ha de por força ser padre... mas qual padre, se elle é um endiabrado!

Nesta occasião levanta-se a Deus, e as duas beatas interromperam a conversa para bater nos peitos.

Era uma dellas a visinha do compadre, que prognosticava máo fim ao menino, e com quem elle promettera fazer uma estralada; a outra era uma das que tinha estado na funcção do baptisado.

A comadre apenas ouviu isto, foi procurar o compadre; não se pense porém que a levava a isso outro interesse que não fosse a curiosidade, queria saber o caso com todos os menores detalhes; isso lhe dava longa materia para a conversa na igreja, e para entreter as parturientes que se conflavam aos seus cuidados. Entrou pela loja do barbeiro e, apenas o avistou, foi-lhe dizendo:

— Então, com que a tal comadre pregou-nos o mono? Veja o que são doudices; fazer aquillo ao Leonardo, um homem que não é mal arranjado... filho do reino.

— Apertara-lhe as saudades da terra, disse o compadre com sorriso maligno.

— Apertada se veja ella entre as unhas do tinhoso! Olhem que joiasinha. E você, mestre, ficou com a carga às costas.

— Carga, não... eu quero-lhe bem, elle é socega-dinho.

Começou então um interrogatorio minucioso ácerca do que tinha succedido em casa do Leonardo; e os dous, compadre e comadre e comadre, desabafaram a seu gosto. Depois o compadre narrou, mesmo sem ser interrogado, todas as gentilezas do afilhado, e contou as suas intenções a respeito d'elle. A comadre não concor-

dou com ellas (o que nada agradou ao compadre), não via o menino com geito para padre; achava melhor mettê-lo na Conceição a aprender um officio. O compadre, porém, persistiu em seus intentos, que tinha muita esperança de ver realisados. Afinal a comadre retirou-se.

Pelo caminho foi repetindo o que acabara de saber a quante conhecido encontrou, sem escrupular muito em accrescentar mais uma ou outra circumstancia com que carregava as côres do quadro.

Entretanto o compadre applicava-se a trabalhar na realisação de seus intentos, e começou por ensinar o A B C ao menino, porém, por primeira contrariedade, este impacou no F, e nada o fazia passar adiante.

A comadre continuou a apparecer dahi em diante por um motivo que mais tarde se saberá.

Por agora vamos continuar a contar o que era feito do Leonardo.

VIII

O PATEO DOS BICHOS

Ainda hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta nossa historia se chamava o palacio d'el-rei, uma saleta ou quarto que os gaiatos e o povo denominavam *O pateo dos Bichos*. Este appellido lhe fôra dado em consequencia do fim para que então servia; passavam ali todos os dias do anno tres ou quatro officiaes superiores, velhos, incapazes para a guerra e inuteis na paz, que o rei tinha a seu serviço, não sabemos se com mais alguma vantagem de soldo, ou se só com mais a honra de serem empregados no rea serviço. Bem poucas vezes havia occasião de serem elles chamados por ordem real para qualquer cousa, e todo o tempo passavam em santo ocio, ora mudos e silenciosos, ora conversando sobre cousas do seu tempo, e censurando as do que com razão já não supunham seu, porque nenhum delles era menor de 60

annos. A's vezes acontecia adormecerem todos ao mesmo tempo, e então com resonancia de suas respirações, passando pelos narizes atabacados, entoavam um quarteto, pedaço impagavel, que os officiaes e soldados que estavam de guarda, creados e mais pessoas que passavam, vinham apreciar á porta. Eram os pobres homens muitas vezes victimas de caçadas que, naquelle tempo de poucas preocupações, eram o objecto de estudo de muita gente.

A's vezes qualquer que os pilhava dormindo chegava á porta e gritava :

— Sr. tenente-coronel, el-rei procura por v. s.

Qualquer delles acordava espantado, tomava o chapéu armado, punha o talim, acontecendo ás vezes com a pressa ficar o chapéu torto ou a espada do lado direito, e lá corria a ter com el-rei.

— A's vossas ordens, real senhor, dizia ainda bocejando.

O rei, que percebia o negocio, desatava a rir e mandava-o embora.

Quando chegava o pobre homem abaixo, ia cada um dos que por ali se achavam indagar, o mais seriamente que era possível, qual tinha sido o objecto do chamado d'el-rei.

Faziam-lhes destas e de outras, mas dahi a pouco deixavam-se elles enganar de novo.

Vamos fazer o leitor tomar conhecimento com um desses *activos* militares, que entra tambem na nossa historia.

Era velho como seus companheiros, porém de certo por elle não é que tinha vindo ao quarto o appellido que lhe davam ; suas feições quebradas pela idade tinham ainda certa regularidade de contorno, que bem denotava que seu tempo de rapaz não fôra a respeito de belleza mal favorecido ; de seus cabellos, que o tempo levava, restavam apenas, orlando-lhe a nuca e as tempo-

ros alguns aneis crespos e prateados, sua calva era nobre e imponente. Fôra valente; ganhara por seus feitos as dragonas de tenente-coronel; era filho de Portugal, e acompanhara el-rei na sua vinda ao Brazil.

Estas qualidades, porém, não lhe serviam de salva-guarda e soffria como os outros as caçoadas dos gaiatos.

Assim um dia que uma mulher de mantilha o foi procurar, e se poz com elle a conversar por algum tempo em particular, passavam uns e outros, escarravam junto da porta, ou deixavam escapar uma ou outra chalaça analoga.

— Amores velhos nunca se esquecem, dizia um.

— Bravo! Gosto do bom gosto, dizia outro.

A mulher de mantilha é nossa conhecida, porque nem mais nem menos é a comadre; e o negocio que ahi a levou tambem nos interessa, pois que se trata da soltura do pobre Leonardo. Ouça, portanto, o leitor a conversa dos dous.

— Sr. tenente-coronel, disse a comadre ao chegar venho me valer de V. S.; meu compadre Leonardo está na cadeia.

— O Leonardo?! Mas então porque?

— Ora! maluquices!

E chegando-se ao ouvido do velho, contou-lhe a comadre baixinho a causa da prisão do Leonardo.

O velho desatou a rir.

— Bem pregado! disse.

— Agora eu queria que V. S. fizesse o favor de falar por elle ao sr. major Vidigal, que foi quem o prendeu... coitado do homem; é uma vergonha; mas tambem elle não se emenda!

E proseguindo, a comadre contou muito em segredo, como já o tinha feito a todos os seus conhecidos, toda a historia dos infelizes amores do Leonardo com a Maria, todas as diabruras do menino que ella deixára e de

que o padrinho tomára conta, passou depois a relatar todo occorrido com a cigana, e voltou de novo á historia da prisão, que contou e recontou vezes, sem lhe escapar a mais pequenina circumstancia. No fim tornou a fazer o seu pedido, a que o velho prometeu satisfazer, e então sahiu ella, recebendo no saguão muitos cumprimentos e sorrisos maliciosos. Na porta por onde sahiu estava encostado um cadete que lhe disse:

— Estimo que fosse feliz; no dia do baptisado não se esqueça da gente.

— Arrengo! Foi a unica resposta que ella deu e passou.

Como o velho tenente-coronel conhecia a comadre e o Leonardo e porque se interessava por elle, o leitor saberá mais para diante.

Esse conhecimento era antigo, e o Leonardo, apenas se achou na cadeia, lembrou-se da protecção que o velho lhe podia prestar em semelhante aperto; mandou por um collega chamar a comadre, e a encarregou da missão de ir ter com elle, missão que ella acceitou de bom grado, e que desempenhou, segundo vimos satisfactoriamente.

O velho, apenas a comadre sahiu, tomou o chapéu armado, poz a espada á cinta e sahiu, depois de ter contado aos companheiros o que succede a quem vae tomar fortuna. Um delles, que era credulo até ao entusiasmo a respeito de feitiçarias, ficou muito indignado com o caso, e prometeu tambem empenhar-se pelo Leonardo.

Já vê, pois, o leitor, que o negocio não estava mal parado, e em breve saberá o resultado de tudo isto.

IX

O — ARRANJEI-ME — DO COMPADRE

Os leitores estarão lembrados do que o compadre disséra, quando estava a fazer castellos no ar a respeito

do afillhado, e pensando em dar-lhe o mesmo officio que exercia, isto é, daquelle *arranjei-me*, cuja explicação promettemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.

Se alguém perguntasse ao compadre por seus paes, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua historia reduzia-se a bem pouco. Quando chegara a idade de dar accordo da vida, achou-se em casa de um barbeiro que d'elle cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pae ou seu parente, nem tão pouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Tambem nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio á curiosidade indagal-o.

Esse homem ensinara-lhe o officio, e por inaudito milagre tambem a ler e a escrever. Emquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do famulo, por outro com a do filho, por outro com a do aggregado, e que afinal não era senão vida de engraidado, que o leitor sem duvida já adivinhou que elle o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por elle tinha já feito.

Quando passou de menino a rapaz, e chegou a saber barbear e sangrar soffrivelmente, foi obrigado a manter-se á sua custa e a pagar a morada com os *ganchos* que fazia, porque o producto do mais trabalho pertencia ainda ao mestre. Sujeitou-se a isso. Porém queriam ainda mais: exigiam que continuasse a empregar-se no serviço domestico. Lavrou-lhe então n'alma um arrepio de dignidade; já era official, e não queria rebaixar o seu officio. Virou mareta, fez-se duro, e saffou-se de casa sem escrúpulos nem remorsos, pois bem sabia que estavam saldas as contas de parte a parte, Tinham-o criado; elle tinha servido. Tambem não encontrou grande resistencia á sua deliberação.

Apenas passou o primeiro impeto e teve tempo de

reflexionar, quasi que começou a arrepender-se por não saber qual o meio de achar arranjo. Viu-se na rua, sem saber para onde ir, tendo por unica fortuna uma bacia de barbear em baixo do braço, um par de navalhas e outro de lancetas na algibeira. Verdade é que quem tinha comsigo estes trastes estava com as armas e uniforme do officio ; porém isso não bastava ; o pobre rapaz estava em apertos.

Passou a primeira noite em casa de um collega, e no dia seguinte, ao amanhecer, tomando os seus apetrechos, sahi em busca de que fazer para aquelle dia, e de destino para os mais que se iam seguir.

Achou ambas as cousas : uma trouxe a outra.

No largo do Paço, um marujo que estava sentado em uma pedra junto ao mar, chamou-o para que lhe fizesse a barba ; mãos á obra, que já naquelle dia não morria de fome.

Todo o barbeiro é tagarella, e principalmente quando tem pouco que fazer ; começou portanto a puxar conversa com o freguez. Foi a sua salvação e fortuna.

O navio a que o marujo pertencia viajara para a Costa e occupava-se no commercio de negros ; era um dos comboios que traziam fornecimento para o Valongo, e estava prompto a largar.

— O' mestre ! disse o marujo no meio da conversa, você tambem não é sangrador ?

— Sim, eu tambem sangro...

— Pois olhe, você estava bem bom, se quizesse ir conosco, para curar a gente a bordo ; morre-se ali que é uma praga.

— Homem, eu da cirurgia não entendo *muito*...

— Pois já não disse que sabe tambem sangrar ?

— Sim...

— Então já sabe até demais.

No dia seguinte sahi c nosso homem pela barra fóra ; a fortuna tinha-lhe dado o meio, cumpria sabel-o apro-

veitar; de official de barbeiro dava um salto mortal a *medico* de navio negreiro; restava unicamente saber fazer render a nova posição. Isso ficou por sua conta.

Por um feliz acaso, logo nos primeiros dias de viagem adoeceram dous marinheiros; chamou-se o medico; elle fez tudo que sabia... sangrou os doentes, e em pouco tempo estavam bons, perfectos. Com isso ganhou immensa reputação e começou a ser estimado.

Chegaram com feliz viagem ao seu destino; tomaram o seu carregamento de gente e voltaram para o Rio. Graças á lanceta do nosso homem, nem um só negro morreu, o que muito contribuiu para augmentar-lhe a solida reputação de entendedor do riscado.

Poucos dias antes de chegar ao Rio, o capitão do navio adoeceu; a principio nem elle, nem alguém teve a menor duvida de que ficaria bom logo depois da primeira sangria; porém repentinamente o negocio complicou-se, e nem com a terceira e quarta se pôde conseguir cousa alguma. No fim do quarto dia convenceram-se todos, e o proprio doente capitão, de que estava chegada a sua hora. Nem por isso, porém, inculparam o nosso homem.

— Ali não ha sangria que o salve, diziam; chegou a sua vez de dar á costa... ha de ir.

O capitão teve de fazer suas ultimas disposições, e, como dissemos, tendo o *medico* grangeado grande amizade e confiança, foi escolhido para desempenhal-as.

O capitão chamou-o de parte, e em segredo lhe fez entrega de uma cinta de ouro e uma caixa de pão pedradas de um bom par de doblas em ouro e prata, pedindo que fielmente as fosse entregar, apenas chegasse á terra, a uma filha sua, cuja morada lhe indicou. Além deste dinheiro encarregou-o tambem de receber a soldada daquella viagem e lhe dar o mesmo destino.

Eram estas suas unicas e ultimas vontades, que o encarregava de cumprir, declarando-lhe que lá do outro mundo o espiaria para ver como cuidava disso.

Poucas horas depois expirou.

Desse dia em diante nem um só doente escapou mais, porque o *medico* já não sangrava tanto; andava preocupado, distrahido, e assim levou até chegar á terra.

Apenas saltou, declarou que não se tinha dado bem e que não embarcaria mais.

Quanto ás ordens do capitão... historias; quem é que lhe havia de vir tomar contas disso? Ninguem viu o que se passou; de nada se sabia. Os unicos que podiam ter desconfiado e fazer alguma cousa eram os marinheiros; porém estes partiram em breve de novo para a Costa.

O compadreja decidiu-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez.

Eis aqui como se explica o *arranjei-me*, e como se explicam muitos outros que vão ahi pelo mundo.

X

EXPLICAÇÕES

O velho tenente-coronel, apesar de virtuoso e bom, não deixava de ter na consciencia um soffrivel par de peccados, desses que se chamam da carne, e que não hão de ser levados em conta, não de hoje, que a idade o tornára inoffensivo; porém do tempo de sua mocidade: o resultado de um delles fôra um filho que deixára em Lisboa, fructo de um derradeiro amor que tivera aos 36 annos. Por castigo em nada havia elle saído ao pae, e nem os conselhos, nem os cuidados e nem o exemplo deste puderam encaminhal-o por boa vereda. Aos 20 annos, tendo sentado praça, era um cadete desordeiro, jogador e o mais insubordinado do seu regimento. Bastantes vergonhas custára ao pobre

pae, que cuidadoso procurava sempre por todos os meios encobrir-lhe os defeitos e remediar as gentilezas que fazia, já pagando por elle dividas de jogo, já atabafando-lhe as desordens e curando com ouro as brechas que elle fazia na cabeça de seus adversarios. Houve, porém uma que as circumstancias e mesmo a natureza do caso não permittiram que houvesse remedio. Poucos dias antes de embarcar para o Brazil em companhia d'el-rei, estando o infeliz pae em preparativos de viagem, viu entrar-lhe pela porta a dentro uma mulher velha, baixa, gorda, vermelha, segundo o costume das mulheres da baixa classe do paiz, com uma saia de ganga azul por cima de um vestido de chita, um lenço branco dobrado triangularmente, posto sobre a cabeça e preso em baixo do queixo, e uns grossos sapatões nos pés. Parecia presa de grande agitação e de raiva; os seus olhos pequenos e azues faiscavam de dentro das orbitas afundadas pela idade, suas faces estavam rubras e luzentes, seus labios franzinos e franzidos apertavam-se violentamente um contra o outro, como prendendo uma torrente de injurias, e tornando mais sensivel ainda seu queixo pontudo e um pouco revirado.

Apenas se achou ella em frente do capitão (era este o posto que tinha nesse tempo o velho) foi-se chegando para elle com ar resolutivo e enfurecido. O capitão recouu instinctivamente um passo.

— Ah! sr. capitão, disse ella por fim pondo as mãos nas codeiras, chegando a bocca muito perto do rosto d'elle e abanando raivosa a cabeça; olhe que isto assim não vae direito, faz-me andar a cabeça á roda... põe-me os miolos á ferver... e eu estouro... já viu!

— Mas o que ha então, mulher?... Eu não lhe conheço...

— Não quero cá saber de nada... Já lhe disse que isto não vae bem... e eu estouro...

— Mas porque?... O que é que tem?... E' preciso que você diga...

— Não tenho nada que dizer... Estouro, já lhe disse, sr. capitão !...

— Pois estoure com tresentos diabos! Mas ao menos diga pelo que é que estoura.

— Não tenho nada que dizer... Já lhe disse... isso põe a cabeça da gente como uma cebola podre, não tem lugar nenhum... Ir-me por lá com ares de santarão comprar fructas...

— Quem, mulher de Deus? Você não se explicará?

— Qual explicar, nem meio explicar! Pois então por ser cá a gente uma mulher velha, que já perdeu os achegos ao mundo, e ella um pobre rapariga tôla e bisbilhoteira, com vontade de saber de tudo, vir-me cá a mim pregar o mono na bochecha, e a ella em lugar ainda mais melindroso...

— Mas quem é que pregou monos a você mais a ella? E quem é ella?

— Faz-se de novo! continuou a mulher exasperando-se; pois o sr. capitão já não tinha consentido no casamento?...

— Que casamento? Com quem?....

— Ai, ai, ai, que cá me anda a cabeça como uma nora solta... Pois o sr. capitão não sabe que tem um filho?...

— Sim, sei, respondeu este começando a descobrir o mysterio.

— E não sabe que elle é um pejaço de um mariola!...

— A isto o capitão podia, porém não se animou a responder affirmativamente, e perguntou sómente:

— E que mais?

— E não sabe tambem que eu tenha uma filha que trouxe do Lumiar, a Mariasinha?

— Como, se eu nem a conheço?...

— Pois é uma rapariga muito capaz... e o diabo do tal cadete do seu filho andou por lá a entender com ella muito tempo; namoro para cá, namoro para la, presentes daqui, promessas d'acolá... e afinal de contas... braz!... E então que lhe parece?

O capitão foi ás nuvens.

— Até lhe prometteu casamento, dizendo que o sr. capitão consentia... Ora eu bem sei que ella tambem teve sua culpa... mas eu desculpo isso, porque tambem já fui rapariga... e sei que quando começa cá o diabo no corpo, adeus! Mas isto põe a gente tonta, porque... a rapariga podia vir a fazer fortuna.

O capitão tinha comprehendido tudo, e por mais algumas explicações que se seguiram, viu-se reduzido ao maior aperto. Desta vez a diabrura do rapaz era irremediavel. A mulher tinha toda a razão; porém casar seu filho com a filha de uma collareija... isso não poderia ser; além de que nada tinha que deixar ao filho, e só com o soldo de cadete não poderia sustentar mulher e casa, restando além disso a duvida se elle estaria ou não pelos autos...

Despediu a velha, não sem lhe prometter que providenciaria sobre o caso.

— Olhe, veja lá, disse ella ao sahir; se o negocio não se arranja, eu estouro!...

O pobre homem ficou nos apuros; foi ter com a offendida, e procurou, offerecendo-lhe alguma cousa para seu dote, obter que ella se calasse, e que dosistisse de suas pretensões; esta quiz a principio recusar, porém a mãe aconselhou-a que aceitasse, sem duvida com medo de estourar. Deste modo ficou o caso um pouco remediado, posto que a consciencia do capitão, que era de homem de honra, não ficára de modo algum satisfeita. O tempo, porém, não dava lugar a mais; era chegado o momento de acompanhar a ei-rei, e elle partiu, deixando o filho recommendado a quantos ami-

gos tinha. Decorreram os annos, e quando menos esperava soube elle que se achava no Rio de Janeiro em companhia do Leonardo a tal Mariasinha, que então já era a Maria que os leitores bem conhecem. Procurou fazer o que pudesse por ella para satisfazer todos os seus escrúpulos de pae honrado, porém quiz fazel-o occultamente. Foi ter com a comadre, a quem já conhecia, e a encarregou de o avisar apenas sentisse que a Maria soffria qualquer necessidade. Nunca, porém, teve occasião de exercer a sua boa vontade directamente para com ella. Apenas tinha feito ao Leonardo um pequeno favor em occasião em que este se achava embaraçado por causa de uma irregularidade em uns autos que so lhe attribuia, e que a comadre o aconselhou de procural-o, mesmo sem o conhecer, a titulo de que era muito bom homem e amigo de servir a todos.

Eis aqui porque o Leonardo se dirigiu no seu segundo apuro ao velho tenente-coronel por intermedio da comadre, e porque este prometeu empenhar-se por elle, o que com effeito tratou de cumprir.

Como dissemos, apenas a comadre sahio, sahio elle tambem, e foi tratar de pôr o Leonardo na rua. Dirigiu-se primeiro á cadeia, para colher do proprio Leonardo todas as informações, e então pôde ver que as que lhe tinha dado a comadre eram exactissimas, e que ella não deixara escapar a menor circumstancia. O Leonardo repetiu e confessou tudo o que elle já sabia, corrido de embaraço e de vergonha; e ao despedir-se o velho:

— Sr. tenente-coronel, disse-lhe elle, V. S. já me livrou de uma que não era culpa minha; livre-me desta tambem... olhe que está compromettida a minha honra...

O Leonardo esquecia-se da theoria da Maria.

— A honra não, respondeu o velho, o que está com-

promettido é o seu juízo; hão de dizer (e eu sou o primeiro) que você está doido.

— Fugi de uma saloia e fui cair em uma cigana, tem razão !...

— O velho sahio sorrindo-se. Dahi dirigiu-se á casa de um seu amigo, fidalgo de valimento, para delle obter a soltura do Leonardo. Morava elle em uma das ruas mais estreitas da cidade, em um sobrado de sacada de rotulas de páo com pequenos postigos, que se abriam ás furtadellas, sem que ninguem de fóra pudesse ver quem a elles chegava.

A poeira amontoada nos cordões da rotula e as paredes encardidas pelo tempo davam á casa um aspecto triste no exterior; quanto ao interior, andava pelo mesmo consequente. A sala era pequena e baixa; a mobilia que a guarnecia era toda de jacarandá e feita no gosto antigo; todas as peças eram enormes e pesadas; as cadeiras e o canapé, de pés arcados e espaldares altíssimos, tinham os assentos de couro, que era a moda da transição entre o estofo e a palhinha. Quem quizer ter idéa exacta destes moveis procure no consistorio de alguma irmandade antiga, onde temos visto alguns delles.

As paredes eram ornadas por uma duzia de quadros, ou antes de caixas de vidro que deixavam ver em seu interior paizagens e flores feitas de conchinhas de todas as côres, que não eram totalmente feias, porém que não tinham de certo o subido valor que se lhes dava naquelle tempo. A' direita da sala havia sobre uma mesa um enorme oratorio no mesmo gosto da mobilia.

Havia, finalmente, em um canto uma palma benta, destas que se distribuem em domingo de ramos; e se o leitor agora suppuzer tudo isto coberto por uma densa camada de poeira, terá idéa perfeita do lugar em que foi recebido o velho tenente-coronel, e que era pouco

mais ou menos semelhante em todas as casas ricas de então, e por isso nos demoramos em descrevel-o.

Sem se fazer esperar muito, appareceu o dono da casa : era já velho e de cara um pouco ingrata ; vinha de tamancos, sem meias, em mangas de camisa, com um capote de lã de xadrez sobre os hombros, caixa de rapé e lença encarnado na mão.

Em poucas palavras o velho expoz-lhe o caso e lhe pediu que fosse falar a el-rei em favor de Leonardo.

A principio oppoz elle algumas duvidas, dizendo :

— Homem, pois eu hei de ir a palacio por causa de um meirinho ? El-rei ha de rir se do meu afillhado.

Afinal, porém, teve de ceder ás instancias da amizade, e promettou tudo. O velho sahiu satisfeito e foi levar a nova ao Leonardo, que pulou de contente. Poucos dias depois chegou a ordem de soltura e elle foi posto na rua. Acreditara que tinha acabado de passar pelo peor dos supplicios, porém insupportaveis torturas começaram para elle no dia em que sahiu da cadeia ; a mófa, o escarneo, o riso dos companheiros seguiu-o por muitos dias, incessante e martyrisador.

XI

PROGRESSO E ATRASO

Dadas as explicações do capitulo precedente voltemos ao nosso memorando, de quem por um pouco nos esquecemos. Apressemos-nos a dar ao leitor uma boa noticia : o menino desempacara do *F*, e já se achava no *P*, onde por uma infelidade empacou de novo. O padrinho anda contentissimo com este progresso, e vê clarear-se o horizonte de suas esperanças ; declara positivamente que nunca viu menino de melhor memoria do que o afillhado, e cada lição que este dá sabida de quatro em quatro dias pelo menos é para elle um triumpho. Ha porém uma cousa que o entristece no meio de tudo ; o menino-

MEMORIAS—4

tem para a reza, e em geral para tudo quanto diz respeito á religião, uma aversão decidida ; nao é capaz de fazer o pelo-signal da esquerda para a direita, faloz sempre da direita para a esquerda, e não foi possível ao padrinho, apesar de toda a paciencia e boa vontade, fazel-o repetir de côr, sem errar, ao menos a metade do Padre-Nosso ; em vez de dizer :—venha a nós o vosso reino—diz sempre :—Venha a nós o pão nosso.—Ir á missa, ao sermão, é para elle o maior de todos os supplicios, isto faz que o padrinho desespera ás vezes, e até chegue a concordar com a comadre em que o menino não tem geito para clerigo ; porém nuvens passageiras ; sempre ha isto ou aquillo que faz renascer todas as esperanças, e o homem caminha animado na sua obra.

O que elle, porém, esperava, não esperavam todos, e ninguem via no menino senão um futuro peralta da primeira grandeza ; quem mais contava com isso era a vizinha do barbeiro, aquella a quem elle chamava o agouro do pequeno. Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chamam de faca e calhão, valentona, presumptuosa e que se gabava de não ter papas na lingua ; era viuva, e importunava a todo o mundo com as virtudes do seu defunto. Serrazina e amiga de contrariar, não perdia occasião de desmentir o vizinho em suas esperanças a respeito do afilhado, declarando que não lhe via geito para cousa que lhe pertencesse o fim que elle havia ter, e que quando elle crescesse o melhor remedo era dar-lhe com os ossos a bordo de um navio ou pôr-lhe o covado e meio ás costas. O barbeiro desesperava com isso ; por muito tempo conseguiu conter-se, porém, um dia não pôde mais e disparatou com a sujeita. Chegando por acaso á porta da loja, a vizinha, que estava á janella, disse-lhe em tom de zombaria :

— Então, vizinho, como vae o seu reverendo ?

Um velho que morava defronte, e que tambem se achava á janella, desatou a rir com a pergunta.

O compadre foi ás nuvens, avermelhou-se-lhe a calva, franziu a testa, porém fez que não tinha ouvido. A vizinha poz-se tambem a rir, percebendo o cavaco, e accrescentou :

— Padre amigo do fado... tem que ver... Quando vae elle outra vez á casa dos ciganos?...

O velho defronte redobrou a risada. A vizinha continuou :

— Então elle já encarrilha o Padre-Nosso?

O compadre exasperou-se completamente; e estudando uma injuria bem grande para responder, disse afinal :

— Já... já... senhora intromettida com a vida alheia... já sabe o Padre Nosso, e eu o faço rezar todas as noites um pelo seu defunto marido, que está a esta hora dando couces no inferno!...

— Heim?... O que é que você diz, senhor raspabarbas? Você mette terceiros na conversa? disse a vizinha increspando-se; olhe que esse de quem você fala nunca foi sangrador, nem viveu de aparas de cabellos... Não se metta commigo que hei de lhe dizer das ultimas e pôr os podres na rua... Couces no inferno!!! Ora dá-se? Um santo homem... Couces no inferno... Pois agora saiba, porque eu cá não tenho papas na lingua, que o tal seu afilhado das duzias é um pedaço de um malcriado muito grande, que ha de deshonnar as barbas de quem o criou... E não tem que ver, porque elle é de má raça.. já ouviu? Não se metta commigo...

— E você, respondeu o compadre enquanto a vizinha tomava folego, porque se mette com o que não é da sua repartição?

Ella proseguiu :

— Hei de me metter; não é da sua conta, nem vna cá dar regras, que eu não preciso de você...

— Mas o que tem você que entender com uma criança innocente que nunca lhe fez mal?..

— Tenho muito, porque não me deixa parar os telhados com pedras, faz-me caretas quando me vê na janella, e trata-me como se fosse alguma salaia ou mulher de barbeiro... Digo-lhe e repito-lhe... aquillo tem mãos bofes e não ha de ter bom fim...

— Está bom, senhora, respondeu o compadre que tinha bom genio, e que só fôra levado áquelle excess pelo amor do afilhado; basta de resingas, olhe a vizinhança.

— Ora, tomara a vizinhança ver-se livre do tal diabo...

O menino chegou nessa occasião á porta, e pondo-se na ponta dos pés, esticando o pescoço, e abanando-o como a vizinha e imitando-lhe a voz, repetia:

— Ver-se livre do tal diabo...

O compadre achou tanta graça, que se deu por vingado, e desatou a rir por seu turno.

— Ah! disse a vizinha, agradece a boa vontade meu diabo em figura de menino; tu não tens a culpa; a culpa tem quem te dá ousadias.

— A culpa tem quem te dá ousadias... repetiu o menino arremedando.

O compadre ria-se a perder.

A vizinha desesperada bateu com o postigo e recollheu-se, porém, por muito tempo falou em voz alta, da maneira que toda a vizinhança ouvia, dizendo quanto improperio lhe veio á cabeça contra o barbeiro e o menino.

— O pequeno encheu-me as medidas, disse este consigo, vingou-me desta; agora falta-me aquelle vello defronte, que tambem a acompanhou na risota; mas não faltará occasião.

Esqueceu-nos dizer que o barbeiro, apesar de ter sabido, pouco se importára com a prisão do Leonário,

e referindo-se á causa da infelicidade deste, dissera apenas :

— E' bem feito, para elle não se deixar arrastar para toda a parte, agarrado em quanto rabo de saia lhe apparece.

Nem foi á cadêa visital-o, nem levar-lhe o filho para tomar a benção, o que a comadre muito reprovou quando soube.

O velho tenente-coronel, depois de ter posto na rua o Leonardo, informado miudamente, como sabe o leitor, pela comadre do destino da Maria, decidiu tomar o menino sob sua protecção, e acreditou que se conseguisso felicital-o, lavaria seu filho do peccado de ter deshonrado a Maria. Por intermedio da comadre, mandou offerecer ao compadre seu prestimo em favor do pequeno, mandou-lhe propôr até que o deixasse ir para a sua companhia. O compadre, porém, não esteve por isso de modo nenhum e até, se prometeu acceitar para qualquer outra cousa a protecção do tenente-coronel, foi a instancias da comadre.

— Não quero, dizia elle, que me roubem o gosto de tál-o feito gente; comecei a minha obra, hei de acabal-a.

— Homem, retorquira-lhe a comadre, você faz mal; olhe que o velho é homem de representação; veja como elle com duas voltas e meia poz o Leonardo na rua.

— Nada, não hei de dar o gostinho aqui a esta sucia da vizinhança; hei de eu mesmo fazer a cousa por minhas mãos. Lá se o tenente-coronel quizer fazer alguma cousa por elle, acceito; mas quanto a tiral-o da minha companhia, isso nunca. Agora já é birra; hei de levar a minha avante.

XII

ENTRADA PARA A ESCOLA

E' mister agora passar em silencio sobre alguns annos da vida do nosso memorando, para não cansar o leitor,

repetindo a historia de mil travessuras do menino no genero das que já se conhecem ; foram diabruras de todo o tamanho que exasperaram a vizinha, desgostaram a comadre, mas que não alteraram em cousa alguma a amizade do barbeiro pelo afillado ; cada vez esta augmentava, se era possivel, tornava-se mais céga. Com elle cresciam as esperanças do bello futuro com que o compadre sonhava para o pequeno, e tanto mais que durante este tempo fizera este *alguns* progressos ; lia solettrado soffrivelmente, e por inaudita victoria da paciencia do compadre apprehendera a ajudar missa. A primeira vez que elle conseguiu praticar com decencia e exactidão semelhante acto, o padrinho exultou ; foi um dia de orgulho e de prazer ; era o primeiro passo no caminho para que elle o destinava.

— E dizem que não tem geito para padre, pensou consigo ; ora acertei o alvo, dei-lhe com a balda. Elle nasceu mesmo para aquillo, ha de ser um clerigo de truz. Vou tratar de mettê-lo na escola, e depois... toca.

Com effeito foi cuidar nisso e falar ao mestre para receber o pequeno ; morava este em uma casa da rua da Valla, pequena e escura.

Foi o barbeiro recebido na sala, que era mobiliada por quatro ou cinco longos bancos de pinho, sujos já pelo uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outra maior onde escreviam os discipulos, toda cheia de pequenos buracos para os tinteiros ; nas paredes do tecto havia pendurada uma porção enorme de gaiolas de todos os tamanhos e feitios, dentro das quaes pulavam e cantavam passarinhos de diversas qualidades ; era a paixão predilecta do pedagogo.

Era este um homem todo em proporções infinitesimaes, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo ; usava de oculos, tinha pretenções de latinista, e dava bolos nos discipulos por *dá cá aquella palha*. Por isso era um dos mais acre-

ditados da cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado á vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado. Era em um sabbado; os bancos estavam cheios de meninos, vestidos quasi todos de jaquetas ou *robicções* de lila, calças de brim escuro e uma enorme pasta de couro ou papelão pendurada por um cordel a tiracollo; chegaram os dous exactamente na hora da taboada cantada. Era uma especie de ladainha de numeros, que se usava então nos collegios, cantada todos os sabbados em uma especie de *canto-chão* monotono e insupportavel, mas de que os meninos gostavam muito.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado áquillo, escutava impassivel, com uma enorme palmatoria na mão, e o menor erro que algum dos discipulos commettia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o inteliz, emendava cantando o erro commettido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orchestra, ensinando a marcar o compasso. O compadre expoz, no meio do ruido, o objecto de sua visita e apresentou o pequeno ao mestre.

— Tem muito boa memoria; soletra já alguma cousa, não lhe ha de dar muito trabalho, disse com orgulho.

— E se m'ò quizer dar, tenho aqui o remedio; *santa ferula!* disse o mestre brandindo a palmatoria.

O compadre sorriu-se, querendo dar a entender que tinha entendido o latim.

— E' verdade; faz santas até as feras, disse traduzindo.

O mestre sorriu-se da traducção.

— Mas espero que não ha de ser necessaria, accrescentou o compadre.

— O menino percebeu o que tudo isto queria dizer, e mostrou não gostar muito.

— Segunda-feira cá vem, e peço-lhe que não o poupe, disse por fim o compadre despedindo-se. Procurou pelo menino e já o viu na portu da rua prestes a sahir, pois que ali não se julgava muito bem.

— Então, menino, sabe sem tomar a benção ao mestre?...

O menino voltou constrangido, tomou de longe benção, e sahiram então.

Na segunda-feira voltou o menino armado com a sua competente pasta a tiracollo, a sua lousa de escrever e o seu tinteiro de chifre; o padrinho o acompanhou até á porta. Logo nesse dia portou-se de tal maneira que o mestre não se pôde dispensar de lhe dar quatro bolos, o que lhe fez perder toda a folia com que entrara; declarou desde esse instante guerra viva á escola. Ao meio dia veio o padrinho buscal-o e a primeira noticia que elle deu foi que não voltaria no dia seguinte, nem mesmo aquella tarde.

— Mas você não sabe que é preciso aprender?...

— Mas não é preciso apanhar...

— Pois você já apanhou?...

— Não foi nada, não senhor; foi porque entornei o tinteiro na calça de um menino que estava ao pé de mim; o mestre ralhou comigo, e eu comecei a rir muito...

— Pois você vae se rir quando o mestre ralha...

Isto contrariou o mais que era possível o barbeiro. Que diabo não diria a maldita vizinha, quando soubesse que o menino tinha apanhado logo no primeiro dia de escola?... Mas não havia reclamações, o que o mestre fazia era bem feito. Custou-lhe bem a reduzir o menino a voltar nessa tarde á escola, o que só conseguiu com a promessa de que falaria ao mestre para que elle lhe não dêsse mais. Isto, porém, não era cousa que se

fizesse e não foi senão um engodo para arrastar o pequeno. Entrou este desesperado para a escola e por principio nenhum queria estar quieto e calado no seu banco ; o mestre chamou-o e pôl-o de joelhos a poucos passos de si ; passado pouco tempo voltou-se distrahi-damente e surpreendeu-o no momento em que elle erguia a mão para atirar-lhe uma bola de papel. Chamou-o de novo, e deu-lhe uma duzia de bolos.

— Já no primeiro dia, disse, você promete muito...

O menino, resmungando, dirigiu-lhe quanta injuria sabia de côr.

Quando o padrinho voltou de novo a buscal-o achou-o de tenção firme e decidida de não se deixar engodar por outra vez, e nunca mais voltar, ainda que o rachassem. O pobre homem azouou com o caso.

— Ora logo no primeiro dia !... disse consigo ; isto é praga daquella maldita mulher... Mas hei de teimar e vamos ver quem vence.

XIII

MUDANÇA DE VIDA

A' custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas e sobretudo de muita paciencia, conseguiu o compadre que o meuno frequentasse a escola durante dous annos e que aprendesse a ler muito mal, e escrever ainda peor. Em todo esse tempo não se passou um só dia em que elle não levasse uma remessa maior ou menor de bolos ; e, apezar da fama que gozava o seu pedagogo de muito cruel e injusto, é preciso confessar que poucas vezes o tôra para com elle ; o menino tinha a bossa de desenvoltura, e isto, junto com as vontades que lhe fazia o padrinho, dava em resultado a mais refinada má obediência que se póde imaginar. Achava elle um prazer suavissimo em desobedecer a tudo quanto se lhe ordenava ; se se queria que estivesse sério, desatava a rir como um perdido com o maior gosto do mundo ;

se se queria que estivesse quieto, parece que uma móla occulta o impellia e fazia com que dêsse uma idéa pouco mais ou menos approximada do moto continuo. Nunca uma pasta, um tinteiro, uma lousa durou mais de quinze dias; era tido na escola pelo mais refinado velhaco; vendia aos collegas tudo que podia ter algum valor, fosse seu ou alheio, contanto que lhe cahisse nas mãos; um lapis, uma penna, um registro, tudo lhe fazia conta; o dinheiro que apurava empregava sempre do peier modo que podia. Logo no fim dos primeiros cinco dias de escola declarou ao padrinho que já sabia as ruas, e não precisava mais de que elle o acompanhasse; no primeiro dia em que o padrinho annuiu a que elle fosse sósinho, fez uma tremenda gazeta; tomou depois gosto a esse habito e em pouco tempo adquiriu entre os companheiros o appellido de gazeta-mór da escola, o que tambem queria dizer apanha bolos-mór. Um dos principaes pontos em que elle passava alegremente as manhãs e tardes, em que fugia á escola, era a igreja da Sé. O leitor comprehende bem que isto não era de modo algum inclinação religiosa; na Sé, á missa, e mesmo fóra disso, reunia gente, sobretudo mulheres de mantilha, de quem tomara particular zanguinha por causa da semelhança com a madrinha, e era isso o que elle queria, porque internando-se na multidão dos que entravam e saham, passava desaperecebido e tinha segurança de que o não achariam com facilidade se o procurassem.

Pelo habito de frequentar a igreja tomára conhecimento e travara estreita amizade com um pequeno sacristão que, digamos de passagem, era tão boa peça como elle; apenas se encontravam, limitavam-se a trocar olhares significativos emquanto o amigo andava occupado no serviço da igreja; assim, porém, que se acabavam as missas e que saham as verdadeiras beatas, reuniam-se os dous, e começavam a contar as suas

diabruras mais recentes, travando o plano de mil outras novas. Por complacencia, ou antes por prova de decidida amizade, o companheiro confiava ao nosso gazeador um caniço, e faziam juntos o serviço e as maroteiras; a mais pequena que faziam era irem de altar em altar escorropichando todas as galhetas, o que lhes incendiava mais o desejo de traquinar.

Esta vida durou por muito tempo; porém afinal já eram as gazetas tão repetidas, que o padrinho se viu forçado a acompanhá-lo outra vez todos os dias para a escola, o que desfez todos os planos que os dous tinham concertado. O nosso futuro clérigo tinha muitas vezes pensado em como não lhe seria agradável ver-se revestido, como o seu companheiro, de uma batina e uma sobrepelliz, e feito também sacristão, ter a toda a hora á sua disposição quantos caniços quizesse, ter por sua e do seu amigo toda a igreja, poder nos dias de festa, tomando o thurybulo, afogar em ondas de fumaça a cara da velha que mais perto lhe ficasse na occasião da missa. Oh! isso era um sonho de venturas! Vendose privado, depois que o padrinho o acompanhava, de gozar parte destes prazeres, como fazia nos dias de fugida, atearam-se-lhe os desejos, e começou a confessal-os ao padrinho, dando a entender que nada havia de que agora gostasse tanto como fosse a igreja, para a qual, dizia elle, parecia ter nascido. Isto foi para o padrinho um alegrão, porque neste gosto recente do pequeno, via furo aos seus projectos.

— Eu bem dizia... pensava comsigo; não tem duvida, vou adiante; o rapaz está me enchendo as medidas.

— Afinal o menino tomou um dia uma resolução ultima e propoz ao padrinho que o fizesse sacristão.

— Isso seria muito bom, disse elle, afim de acostumar-me para quando fôr padre.

A principio a idéa deslumbrou o padrinho; porém,

mais tarde acudiu-lhe a reflexão, e assentou que seria rebaixar o menino e comprometter a sua dignidade futura. Afinal, porém, tantas foram as rogativas e argumentos do pequeno que se viu obrigado a ceder. O menino tinha nisso duas enormes vantagens, satisfazia seus desejos e sahia da escola, poupando assim as remessas diarias de bolos.

— Está bem, dissera comsigo o padrinho, elle já sabe ler alguma cousa e escrever, deixo-o, para fazer-lhe a vontade, algum tempo na Sé, para que tambem tome mais amor áquella vida, e depois, apenas o vir com o juizo mais assente, hei de ir adiante com a cousa.

Foi em consequencia procurar aquelle sacristão da Sé que dansara o minuete na festa do baptisado, que era nada menos do que o pae do sacristãosinho com que o nosso pequeno travara amizade, para arranjar o afilhado que não queria outra igreja que não fosse a Sé. Felizmente pôde elle ser admittido; com a pratica que tivera dos dias de gazeta aprendera, pouco mais ou menos, todo o cerimonial que é mister a um sacristão: ajudar uma missa já elle sabia, ás outros cousas aperfeiçoou em pouco tempo.

Em poucos dias apromptou-se, e em uma bella manhã sahi de casa, vestido com a competente batina e sobre-peliz, e foi tomar posse do emprego. Ao vê-lo passar, a vizinha dos máos agouros soltou uma exclamação de surpresa a principio, suppondo alguma asneira do compadre; porém reparando, comprehendeu o que era e desatou uma gargalhada.

— E que tal!?. . . Deus vos guarde sr. cura, disse fazendo um cumprimento.

O menino lançou um olhar de revéz, e respondeu-lhe entre dentes:

— Eu sou cura, e hei de te curar.

Era aquillo uma promessa de vingança.

— Ora dá-se? continuou a vizinha comsigo mesma; aquillo na igreja é um peccado!

Chegou o menino á Sé impando de contente; parecia-lhe a batina um manto real. Por fortuna houve logo nesse dia dous baptisados e um casamento, e elle teve assim occasião de entrar no pleno exercicio de suas funcções, em que começou revestindo-se da maior gravidade deste mundo. No outro dia, porém, o negocio começou a mudar de figura e as bregeiradas começaram.

A primeira foi em uma missa cantada. Coube ao pequeno o ficar com a tocha e ao companheiro com o thurybulo ao pé do altar.

Por infelicidade a vizinha do compadre, a quem o menino promettera curar, sem pensar no que fazia, collocou-se perto do altar junto aos dous. Assim que a avistou, o novo sacristão disse algumas palavras ao seu companheiro, dando-lhe de olho para a mulher. Dahi a pouco collocaram-se os dous disfarçadamente em distancia conveniente, e de maneira tal que ella ficasse pouco mais ou menos com um delles atraz e outro adiante. Começaram então os dous uma obra meritoria: emquanto um, tendo enchido o thurybulo de incenso, e balançando-o convenientemente, fazia que os rolos de fumaça que se desprendiam fossem bater em cheio na cara da pobre mulher, o outro com a tocha despejava-lhe sobre as costas da mantilha a cada passo plastradas de cera derretida, olhando disfarçadamente para o altar. A pobre mulher exasperou-se e disse-lhes não sabemos o que.

— Estamos te curando, respondeu o menino tranquillamente.

Vendo que não tirava partido, quiz a devota mudar de lugar e sahir, porém, o aperto era tão grande que o não pôde fazer, e teve de aturar o supplicio até ao fim. Acabada a festa, dirigiu-se ao mestre de cerimonias, e fez uma enorme queixa, que custou aos dous uma

tremenda sarabanda. Pouco, porém, se importaram com isso, uma vez que tinham realizado o seu plano.

XIV

NOVA VINGANÇA E SEU RESULTADO

A sarabanda que o mestre de cerimoniaes passou aos dous pequenos em razão do que haviam feito a pobre mulher não produziu, como dissemos, nenhum effeito sobre elles no sentido de os emendar; não perdoaram, porém, a humilhação que soffreram diante de sua victima e a vingança de que ella tinha gozado; na primeira occasião que tiveram, tiraram desforra, pregando tambem uma peça ao mestre de cerimoniaes.

Foi o caso assim:

O mestre de cerimoniaes era um padre de meia idade, de figura menos má, filho da ilha Terceira, porém, que se dava por puro alfacinha: tinha-se formado em Coimbra; por fóra era um completo S. Francisco de austeridade catholica, por dentro refinado Sardapalo, que podia por si só fornecer a Bocage assumpto para um poema inteiro; era pregador que buscava sempre por assumpto a honestidade e a pureza corporal em todo o sentido; porém, interiormente, era sensual como um sectario de Mafoma. O publico ignorava talvez semelhante cousa, porém, outro tanto não acontecia aos dous meninos que andavam ao facto de tudo; o mestre de cerimoniaes, fiado em que pela sua pouca idade dariam elles pouca attenção a certas cousas, tinha-os algumas vezes empregado no seu serviço, mandando recados a uma certa pessoa que, saiba o leitor em segredo, era nada menos que a cigana, objecto dos ultimos cuidados do Leonardo, com quem S. Rema vivia ha certo tempo em estreitas relações, salvando a verdade, todas as apparencias da decencia.

Chegou o dia de uma das primeiras festas da igreja, em que o mestre de cerimoniaes era sempre o pregador;

era no sermão desse dia que o homem se empregava, muito tempo antes, pondo abaixo a *livraria*, e fazendo um enorme esforço de intelligencia (que não era nelle cousa muito vigorosa). Já se vê, pois, que elle devia amar o seu sermão, tanto que quasi rebentou de raiva em um anno em que por doente o não pôde prégar. Entendia que todos o ouviam com summo prazer, que o povo se abalava á sua voz; enfim, aquelle sermão annual era o meio por que elle esperava chegar a todos os fins a que contava dever toda a sua elevação futura; era o seu talisman. Digamos, entretanto, que era bem máu caminho o tal sermão, porque se podia elle demonstrar alguma cousa era a insufficiencia do padre para qualquer cousa desta vida, excepto para mestre de cerimoniaes, em que ninguem o desbancava. Pois foi neste ponto delicado que os dous meninos buscaram feril-o, e o acaso os favoreceu, excedendo de muito os seus desejos e esperanças, e fazendo a sua vingança completissima.

Chegou, como dissemos, o dia da festa; havia tres ou quatro dias antes que o mestre de cerimoniaes não saia de casa, empregado em decrar a preciosa peça. Foi o nosso sachristão calouro encarregado de lhe ir avisar á hora do sermão. Chegou á casa da cigana, onde o padre costumava estar; bateu, e, apesar de todas as recommendações que costumava ter, disse em voz alta:

— O Revmo. mestre de cerimoniaes está ahi ?...

— Fale baixo, menino, disse a cigana de dentro da rotula... O que quer você com o sr. padre ?

— Precizava muito de falar com elle por causa do sermão de amanhã.

— Entra, entra, disse o padre que o ouvira...

— Venho dizer a V. Revma., disse o menino entrando, que amanhã ás dez horas ha de estar na igreja.

— As dez ? uma hora mais tarde do que de costume...

— Justo, respondeu o menino sorrindo-se internamente de alegria e saíu.

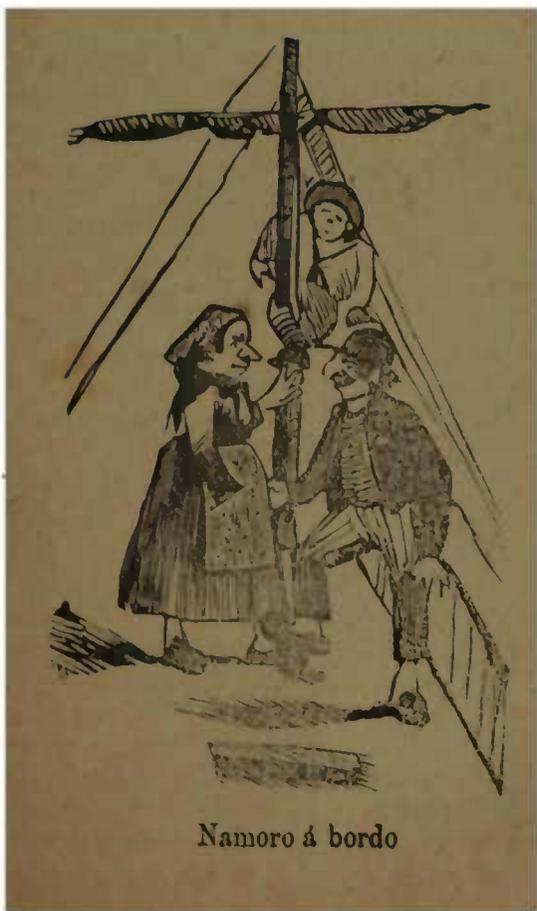
Foi logo dali dar parte ao companheiro de que o seu plano tinha saído completamente aos seus desejos, pois o que elle queria era que o padre faltasse ao sermão; e por isso, encarregado de indicar a hora, a trocára, e em vez de nove dissera dez.

Dispuzeram-se as cousas; postou-se a musica de barbeiros á porta da igreja, andou tudo em reboliço: ás 9 horas começou a festa.

As festas daquelle tempo eram feitas com tanta riqueza e com muito mais propriedade, a certos respeito do que as de hoje; tinham entretanto alguns lados comicos; um delles era a musica de barbeiros á porta. Não havia festa que se passasse sem isso, era cousa reputada quasi tão essencial, como o sermão: o que valia, porém, é que nada havia mais facil de arranjar-se, meia duzia de aprendizes ou officiaes de barbeiro ordinariamente negros, armados este com um piston desafinado, aquelle com uma trompa diabolicamente rouca, formavam uma orchestra desconcertada, porém estrondosa, que fazia as delicias dos que não cabiam e não queriam estar dentro da igreja.

A festa seguiu os seu tramites regulares, porém apenas se foi approximando a hora, começou a dar cuidados a tardança do pregador. Fez-se mais esta cerimonia, mais aquella, e nada de apparecer o homem. Despachou-se a toda a pressa um dos meninos que não entrára na festa para ir procurar o padre; elle deu duas voltas pela visinhança e veio dizendo que o não tinha encontrado. Subiram os apuros, não havia remedio era preciso um sermão, fosse como fosse.

Estava assistindo á festa um capuchinho italiano



Namoro á bordo

que por bondade, vendo o aperto geral, se offereceu para improvisar o sermão.

— Mas V. Revma. não fala a lingua da gente, ob-
jectaram-lhe.

— *Capisco* ! respondeu este, *é la necessitá* l.,

Depois de alguma perplexidade acceitaram-se finalmente os bons officios do capuchinho, e foi elle levado ao pulpito. Os meninos triumphantes sorriam-se um para o outro. Apenas appareceu o prégador ao povo houve murmúrio geral, os gaiatos sorriam contando já com o partido que dalli tirariam para um bom par de risadas; algumas velhas prepararam-se para uma grande compunção ao aspecto das grandes barbas do prégador; outras menos crentes, vendo que não era o prégador costumado, exclamaram despeitadas :

— Arrengo !

— Deus me perdõe.

— Pois aquillo é que préga hoje ?...

Apezar, porém, de tudo isto, a attenção foi profunda e geral, animando a todos uma grande curiosidade. O orador começou ; falava já ha um quarto de hora sem que ninguem o tivesse entendido ; começavam já algumas velhas a protestar que o sermão todo em latim não tinha graça, quando de repente viu-se abrir a porta do pulpito e apparecer a figura do mestre de cerimonias lavado em suor e vermelho de colera ; foi um sussurro geral. Elle adiantou-se, afastou com a mão o prégador italiano, que, surprehendido, parou um instante, e entôou com voz rouca e estrondosa o seu *per signum crucis*. A'quella voz conhecida o povo despertou do aborrecimento, benzeu-se, o se dispoz a escutar-a. Nem todos, porém, foram desta opinião ; entenderam que se devia deixar acabar o capuchinho, e começaram a murmurar. O capuchinho não quiz ceder do seu direito, e proseguiu na sua arenga. Foi uma verdadeira scena de

MEMORIAS — 5

comedia, de que a maioria dos circumstantes se ria a não poder mais; os dous meninos, autores principaes da obra, nadavam em um verdadeiro mar de rosas.

— *O' miei cari fratelli!* exclamava por um lado o capuchinho com voz aflautada e meiga, *la voce della Prowidenza...*

— *Semelhante ds trombetas de Jericó*, rouqujava por outro lado o mestre de ceremonias...

— *Piace al cor...* accrescentava o capuchinho.

— *Annunciando a quêda de Satanaz*, proseguia o mestre de ceremonias.

E assim levaram por algum tempo os dous, acompanhados por um côro de risadas e confusão, até que o capuchinho se resolveu a abandonar o posto, murmurando despeitado:

— *Che bestia, per Dio!*

Acabado o sermão, desceu do pulpito o mestre de ceremonias já um pouco aplacado por ter conseguido fazer-se ouvir, porém ainda bastante furioso para vir, protestando, arrancar uma por uma as quatro orelhas dos dous pequenos, de quem desconfiava que partirá o que acabava de soffrer. Chegou á sacristia, que estava cheia de gente; vendo os dous meninos investiu para elles, e prendendo a cada um pela gola da sobrepelliz.

— Então... então... dizia com os dentes cerrados... que horas é o sermão?

— Eu disse ás nove, sim senhor; pôde perguntar á moça que ella bem ouviu...

— Que moça, menino, que moça? disse o padre exasperado por estar tanta gente a ouvir aquillo.

— Aquella moça cigana, lá onde V. Revma. estava; ella ouviu, eu disse ás nove.

— Oh! disseram os circumstantes.

— E' falso, respondeu com força o mestre de ceremonias, largando os meninos para evitar novas explicações,

e dando satisfação aos circumstantes com protestos de ser falso o que os meninos acabavam de dizer.

Entretanto, serenou o alvoroço, acabou-se a festa, o povo retirou-se. O mestre de cerimoniaes, sentado a um lado, pensava comsigo :

— E que tal ! não ia perdendo o meu sermão deste anno por causa daquelle endiabrado ?! Depois que o maldito menino entrou para esta igreja anda tudo aqui em uma poeira ! Ainda em cima dizer á vista de tanta gente que eu estava em casa da cigana ! Nada... vou dar com elle daqui para fóra.

E com effeito tratou de fazer com que os dous meninos, ou pelo menos o mais novo, fossem despedidos. Sem muito custo o conseguiu, porque por certo não gozava elle de grandes sympathias.

Foi esta a peor peça que se lhe podia pregar ; elle estava como em um paraizo, e expelliam-o delle ; e depois a maldida vizinha como não havia de ficar satisfeita vendo-o despedido, e a madrinha que se oppuzera formalmente á sua entrada para a Sé... tudo isto fazia-o desesperar.

Não se tinha elle enganado em suas previsões ; apenas chegou em casa, e que se soube pela vizinhança do que se tinha passado, a vizinha pilhando de geito o compadre :

— Então, disse-lhe, eu não lhe tinha dito que aquillo tem máus bofes ?

— Senhora, pelo amor de Deus, metta-se com a sua vida.

— Estou vingada... pensava que a minha mantilha nova havia de ficar assim.

O compadre retirou-se para evitar nova desordem.

A comadre, apenas soube tambem do successo, veio ter com o compadre para dizer-lhe :

— Eu bem lhe digo: elle não serve para aquillo; é

melhor pol-o na Conceição ; lá ha mais sujeição ; olhe, eu podia arranjar isso com o tenente-coronel.

O compadre, porém, não pareceu resolvido a aceitar o conselho.

XV

ESTRALADA

Apezar de tudo quanto havia já soffrido por amores, o Leonardo de modo algum queria emendar-se ; emquanto se lembrou da cadêa, dos granadeiros e do Vidigal, esqueceu-se da cigana, ou antes só pensava nella para jurar esquecel-a ; quando porém as caçadas dos companheiros foram cessando, começou a renovar se a paixão, e teve logar uma grande luta entre a sua ternura e a sua dignidade, em que esta ultima quasi triumphava, quando uma descoberta maldita veio transtornar tudo. Não sabemos por que meio o Leonardo descobriu um dia que o rival feliz, que o puzera fóra de combate, era o reverendo mestre de cerimonias da Sé. Subiu-lhe com isto o sangue á cabeça :

— Pois um padre !? dizia elle ; é preciso que eu salve aquella creatura do inferno, onde ella se está mettendo já em vida.

E começou de novo em tentativas, em promessas, em partidos para com a cigana, que a cousa alguma queria dobrar-se. Um dia que a pilhou de geito, á janella abordou-a e começou *ex abrupto* a falar-lhe deste modo :

— Você está já em vida no inferno !... pois logo um padre ? !

A cigana interrompeu-o :

— Havia muitos meirinhos para escolher, mas nenhum me agradou...

— Mas você está commettendo um peccado mortal... está deitando sua alma a perder...

— Homem, sabe que mais ? Você para prégador

não serve, não tem geito... eu como estou, estou muito bem; não me dei bem com os meirinhos; eu nasci para cousa melhor...

— Pois então tem alguma cousa que dizer de mim?... Hei de me ver vingado... e bem vingado.

— Ora! respondeu a cigana rindo-se.

E começou a cantarolar o estribilho de uma modinha.

O Leonardo comprehendeu que, falando-lhe no inferno e em castigos da outra vida nada arranjava, e decidiu dar-lhe o castigo mesmo nesta vida. Retirou-se murmurando:

— Faço uma estralada, Cê no que der...

Poucos dias depois aconteceu que a cigana fazia anos: segundo o costume, apenas appareceu este pretexto, armou-se logo uma função: não nos daremos ao trabalho de descrevel-a; em um dos capitulos antecedentes já viu o leitor o que isso era: viola, modinhas, fado, algazarra, e estava a festa completa. O Leonardo soube logo do que havia e jurou que esse seria o dia da vingança.

Ser valentão foi em algum tempo officio no Rio de Janeiro; havia homens que viviam disso: davam pancada por dinheiro, e iam a qualquer parte armar de proposito uma desordem, com tanto que se lhes pagasse, fosse qual fosse o resultado.

Entre os honestos cidadãos que nisto se occupavam, havia na época desta historia, um certo Chico-Juca, afamadissimo e temivel. Seu verdadeiro nome era Francisco, e por isso chamaram-o a principio—Chico—; porém tendo acontecido que conseguisse elle pelo seu braço lançar por terra do throno da valentia a um companheiro, que era no seu genero a maior reputação do tempo, e a quem chamavam—Juca,—juntaram este appellido ao seu, como honra pela victoria, e chamaram-o dahi em diante—Chico-Juca.

Este homem era o desespero do Vidigal; tinha-lhe

já pregado umas poucas, porém ainda não tinha sido possível agarral-o. Os granadeiros conheciam-o ás leguas, porém nunca conseguiram pôr-lhe as mãos.

Tendo levado todo o dia á espreita, o Leonardo viu entrar sorrateiramente o mestre de cerimoniaes, pela volta de Ave-Maria, quando ainda não tinha começado a funcção.

— Ah! nem esta noite quer perder?! Pois ha de sahir-lhe cara a funçanata...

Sahiu dali e foi direito procurar o Chico-Juca, que era seu antigo conhecido; achou-o em uma taverna defronte do Bom-Jesus. O Chico-Juca era um pardo, alto, corpulento, de olhos avermelhados, longa barba, cabello cortado rente; trajava sempre jaqueta branca, calça muito larga nas pernas, chinellas pretas e um chapelinho branco muito á banda; ordinariamente era affavel, gracejador, cheio de dieterios e chalaças; porém nas occasiões de *sarilho*, como elle chamava, era quasi feroz. Como outros têm o vicio da embriaguez, outros o do jogo, outros o do deboche, elle tinha o vicio da valentia; mesmo quando ninguem lhe pagava, bastava que lhe dêsse na cabeça, armava brigas e só depois que dava pancadas a fartar, é que ficava satisfeito: com isso muito lucrava; não havia taverneiro que lhe não fiasse e não o tratasse muito bem.

Estava na porta da taverna sentado sobre um sacco quando lhe appareceu o Leonardo.

— Olá, mestre pataca! Disse elle apenas o viu, pensei que ainda estava de chilindró, tomando fortuna por causa da cigana...

— E' mesmo por causa desse diabo que te venho procurar.

— Homem, cabeçada e murro velho sei eu dar, porém fortuna! Nunca tive tal habilidade...

— Não se trata de fortuna, disse-lhe o Leonardo baixinho, trata-se de pancada velha...

— Ui ! temós dansa ?... Vai-te embora... tu não és capaz de armar um *sarilho*... sempre foste um padre !...

— Bem sei, eu não sou capaz... mas tu... tu, que és mestre disto...

— Eu... então porque diabo e ondes queres tu que eu arme esse *sarilho*?...

— Não te has de arrepender, disse o Leonardo, batendo significativamente com os dedos no bolso do collete.

O Chico Juca entendeu o verso ; carregou o chapéu um pouco mais para o lado, e poz-se a escutal-o com curiosidade.

O Leonardo disse então o que queria ; tratava-se nada menos do que ir o Chico-Juca nessa mesma noite, fosse como fosse, á tunção da cigana, e de armar ali por alta noite uma grande desordem ; preveniu o logo que o Vidigal havia de estar por perto ; e assim, apenas estivesse armada a historia era pôr-se ao fresco. A causa de tudo isso o Leonardo não lhe quiz explicar, e tambem elle não teve grande curiosidade de saber ; tratava-se de uma desordem ; fosse qual fosse o motivo estava sempre prompto. Assim, depois de se regatear um pouco o preço, chegaram os dous a um accordo, e ficou tudo tratado.

Deixando o Chico Juca, o Leonardo foi procurar o Vidigal, e deu-lhe parte do que naquella noite havia em casa da cigana, e affiançou lhe que a cousa acabava por força em desordem. Portanto cumpria que o sr. major por lá apparecesse para o que desse e viesse.

— Está bem, disse-lhe o Vidigal ; você quer tirar sua desforra ; é justo. Lá hei de ir, e não precisava a sua advertencia, pois já sabia que havia hoje por lá annos, e tinha tenção de apparecer.

O Leonardo retirou-se contente, vendo que seu plano sahia ás mil maravilhas, e dispoz-se a gozar do resul-

tado, pondo-se á espreita de logar conveniente. Começou a brincadeira. Já se tinha cantado meia duzia de modinhas e dansado por algum tempo a *tyranna*, quando o Chico-Juca appareceu, e por intermedio de um conhecido (elle os tinha em toda a parte) foi introduzido na sala, e começou a observar o que se passava. Havia na sala um quarto, cuja porta estava fechada; de vez em quando a cigana lá entrava, demorava-se um pouco e sahia; dahi a pouco tornava a entrar, levando consigo algumas das camaradas mais do peito; e tornava a sahir; passado pouco tempo, entrava ainda levando outra amiga. Alguns faziam reparo nisso, outros porém não tinham desconfiança alguma. Ia a festa continuando; lá pela meia-noite, quando começava a *aferventar*, foi de repente interrompida. Viu-se um dos rapazes que tocavam viola parar subitamente, e, interrompendo o estribilho da modinha que cantava, gritar enfurecido:

— Isto passa de mais... varro.. menos essa, sr. Chico-Juca; nada de graças pesadas com essa moça, que é cá cousa minha...

O Chico-Juca estava com effeito a mais de meia hora a dirigir graçolas das suas á uma moça, que elle bem sabia que era *cousa* do rapaz que estava tocando; tanto fez, que este, tendo percebido proferiu aquellas palavras, que acabamos de ouvir!

— Você respinga?!... Respondeu-lhe o Chico-Juca, dirigindo-se para elle.

O rapaz, que não era pêco, poz-se em pé e replicou:

— Tenho dito, nada de graças com ella!...

Mal tinha pronunciado estas palavras quando o Chico-Juca, arrancando-lhe a viola da mão, bateu-lhe com ella em cheio sobre a cabeça; o rapaz reagiu, e começou a confusão.

O Chico-Juca foi accommettido por um pouco; porém ligeiro e destemido, distribuia a cada qual o seu

quinhão de cabeçadas e pontapés; algumas mulheres metteram-se na briga, e davam e levavam como qualquer; outras porém desfaziam-se em algazarra. De repente o Chico-Juca embarafustou pela porta fóra e desapareceu.

Era tempo, porque não se tinha passado muito tempo quando assomou na porta, que elle deixara aberta, a figura tranquilla do Vidigal, rodeado por uma porção de granadeiros. O Chico-Juca tinha-lhes escapado, apezar de o terem visto quando sahia, porque o major, sendo nessa occasião poucos os soldados não quiz mandar segui-lo com medo que lhe faltasse gente, pois via que dentro da casa o negocio estava feio. Entrou, pois, deixando-o passar.

Apenas o viram, pararam todos aterrados.

— Então que briga é esta?.. Disse elle descansadamente.

Começaram todos a desculpar-se como podiam; e, segundo o credito que mereciam pela sua reputação, era-lhes distribuida a justiça: se era sujeito já conhecido, e que não era aquella a primeira em que entrava ficava de lado, e um granadeiro tomava conta d'elle; os outros eram mandados embora. Neste interim a cigana muito perturbada olhava repetidas vezes para a porta do quarto, dando signaes da mais viva inquietação. Não escapou isto ao Vidigal, que no fim de tudo disse a um granadeiro:

— Revista aquelle quarto...

A cigana deu um grito; o granadeiro obedeceu e entrou no quarto; ouviu-se então um pequeno rumor, e o Vidigal disse logo cá de fora:

— Traz para cá quem estiver lá dentro.

No mesmo instante viu apparecer o granadeiro, trazendo pelo braço o reverendo mestre de cerimoniaes em ceroulas curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivella, o solidéo á cabeça. Apezar dos apuros em que

se achavam, todos desataram a rir ; só elle e a cigana choravam de envergonhados.

— Esta ultima poz-se aos pés do Vidigal, mas elle foi inflexível ; e o reverendo foi conduzido com os outros para a casa da guarda na Sé, sendo-lhe apenas permittido pôr-se em habitos mais decentes.

XVI

SUCCESSO DO PLANO

Para socegarmos os leitores, que estarão sem duvida com cuidado no mestre de ceremonias, apressamo-nos a dizer que não chegou elle a ir á cadêa ; o Vidigal quiz dar-lhe apenas uma amostra do panno, e depois de o ter exposto na casa da guarda por algumas horas, como já acontecera ao Leonardo, á vistoria publica, o deixou ir embora envergonhado, abatido, maldizendo a idéa que tivera de ir assistir de dentro do quarto á festa dos annos da sua amasia. Quanto ao Leonardo, não cabia em si de contente ; por pouco que a sua vingança não tinha sido completa ; vira o seu rival, como já a elle proprio succedera, preso pelos granadeiros, levado á casa da guarda, soffrendo ahi a vistoria dos curiosos ; faltara, é verdade, a sova e os dias da cadêa, porém tambem elle era um simples moirinho, e o mestre de ceremonias um sacerdote respeitado, e por isso qualqua cousa bastava para ferir o gravemente.

Além disto o mestre de cerimonias, depois de graves meditações, sabendo que ficara mal visto de seus companheiros pelo escandalo que déra se bem que fosse certo não estar nenhum delles a tal respeito em circumstancias de lhe atirar a primeira pedra, ouvindo um murmurio surdo que se levantava ameaçando-o com a perda do logar que exercia na Sé, decidiu-se a abandonar a cigana, e assim o fez. Com isto o Leonardo deu-se de todo por satisfeito, e renasceram-lhe as esperanças de conquistar o antigo posto, uma vez que o

principal inimigo o tinha abandonado. A cigana, desprezada, não quereria sem duvida ficar por muito tempo devoluta; e como elle se achava com requerimento em caixa, e contava serviços atrazados, era provavel que obtivesse favoravel despacho, porque tambem ella ainda nem sonhava que tudo o que tinha succedido pudesse ter sido obra sua.

Começou, pois, o sentimental Leonardo a rondar a porta da sua antiga amante; se a via janella, ora parava na esquina a dirigir-lhe olhares supplicantes; passando por junto della deixava, ora escapar um maguadissimo suspiro, ora uma queixa amargurada.

Todas estas scenas, desempenhadas por aquella figura do Leonardo, alto, corpulento, avermelhado, vestido de casaca, calção e chapéu armado, eram tão comicas, que toda a vizinhança se divertiu com ellas por alguns dias. Alguns imprudentes começaram, conversando das janellas, a atirar indirectas á cigana; esta ficou-se com isso, e foi essa a *fortuna* do Leonardo. Um dia que elle passou, deu-lhe ella de olho que entrasse.

O Leonardo teve uma sensação inexplicavel, seu rosto coloriu-se em todos os tons, desde o vermelho, que era sua côr habitual, até o roxo onnegrecido; depois baixou gradualmente até a pallidez marmorea; caminhando do logar onde estava até á porta da cigana, não sentiu o solo debaixo de seus pés; quando deu accordo de si estava com os olhos rasos d'agua nos braços da antiga amada, que lhe pedia mil perdões, que promettia ser dalli em diante fiel até a morte, se bem que se não esquecia de declarar no meio de tudo que, se o recebia de novo em sua casa, era porque queria quebrar a castanha na bocca daquellas más linguas da vizinhança, que se estavam mettendo com a sua vida. O pobre homem não cabia em si; parecia um viajante que volta aos velhos lares, ou um cabo de guerra que acaba de livrar do

poder do inimigo uma praça sitiada. Emfim reataram-se de todó os afrouxados laços.

O Leonardo cahiu em dar parte aos seus companheiros que tinha afinal vencido a intrincada demanda; custou lhe isto uma tremenda caçoada de todos, e serias reprehensões de alguns. Mas com cousa alguma se importava naquella occasião; a felicidade o cégava a ponto de não ver aquillo que lhe estava entrando pelos olhos.

A comadre, apenas soube do que havia succedido, foi procurar o Leonaráo e começou em um longo sermão a querer persuadil-o de que trnha dado um passo errado.

— Pois, compadre, disse-lhe ella, você não se emendou ainda!...

— Qual, historia, eu sou doudo por estas cousas.

— Mas, homem, você não se tem dado bem nem com as saíloias, nem com as ciganas; para que antes não procura uma filha cá da terra?...

A comadre tinha uma sobrinha, que vivia em sua companhia, e que lhe pesava soffrivelmente sobre as costas; desde ha muito utria por isso uma idéa de que o leitor mais tarde terá conhecimento quando ella se realizar, ou antes disso, se a aperceber pelas palavras da comadre.

— Nada, não gosto desta gente...

— Não tem razãa; ha por ahi muita rapariga capaz; é verdade que o que ellas querem é o *toma lá, dá cá debaixo do arco-cruzeiro*...

— E' por isso mesmo que eu não gosto.

Depois de algumas outras tentativas a comadre retirou-se um pouco contrariada, mas não de todo desanimada; ella contava com a cigana para ajudal-a a realizar o seu plano, e o leitor verá para diante que tinha nisso razão.

Quanto ao nosso ex-sachristão, continuava ainda a

estar sem destino, o que sobremaneira incommodava ao compadre, mas que nem por isso o desanimava. Coimbra era a sua idéa fixa, e nada lh'a arrancava da cabeça. Até o proprio velho tenente-coronel já lhe tinha fido pessoalmente falar por solicitações da comadre; porém nada conseguira. Exasperado com esta obstinação, deixara o negocio de parte e não se importara mais com cousa alguma.

XVII

D. MARIA

Um dia de procissão foi sempre nesta cidade um dia de grande festa, de lufa-lufa, de movimento e de agitação; e se ainda é hoje o que os nossos leitores bem sabem, na época em que viveram os personagens desta historia a cousa subia de ponto; enchiam-se as ruas de povo, especialmente de mulheres de mantilha; armavam-se as casas, penduravam-se ás janellas magnificas colchas do seda, de damasco de todas as cores, e armavam-se corêtos em quasi todos os cantos. E' quasi tudo o que ainda hoje se pratica, porém, em muito maior escala e grandeza, porque era feito por fé, como dizem as velhas desse bom tempo, mas nós diremos, porque era feito por moda; era tanto do tom enfeitar as janellas e portas em dias de procissão, ou concorrer de qualquer outro modo para o brilhantismo das festividades religiosas, como ter um vestido de mangas de presunto, ou trazer á cabeça um formidavel trepa-moque de dois palmos de altura.

Nesse tempo as procissões eram multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo; as da quaresma eram de uma pompa extraordinaria, especialmente quando el-rei se dignava acompanhalas, obrigando toda a côrte a fazer cutro tanto; a que primava, porém, entre todas era a chafada procissão dos lourives. Ninguem ficava em casa no dia em que ella

sahia, ou nas ruas ou nas casas dos conhecidos e amigos que tinham a ventura de morar em lugar por onde ella passasse, achavam todos meio de vel-a. Alguns havia tão devotos, que não se contentavam vendendo uma só vez; andavam de casa deste para a casa daquelle, desta rua para aquella, até conseguir vel-a de-filar de principio ao fim, duas, quatro e seis vezes, sem o que não se davam por satisfeitos. A causa principal de tudo isto era, supponho nós, além talvez de outras, o levar esta procissão uma cousa que não tinha nenhuma das outras: o leitor ha de achal-a sem duvida extravagante e ridicula; outro tanto nos acontece, mas temos obrigação de referil-a. Queremos falar de um grande rancho chamado — bahianas, — que caminhava adiante da procissão, attrahindo mais ou tanto como os santos, os andores os emblemas sagrados, os olhares dos devotos; era formado esse rancho por um grande numero de negras vestidas á moda da provincia da Bahia, donde lhe vinha o nome, e que dansavam nos intervallos dos *Deo gratias* uma dansa lá a seu capricho. Para falarmos a verdade, a cousa era curiosa e se não a empregassem como primeira parte de uma procissão religiosa, certamente seria mais desculpavel. Todos conhecem o modo porque se vestem as negras na Bahia; é um dos modos de trajar mais bonitos que temos visto; não aconselhamos, porém, que ninguem o adopte; um pai em que todas as mulheres usassem desse trajo, especialmente se fosse desses abençoados em que ellas são alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de peccados. Procuremos descrevel-o.

As chamadas bahianas não usavam de vestido; traziam sómente umas poucas de saias presas á cintura e que chegavam pouco abaixo do meio da perna, todas ellas ornadas de magnificas rendas; da cintura para cima apenas traziam uma finissima camisa, cuja golla e mangas eram tambem ornadas de renda; ao pescoço

punham um cordão de ouro ou collar de coraes, os mais pobres eram de missangas; ornavam a cabeça com uma especie de turbante a que davam o nome de *trumphas*, formado por um grande lenço branco muito teso, e engomado; calçavam umas chinellas de salto alto, e tão pequenas, que apenas continham os dedos dos pés, ficando de fóra todo o calcanhar; e além de tudo isto envolviam-se graciosamente em uma capa de panno preto, deixando de fóra os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras.

Poucos dias depois dos ultimos acontecimentos narrados nos capitulos antecedentes, chegou o dia da procissão dos ourivos. Os nossos costumes nesse tempo a respeito de franqueza e hospitalidade não eram lá muito leuaveis; nesse dia, porém, soffriam uma excepção, e, como dissemos, as portas daquelles que moravam nas ruas por onde passava a procissão se abriam a todos os amigos e conhecidos. Em virtude disso aconteceu que se achassem reunidos em casa de uma certa D. Maria o compadre, acompanhado do afilhado (ricamente vestido nesse dia com o seu robicão de duraque preto e o seu bonet de pello de lontra), a comadre e a visinha dos maus agouros.

D. Maria era uma mulher velha, muito gorda; devia ter sido muito formosa no seu tempo; porém dessa formosura só lhe restavam o rosado das faces e a alvura dos dentes; trajava nesse dia o seu vestido branco de cintura muito curta e mangas de presunto, o seu lenço tambem branco e muito engommado ao pescoço; estava penteada de *bugres*, que eram dous grossos cachos cahidos sobre as fontes; o amarrado do cabello era feito na corôa da cabeça, de maneira que simulava um pennacho. D. Maria tinha um bom coração, era bemfazeja, devota e amiga dos pobres; porém, em compensação destas virtudes tinha um dos peiores vicios daquelle tempo e daquelles costumes; era a mania das demandas.

Como era rica, D. Maria alimentava este vicio largamente; as suas demandas eram o alimento da sua vida; accordada pensava nellas, dormindo sonhava com ellas; raras vezes conversava em outra consa, e apenas achava uma tangente cahia logo no assumpto predilecto; pelo longo habito que tinha de materia, entendia do riscado a palmo, e não havia procurador que a enganasse; sabia todos aquelles termos juridicos e toda a marcha do processo de modo tal, que ninguem lhe levava nisso a palma. Essa mania chegava nella á impertinencia, e aborrecia desesperadamente a quem a ouvia, falando nos ultimos provarás que lhe tinha feito o seu letrado nos autos da sua demanda de terras, nas razões finais que se tinham apresentado na acção que intentára contra um dos testamenteiros de seu pae, no depoimento das testemunhas no seu processo por causa da venda das suas casas, na citação que mandára fazer a um seu inquilino que lhe havia passado um credito de 20 doblas e que agora negava a divida, e em mil outras cousas deste genero.

Apenas entrára o compadre, de quem era antiga amiga e a quem não via a muito tempo, começou logo D. Maria por dar-lhe parte que aquella antiga demanda com o testamenteiro de seu pae ainda não estava acabada, e por ahi ia já proseguindo conforme seu costume; quando o compadre lhe apresentou o afilhado, e começou tambem a contar a sua historia.

Começou elle pela origem do pequeno; remontou á pisadella e ao beliscão com que a Maria e o Leonardo tinham começado o seu namoro na viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro, e que fez dar a D. Maria boas risadas. Passou em seguida á festa do baptisado que descreveu detalhadamente. Até aqui era o drama risonho e feliz; veio depois a tragedia; contou todas aquellas historia da perfidia da Maria, dos ciumes do Leonardo

e da briga final, cujo resultado trouxera o menino ás suas mãos.

D. Maria ouviu tudo com a maior attenção, e só interrompia o compadre de vez em quando para lançar uma praga á Maria, manifestar compaixão pelo Leonardo, e dar alguma risada pelas travessuras do pequeno. Quando a conversa estava nesta altura, a vizinha dos máus agouros, que tambem já se achava presente, porém, que até ali estivera distrahida, chegou-se para intervir na conversa, já se sabe, contra o pequeno. Referiu então alguma das suas graçolas, accrescentando sempre no fim de cada periodo, e dirigindo-se ao compadre :

— O vizinho por mais bem que lhe queira, não poderá negar isso.

O compadre, que no meio de tudo tinha sempre pintado a historia do menino com cores muito favoraveis, não cessando de gabar a sua mansidão, boa indole, e dourando sempre as suas diabruras com o titulo de innocencias, ingenuidades ou cousas de criança, começou a dar o cavaco com o desmentido que lhe dava a vizinha, que ao contrario d'elle pintava tudo com cores negras. A comadre interveio tambem nessa occasião, porém, conservando uma posição duvidosa : ora era da opinião do compadre ora da opinião da vizinha.

D. Maria que morria por conversa, e sobre tudo por novidades, tomava o maior interesse na historia, e ninguem se lembrava de que vez alguma tivesse ella esquecido por tanto tempo suas demandas.

O pequeno, sentado em um canto, ouvia tudo em silencio observador. O compadre mal podia conter-se, em respeito a D. Maria, com as invectivas da vizinha ; esta, julgando-se segura na roda em que estava, desabafava largamente contra o menino. Finalmente ter-

aminou, dirigindo-se a D. Maria e dizendo na sua phrase do costume :

— Então, senhora, é o que eu digo ou não? Tem máus bofes...

— Máus bofes, atalhou o compadre já com a calva mui vermelha, máus bofes? ora esta...

O pequeno lançou do seu lugar á vizinha um olhar fulminante, e que queria, pouco mais ou menos dizer :

— Deixa estar que esta não fica sem troco.

D. Maria, vendo que o compadre começava a exasperar-se, fez-se medianeira, e disse, dirigindo-se á vizinha :

— Você tem-lhe raiva demais; realmente a função da cera na mantilha é para dar o cavaco, porém, bem diz o mestre; qual é a criança que não faz travessuras? isto tudo ha de passar com a idade.

Dirigindo-se depois ao pequeno :

— Venha cá, senhor travesso, disse-lhe com bondade, venha defender-se do que aqui estão dizendo a seu respeito.

O menino chegou-se com um ar entre vexado e capadoçal, collocou-se em pé entre a madrinha e a vizinha.

D. Maria, fez-lhe então algumas perguntas, a que elle respondeu com promptidão, porém com máu modo. A vizinha não se julgou muito em segurança com tão bom vizinho a seu lado, e foi querendo levantar-se. O menino percebendo isto, não quiz perder occasião de fazer o quer que fosse de maligno contra ella; estendeu a ponta do pé e pinzou lhe com toda a força na barra da saia preta, que ella conservava tendo tirado a mantilha. A vizinha vendo-lhe o gosto, sem entender bem o que era percebeu que elle preparava alguma, e quiz levantar-se rapidamente; lá se foram alguns quatro palmos da barra da saia.

— Ah! disse o menino, fingindo-se muito espantado...

— Valha-te Deus, menino, disse a comadre...

A vizinha contemplava a sua saia rota, dizendo para os circunstantes:

— Então, é o que eu digo, ou não? Tem máus botes l...

O compadre sorria-se, disfarçadamente, vendo a vingança que o menino tomava do que a vizinha acabava de dizer.

— Ora disse afinal D. Maria, com ar de quem não estava muito certa no que dizia, elle estava descuidado, não foi por querer.

O menino foi sentar-se e a conversa proseguiu.

Chegou-se ao ponto do destino que o padrinho queria dar ao afilhado, e, segundo era costume, começou logo grande divergencia entre o compadre e a comadre; esta não falava senão na Conceição e aquelle não falava senão em Coimbra.

D. Maria, solicitada a dar tambem a sua opinião disse:

— Pois olhem, se fossem commigo, eu havia de pô-lo em um cartorio, e fazer delle um procurador de causas.

— Oh! não, respondeu o compadre; perdôe-me, sra. D. Maria, perdôe-me se lhe offendo com isso, mas eu tenho uma birra dos diabos com as taes demandas...

— Pois olhe, não tem razão; ellas dão-me que fazer, mais eu já estou acostumada. Por exemplo, aquella demanda das terras, isto tem sido um nunca acabar; os herdeiros do meu compadre João Bernardo, que ainda não estavam habilitados em juizo mandaram-me aqui citar...

E por ahi continuava, sem que ninguem soubesse onde pararia, quando felizmente teve de interromper-se,

porque a procissão approximava-se, e todos correram janellas.

Isto deu fim á conversa, começou a desfilar a procissão, que realmente fazia bonito effeito, sobretudo vista da casa de D. Maria, que era, e tinhamos esquiado esta circumstancia, na mesma rua dos Ourives; luzes das tochas reflectidas nos galões das armações das portas e nas taboletas cheias de ouro e prata, em obsequio com que os ourives nesse dia costumavam ornar os intervallos de suas casas, tinham um aspecto de muita riqueza e luxo, ainda que de máu gosto. De tudo que se via a procissão, o que mais mereceu as honras e agrado dos devotos foi o rancho das bahianas, que o leitor já conhece e o sacrificio de Abrahão, que ia apresentado ao vivo.

Caminhava adiante um menino com um feixe de lenha aos hombros, representando Isaac; logo atraz d'elle um latagão vestido com um trajo extravagante com uma enorme espada de páu suspensa sobre a cabeça do menino, era Abrahão; um pouco mais atraz um anjo, suspendendo o furibundo gladio por uma corda de 3 ou 4 varas de comprimento.

Terminada a procissão, retiraram-se os convidados.

Ao sahir o compadre com o pequeno D. Maria, chamou-se a elle, e disse-lhe significativamente:

— Appareça que temos de conversar a respeito do pequeno...

Já se vê que o menino não era dos mais infelizes pois que, se tinha inimigos, achava tambem protectores por toda a parte. Para diante os leitores verão o papel que D. Maria representará nesta historia.

XVIII

AMORES

Os leitores devem já estar fatigados de historias travessuras de crianças; já conhecem sufficientemente

o que foi o nosso memorando em sua meninice, as esperanças que deu, e o futuro que prometeu. Agora vamos saltar por cima de alguns annos, e vamos ver realisadas algumas dessas esperanças. Agora começam historias, se não mais importantes, pelo menos um pouco mais sisudas.

Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer alerigo, mandal-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista, mettendo-o na Conceição, a quem D. Maria queria fazer rabula, arranjando-o em algum cartorio, e a quem, emfim, cada conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente, as inclinações que nelle descobria, o pequeno, dizemos, tendo tantas cousas boas, escolheu o peor possível: nem foi para Coimbra, nem para a Conceição, nem para cartorio algum; não fez nenhuma destas cousas, nem tambem outra qualquer; constituiu-se um commo vadio-mestre, vadio-typo.

O padrinho desesperava com isso vinte vezes em cada dia por ver frustado o seu bello sonho, porém não se animava mais a contrariar o afilhado, e deixava-o ir vontade.

A comadre tinha conseguido o seu fim, pelo que diz respeito á sobrinha; tanto fizera, que o Leonardo, piando a cigana em nova infidelidade, resolveu-se... e tranjou-se... Dessa época começou elle a viver sociedade: o vento da idade começava a apagar-lhe as flamas de ternura.

D. Maria envelhecera soffrivelmente, porém não perera de modo nenhum a sua mania favorita das demandas, a ultima que tivera foi talvez a mais desculpavel, a mais rasoavel de todas. Teve por causa a tutoria de uma sobrinha que ficára orphã por morte de um irmão. Este irmão tinha um compadre que não gozava de boa reputação: ora, tendo a orphã ficado

senhora de alguns mil cruzados que deixára seu pae, ainda que este não tivesse feito testamento, por ser ella filha unica e legitima, o compadre apresentou, pretendendo ser seu tutor.

D. Maria, percebendo o caso, apresentou-se tambem e afinal venceu: foi nomeada tutora e veiu-lhe a sobrinha para casa; ella estimou isso, tanto mais que a sobrinha já a fazia precisar, ainda não de um apoio, mas de uma companhia.

As mais personagens continuaram no mesmo estado.

Daqui em diante trataremos o nosso namorado pelo seu nome de baptismo, não nos occorre se já disse que elle tinha o nome do pae; mas se o não disser, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pae e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo e accrescentando o appellido de pataca, já muito vulgarisado nesse tempo, quando tivermos tratar daquelle.

Leonardo havia, pois, chegado á época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas occasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber porque, se souha umas poucas de noites seguidas, cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos labios.

Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa a sobrinha; o compadre, como a propria D. Maria lhe pedira, continuou a visital-a, e nessas visitas passava longo tempo em conversa particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras em casa enquanto estava em idade disso, e depois que lhe perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento.

Disso resultou que detestava profundamente as vi-

zitas e que só se sujeitava a ellas obrigado pelo padrinho.

Em uma das ultimas vezes que foram á casa de D. Maria, esta, assim que o viu entrar, dirigiu-se ao compadre e disse-lhe muito contente:

— Ora afinal venci a minha campanha... veio hontem para o meu poder a menina... o tal velhaco do compadre de meu irmão não levou a sua avante.

Muitos parabens, muitos parabens? Respondeu o compadre.

Leonardo deu pouca attenção a isso; ha muito que ouvia falar da tal sobrinha; sentou-se em um canto e começou a bocejar como de costume.

Depois de mais algumas palavras trocadas entrei os dous, D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta appareceu. Leonarde lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a belleza de moça; era alta, magra, pallida; andava com o queixo enterrado no peito, trazia as palpebras sempre baixas e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabello cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e, como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe cahia sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quasi sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça.

Por mais que o compadre a questionasse, apenas murmurou algumas phrases inintelligiveis com voz rouca e sumida. Mal a deixaram livre desappareceu sem olhar para ninguem. Vendo-a ir-se, Leonardo tornou a rir-se interiormente.

Quando se retiraram, riu-se elle pelo caminho á sua vontade. O padrinho indagou a causa da sua hilaridade;

respondeu-lhe que não se podia lembrar da menina sem sorrir-se.

— Então lembras-te della muito a miudo, porque muito a miudo te ris.

Leonardo viu que esta observação era verdadeira.

Durante alguns dias umas poucas de vezes falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe annunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber porque, pulou de contente, e, ao contrario dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se prompto.

Sahiram e encaminharam-se, para o seu destino.

XIX

DOMINGO DO ESPIRITO SANTO

Era esse dia domingo do Espirito Santo. Como todos sabem, a festa do Espirito Santo é uma das festas predilectas do povo fluminense. Hoje mesmo que se vão perdendo certos habitos, uns bons, outros máus, ainda essa festa é motivo de grande agitação; longe porém, está agora o que se passa daquillo que se passava nos tempos a que temos feito remontar os leitores. A festa não começava no domingo marcado pela tabuinha, começava muito antes; nove dias, cremos, para que tivessem logar as novenas. O primeiro annuncio das festas eram as Folias. Aquelle que escreve estas memorias ainda em sua infancia teve occasião de ver as Folias, porém foi já no seu ultimo gráo de decadencia, e tanto que só as creanças como elle davam-lhe attenção e achavam nellas prazer; os mais, se dellas se occupavam, era unicamente para lamentar a differença que faziam das primitivas. O que dantes se passava, bem encarado, não estava muito longe de merecer censura; porém era costume, e ninguem vá lá dizer a alguma velha, desse tempo que aquillo devia ser por força muito feio, porque deva uma risada na cara, e ouve uma tremenda philippica contra as nossas festas de hoje.

Entretanto, digamos sempre o que eram as Falias nesse tempo, apesar de que os leitores o saberão pouco mais ou menos. Durante os nove dias que precediam o Espirito-Santo, ou mesmo não sabemos se antes disso, sahiam pelas ruas da cidade um rancho de meninos, todos de 9 a 11 annos, *caprichosamente* vestidos *à pastora*: sapatos côr de rosa, meias brancas, alção da côr do sapato, faixas á cintura, camisa branca de longos e cahidos collarinhos, chapéus de alha de abas largas, ou forrados de seda, tudo isto confeitado com grinaldas de flôres, e com uma quantidade prodigiosa de laços de fita encarnada. Cada um destes meninos levava um instrumento *pastoril* em que tocavam, pandeiro, cachete e tamboril. Caminhavam formando um quadrado, no meio do qual ia o chamado imperador do Divino, acompanhados por uma musica de barbeiros, e precedidos e cercados por uma musina de *irmãos* de opa, levando bandeiras encarnadas e outros emblemas, os quaes tiravam esmolos enquanto elles cantavam e tocavam.

O imperador, como dissemos, ia no meio; ordinariamente era um menino mais pequeno que os outros, vestido de casaca de velludo verde, calção de igual cor e côr, meias de seda, sapatos afivelados, chapéu de pasta, e um enorme e rutilante emblema do Espirito-Santo ao peito: caminhava pausamente e com grave.

Confessem os leitores se não era cousa deveras extravagante ver-se um imperador vestido de velludo e seda, percorrendo as ruas cercado por um rancho de meninos, ao toque de pandeiro e machete. Entretanto, apenas se ouvia ao longe a fanhosa musica dos barbeiros, todos corriam á janella para ver a Folia: os irmãos aproveitavam-se do ensejo, e iam colhendo esmolos de porta em porta.

Enquanto caminhava o rancho tocava a musica de

barbeiros ; quando parava, os pastores, acompanhando-se com seus instrumentos, cantavam ; as cantigas eram pouco mais ou menos no genero e estylo desta :

O Divino Espirito Santo
E' um grande folião,
Amigo de muita carne,
Muito vinho e muito pão.

Eis ahi o que é a Folia, eis ahi o que o compadre e o afilhado encontraram no caminho.

A este episodio da Folia seguiam-se outros de que vamos em breve dar conta aos leitores. Por agora, porém, voltemos aos nossos visitantes.

Chegaram elles á casa de D. Maria, e acharam ainda todos á janella, porque acabava de passar a Folia. D. Maria recebeu-os com a sua costumada amabilidade. Leonardo ao entrar lançou logo os olhos para a sobrinha de D. Maria ; porém, sem saber porque, não teve desta vez mais vontade de rir-se ; entretanto a menina continuava a ser feia e exquisita, nesse dia estava ainda peor do que nos outros. D. Maria tinha tido pretensões de asseial-a ; vestira-lhe um vestido branco muito curto, puzera-lhe um lenço de seda encarnada ao pescoço, e penteiara-a de *bugres*. Por isso, agora que tendo ella tirado a costumada viseira de cabellos lhe podemos ver o rosto, digamos, em abono da verdade, que se estava nesse dia mais exquisita quanto ao todo, podia-se-lhe notar que não era tão feia de cara como a principio pareceu.

O caso foi que o Leonardo começou a olhar para ella sem mais vontade de rir-se ; olhou uma, duas, tres, quatro, muitas vezes, emfim, sem que nunca satisfizesse ao que elle interiormente chamava curiosidade de apreciar aquella figura.

A menina por sua parte continuava no seu inalteravel silencio e concentração de olhos baixos e queixo no

peito. Entretanto, quem tivesse habito de observador fino poderia ter visto algum levantar de palpebras rapido, e algum olhar fugaz dirigido para o lado de Leonardo.

D. Maria e o compadre conversaram segundo o seu costume.

Na occasião da sahida, D. Maria, dirigindo-se ao compadre, disse-lhe.

— Olhe, escute: nós hoje vamos ao campo ver o fogo, bem podiamos ir todos juntos; que diz?

— Sim, podiamos, respondeu o compadre: eu tinha de ir só com o meu rapaz; mas uma vez que me offerece, iremos todos juntos. E leva a senhora a sua menina, não é?

— Oh! levo coitada; ella nunca viu o fogo; no tempo do pae nunca sahia...

Sem pensar, o Leonardo estremeceu de contente: pareceu-lhe que desse modo teria mais occasião de satisfazer a sua *curiosidade*. A menina nem se mexeu; pareceu-lhe aquillo absolutamente indifferente.

Pois então estamos ajustados, accrescentou o compadre, e á noite cá as viremos buscar.

E sahiram.

XV

O FOGO DO CAMPO

A' hora determinada vieram os dous, padrinhos e afilhado buscar, D. Maria e sua familia, segundo haviam tratado; era pouco depois de Ave-Maria, e ja se encontrava pelas ruas grande multidão de familias, de ranchos de pessoas que se dirigiam uns para o campo outros para a Lapa, onde, como é sabido, tambem se festejava o Divino. Leonardo caminhava, parecendo completamente alheio ao que se passava em roda delle; tropeçava e albarroava nos que encontrava, uma idéa unica roia-lhe o miolo se lhe perguntassem que idéa

era essa, talvez mesmo o não soubesse dizer. Chegaram, enfim, mais depressa do que suppozera o barbeiro, porque o Leonardo parecia naquella noite ter azas nos pés, tão rapidamente caminhava e obrigára o padrinho a caminhar com elle.

D. Maria estava já prompta e os esperava com algumas outras pessoas com quem tambem tratara ir de companhia, e em um momento puzeram-se a caminho. Formavam todos um rancho acompanhado por não pequeno numero de ágras e negrinhas escravas e crias de D. Maria, que levavam, cestos com comida e esteiras. D. Maria deu o braço ao compadre, e o mesmo fizeram as outras senhoras aos demais cavalleiros. Por gracejo D. Maria fez com que o Leonardo desse o braço a sua sobrinha; elle acceitou a incumbencia com gosto mas não sem ficar alguma cousa atrapalhado, e deu na pobre menina alguns encontrões, embaraçado por não saber se lhe daria a esquerda ou a direita; finalmente, acertou, e deu-lhe a esquerda, ficando elle do lado da parede. Offereceu-lhe o braço, porém, a Luizinha (tratamol-a desde já por seu nome) pareceu não entender o offerecimento, ou não dar fé delle. Contentou-se, pois, o Leonardo em caminhar ao seu lado.

Assim chegaram ao campo, que estava cheio de gente. Nesse tempo ainda se não usavam as barracas de bonecos, de sortes, de raridades e de theatros como hoje: usavam-se apenas algumas que serviam de casas de pasto. Depois de passarem por diante dellas, D. Maria e a sua gente se dirigiram para o Imperio. Luizinha estava attonita no meio de todo aquelle movimento, diante daquelle espectaculo que via pela primeira vez, pois era verdade o que dissera D. Maria; no tempo de seu pae raras ou nenhuma vez sahia de casa. Assim, sem o saber, parava algumas vezes embasbacada a olhar para qualquer cousa, e o Leonardo muitas vezes

via-se forçado a puchar-lhe pelo braço obrigal-a a proseguir.

Chegaram ao Imperio, que era nesse tempo quasi defronte da igreja de Sant'Anna, no logar agora occupado por uma das extremidades do quartel de fuzileiros. Todos sabem o que é o Imperio, e por isso o não descreveremos. Lá estava na sua cadeira o Imperador, que o leitor já viu passeando pela rua no meio de seus foliões. Luizinha, vendo-o, poz-se nas pontas dos pés, esticou o pescoço, e encarou-o por muito tempo extatica e absorta. O Leonardo vendo isto sentiu um não sei que por dentro contra o menino que atrahia a attenção de Luizinha, e passou-lhe pela mente o desejo louco de voltar atraz seis ou oito annos de sua existencia, e ser tambem imperader do Divino.

Nas escadas do imperio fazia-se leilão como ainda hoje, divertindo-se muito o povo alli apinhado com as graxolas pesadas do pregoeiro. Estiveram ahi algum tempo entretidos os nossos conhecidos, e foram depois procurar no meio do campo um logar onde pudessem fazer alto para cêar e ver o fogo. Acharam-no, não sem alguma difficuldade, pois que muitas outras familias se haviam adiantado e tomado as melhores posições. Grande parte do Campo estava já coberto daquelles ranchos sentados em esteiras, conversando, cantando modinhas ao som da guitarra e viola. Fazia gosto passeiar por entre elles, e ouvir aqui a aneddotta que contava um conviva de bom gosto, alli a modinha cantada naquelle tom apaixonadamente poetico, que faz uma das nossas raras originalidades, apreciar aquelle movimento e animação que geralmente reinavam. Era essa a parte (permitta-nos a expressão) verdadeiramente divertida do divertimento.

Os nossos conhecidos sentaram-se como os outros em roda de suas esteiras, e começaram a cear. Leonardo, apesar das emoções novas que experimentava desde

certo tempo, e principalmente naquella noite, nem por isso perdeu o appetite, e esqueceu-se por algum tempo de sua companheira para cuidar unicamente do seu prato. No melhor da ceia foram interrompidos pelo ronco de um foguete que subia; era o fogo que começava. Luizinha extremeceu, ergueu a cabeça, e pela primeira vez deixou ouvir sua voz, exclamando extasiado ao ver cair as lagrimas infladas do foguete que aclaravam todo o campo.

— Olhe, olhe, olhe!...

Alguns dos circumstantes desataram a rir; o Leonardo deu o cavaco com aquellas risadas; e as achou muito fóra do tempo. Felizmente Luizinha estava por tal maneira extasiada que não deu attenção a cousa alguma, e enquanto duraram os foguetes não tirou os ~~foguetes não tirou os~~ olhos do céu.

Aos foguetes seguiram-se, como sabem os leitores, as rodas. Nessa occasião o extasi da menina passou a phrenesi; applaudia com enthusiasmo, erguia o pescoco por cima das cabeças da multidão; tinha desejo de ter duas ou trez varas de comprido para ver tudo a seu gôsto. Sem saber como, unia-se ao Leonardo, firmava-se com as mãos sobre os seus hombros para se poder sustentar mais tempo nas pontas dos pés, falava-lhe e communicava-lhe a admiração! O contentamento acabou por familiarisal-a completamente com elle. Quando se atacou a lua, a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos hombros de Leonardo, deu-lhe quasi um abraço pelas costas. Leonardo estremeceu por dentro, e pediu ao céu que a lua fosse eterna; virando o rosto viu sobre seus hombros aquella cabeça de menina illuminada pelo clarão pallido mixto que ardia, e ficou tambem por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jámais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se della e achal-a feia.

Acabado o fogo, tudo se poz em andamento, levantaram-se as esteiras, espalhou-se o povo. D. Maria e sua gente puzeram se tambem em marcha para casa, guardando a mesma disposição em que tinham vindo. Desta vez, porém, Luizinha e Leonardo, não é dizer que vieram de braço, como este ultimo tinha querido quando foram para o campo, foram mais adiante do que isso, vieram de mãos dadas muito familiar e ingenuamente. Este *ingenuamente* não sabemos se se poderá com razão applicar ao Leonardo. Conversaram por todo o caminho como se fossem dous conhecidos muito antigos, dous irmãos de infancia, e tão distrahidos iam que passaram a porta de casa sem parar, e já estavam muito adiante quando os *fios* de D. Maria os fizeram voltar. A despedida foi alegre para todos e tristissima para os dous. Entretanto, como sempre, que se despedia, o compadre prometteu voltar, e isso serviu de algum alivio, especialmente ao Leonardo, mais que tomára tudo o que se acabava de passar em grosso. ?

XXI

CONTRARIEDADES

Creemos, pelo que temos referido, que para nenhum dos leitores será ainda duvidoso que chegara ao Leonardo a hora de pagar o tributo de que ninguem escapa neste mundo, ainda que para alguns seja elle facil e leve, e para outros pesado e custoso: o rapaz amava. E' escusado dizer a quem.

Como é que a sobrinha de D. Maria, que a principio tanto desafiara a sua hilaridade por esquesita e feia, lhe viera depois e inspirar amor, é isso segredo do coração do rapaz, que nos não é dado penetrar: o facto é que elle a amava, e isto nos basta. Convém lembrar que se pela sorte de um pae se póde augurar a de um filho, o Leonardo em materia de amor não promettia de certo grande fortuna. E com effeito, logo depois da noite do

fogo no campo, em que as cousas começavam a tomar vulto, principiou a roda a desandar-lhe em quasi todos os sentidos, Luizinha, uma vez extinto o entusiasmo que, suscitado pelas emoções que experimentara na noite do fogo, a acordara da sua apathia, voltara novo ao seu antigo estado ; e, como de tudo esquecida na primeira visita que o barbeiro e o Leonardo fizeram a D. Maria, depois desses acontecimentos, nem para este ultimo levantara os olhos ; conservara-se de cabeça baixa e olhos no chão.

Ora, para quem, como o Leonardo, levava depois daquella feliz noite a construir esses castellos de estravagante architectura, com que sonhamos nos dias felizes do primeiro amor, isso foi já uma contrariação sem nome ; quando se viu assim tratado quasi desatento a chorar ; só o conteve o receio de não poder depois justificar o seu pranto com qualquer pretexto. A este primeiro movimento succedeu-lhe um momento de calma, e depois cresceu-lhe por dentro uma chamma de raiva, e esteve a ponto de chegar-se para a menina, desenterrar-lhe o queixo do peito, e chamal-a quatro ou cinco vezes de esturdia e feia. Afinal scismou um pouco e murmurou um — que me importa ! — que pretendia ser desprezo, e que não era senão despeito.

A' primeira visita, depois da noite do fogo seguiram-se muitas outras em que as cousas se passaram pouco mais ou menos do mesmo modo.

Um novo successo o veiu, porém, um dia dar uma outra côr e andamento aos successos ; foi ao encontro do dous, padrinho e afilhado, em casa de D. Maria, com uma personagem estranha a ambos. Era um conhecido de D. Maria, que havia a pouco chegado de uma viagem á Bahia. Figure o leitor um homensinho nascido em dias de maio, de pouco mais ou menos trinta e cinco annos de idade, magro, narigudo, de olhar vivo e penetrante vestido de calção e meias pretas, sapatos de fivella, ca-



Sargento de Milicias

Esta página foi posta aqui, ou
por maldade, ou por ignorância, ou
editores, pois não se sabe, que a guerra
representa uma criação (mal ditada
da, por sinal) a brincar de soldado de
militaria.

pote e chapéu armado, e terá idéa do physico do sr. José Manoel, o recémchegado. Quanto ao moral, se os signaes physicos não falham, quem olhasse para a cara do sr. José Manoel assignalava-lhe logo um logar distincto na familia dos velhacos de quilate. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum; o homem era o quo parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara. Entre todas as suas qualidades possuia uma que infelizmente caracterisava naquelle tempo, e talvez que ainda hoje, positiva e claramente o fluminense, era a maledicencia. José Manoel era uma chronica viva; porém chronica escandalosa, não só de todos os seus conhecidos e amigos e das familias destes, mas ainda dos conhecidos e amigos dos seus amigos e conhecidos de suas familias. Debaixo do mais futil pretexto tomava a palavra, e enfiava um discurso de duas horas sobre a vida de um fulano ou beltrano.

Por exemplo, conversando-se sobre qualquer objecto acontecia falar-se em D. Francisca Brites.

— Conheci muito D. Francisca Brites, atalhava immediatamente o incensavel falador; era mulher de João Brites, filho bastardo do capitão Sanches, em tempo de casada, diziam suas cousas della, e a culpa tinha Pedro de Aguiar, sujeito que não gosava de boa nota principalmente depois que se meteu ahi na alhada de um testamento falso, que attribuiram ao Lourenço da Cunha, que, em abono da verdade, era bem capaz disso, pois era sujeito de mãos limpas. Foi até elle quem furtou de casa a filha de D. Ursula, que foi moça de Francisco Borges, a quem deixou para seguir a Pedro Antunes, que por signal lhe deu bem má vida.

E tambem ella não devia esperar outra cousa delle, porque o homem que se atreveu a fazer o que elle fez a tres filhas que tinha, é capaz de tudo. Chegou a porta a fóra, com um páu, as pobres moças, depois

MEMORIAS — 7

de as ter espancado desapiadadamente. Entretanto uma dellas foi bem feliz; achou ahi um capitão de navio que tratou della; as outras não, coitadas!...

— Infelizes porque? acudiu por acaso algum dos circumstantes; ellas casaram...

— Casaram, sim, é verdade, retorquia elle, tomando novo folego, porém, com que marido? Um tomava moafas de todo o tamanho, o outro gastou tudo quanto tinha no jogo. Conheci-os a ambos muito bem.

E por ahi proseguia e internava-se a perder de vista pela geração toda dos dous maridos e era capaz de gastar nesse trabalho horas inteiras.

Desde o primeiro dia que o padrinho e o afilhado encontraram-se com José Manoel em casa de D. Maria, nenhum dos dous lhe ficou por certo querendo muito bem, e este não querer bem foi, crescendo de dia em dia, especialmente pela parte do Leonardo. E o caso é que elle tinha razão; foi o instincto que o avizou de que ali havia um inimigo. Tão exaggerados eram os affagos de José Manoel para com D. Maria, e tanto repartia elle esses affagos com Luizinha, que bem claro se deixou ver que havia nelles fim occulto. Afinal o negocio aclarou-se. D.^{sa} Maria, era como dissemos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha se morresse D. Maria; Luizinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente a qualquer esperto que se achasse, como José Manoel em disponibilidade; este, pois, fazia a côrte á velha com intenções na sobrinha. Quando Leonardo, esclarecido pela sagacidade do padrinho, entrou no conhecimento destas cousas, ficou fóra de si, e a idéa mais pacifica que teve foi que podia muito bem quando fosse visitar D. Maria, munir-se de uma das navalhas mais afiadas de seu padrinho, e na primeira occasião opportuna fazer de um só golpe em dous o pescoço

de José Manoel. Porém teve de applacar-se e ceder às admoestações do padrinho que sabia de todos os seus sentimentos, e que os approvava.

XXII

ALLIANÇA

Se Leonardo se affligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o apparecimento e com as disposições de José Manoel, o padrinho não se encomodava menos com isso: vendo que o afilhado se fazia homem, e tendo decididamente abortado aquelle seu gigantesco plano de mandal-o á Coimbra, enxergava na sobrinha de D. Maria um meio de vida excellente para o seu rapaz. Verdade é que se lembrava de que D. Maria podia, com muito justa razão, se as cousas continuassem do mesmo modo, quando chegasse o momento do desfecho das cousas, recusar sua sobrinha a um rapaz, que não tinha futuro. Por este motivo muitas vezes instava com o afilhado para que ensaiasse na cara de algum freguez tolo entrar no officio; porém este recusava se obstinadamente. A comadre, quando alguma vez apparecia por casa do barbeiro, não cessava de insistir no seu antigo projecto de fazer o rapaz entrar para a Conceição. Uma occasião em que nisso falou diante d'elle, custou-lhe a historia uma forte sarabanda: o rapaz tomara gosto á vida de vadio, e por principio algum queria deixal-a. E se em outras occasiões estava elle desse humor, agora, depois dos ultimos acontecimentos, quando o amor e o ciuume lhe occupavam a alma, não queria ouvir falar em semelhantes cousas; acreditava que a sua melhor occupação devia consistir em dar cabo do rival que se lhe antepuzera.

No meio de tudo isto peor era que José Manoel parecia adiantar-se cada vez mais; astuto como era, ensinava-se directamente no animo de D. Maria, e a capti-

vava com attentões de toda a sorte. O compadre começou a banzar sobre o caso, e um dia veiu-lhe uma idéa : era preciso pôr a comadre ao corrente do que se passava, e interessal-a no negocio ; ella era bem capaz, se quizesse, de arcar com José Manoel, e pôl-o fóra do combate ; gozava de boa fama de ter geito para *essas cousas*. Com effeito mandou chamar a comadre expôz-lhe tudo.

— Sim ! respondeu ella ao ouvir a narração ; o caso é este? pois está de cór o tal sujeito; hei de mostrar-lhe para quanto presto. Já hoje mesmo vou visitar D. Maria.

Mal sabia José Manoel que tormenta se levantava contra elle. Ha muito percebera elle que Leonardo e seu padrinho o não podiam tragar, e mesmo que tinham segundas tenções a respeito de Luizinha, porém nunca lhe passara pela mente que seria mister lutar com elles. Em breve teve de ver que se enganava. A comadre foi, como promettera, á casa de D. Maria, e achando lá José Manoel procurou fazer-se ostensivamente muito ~~na~~ sua camarada, ainda que baixinho, e de vez em quando soltava perto de D. Maria algumas indirectas contra elle.

Quando José Manoel acabava de contar uma historia com todos os detalhes costumados sobre a vida deste ou daquelle, a comadre murmurava, por exemplo :

— Que lingua ! sáfa...

— E com estas e outras ia pondo em relevo, sem parecer que tinha tal intenção, o character do adversario.

Além da qualidade de maldizente, José Manoel mentia com um descaro, como raras vezes se encontra D. Maria, amiga de novidades, e alem disso muito credula, commungava perfeitamente quanta pêta lhe queria elle embutir. Uma das suas historias mais communs era a que elle intitulava—*O naufragio dos potes*.—Apri-

tecera-lhe na sua ultima viagem á Bahia, e elle a contava pelo modo seguinte :

« Estamos quasi a chegar ao ancoradouro ; viajava ao lado do meu navio um enorme *perú* carregado unicamente de potes. De repente arma-se um temporal, que parecia vir o mundo abaixo ; o vento era tão forte, que do mar, apesar da escuridão, viam-se contradançar no espaço as telhas arrancadas da cidade alta. Afinal, quando já parecia tudo socegado e começava a limpar o tempo, veio uma onda tão forte, e em tal direcção, que as duas embarcações esbarraram com toda a força uma contra a outra. Já muito maltratadas pelo temporal que acabavam de supportar, não puderam mais resistir, e abriram-se ambas de meio a meio ; o navio vasou toda a sua carga e passageiros, e o *perú* toda a sua cargação de potes ; ficou o mar coalhado dellea, em tão grande quantidade os havia ! Os marinheiros e outros passageiros trataram de agarrar-se a taboas, caixões e outros objectos para se salvarem ; porém o unico que se escapou fui eu, e isso devo á feliz lembrança que tive ; do pedaço de navio em que tinha ficado dei um salto sobre o pote que boiava mais perto. Com o meu peso o pote mergulhou, e enchendo-se de agua desapareceu debaixo de meus pés ; porém isto não teve logar antes que eu, percebendo o que ia acontecer, não saltasse immediatamente desse pote para outro. A este outro e a todos os mais aconteceu a mesma cousa, porém servi-me do mesmo meio, e assim, com a força das ondas os impellia para a praia, vim de pote em pote até á terra, sem o menor accidente !

Como esta contava José Manoel milhares de historias.

Foi tambem isso um thema da que se serviu a comadre para desconceituar no animo de D. Maria, sempre, é verdade, muito sorrateiramente.

Veremos quaes foram os resultados que alcançaram

o compadre e o Leonardo com a alliança formada com a comadre contra o concorrente a Luizinha.

XXIII

DECLARAÇÃO

Emquanto a comadre dispunha seu plano de ataque contra José Manoel, Leonardo ardia em ciumes e em raiva, e nada havia que o consolasse em seu desespero, nem mesmo as promessas de bom resultado, que lhe faziam o padrinho e a madrinha. O pøbre rapaz via sempre diante de si a detestavel figura do seu rival a desconcertar-lhe todos os planos, a desvanecer-lhe todas as esperanças. Nas horas de socego entregava-se ás vezes á construcção imaginaria de magnificos castellos, castellos de nuvens e verdade, porém, que lhe pareciam por instantes os mais solidos do mundo; derrepente surdia-lhe de um canto o terrivel José Manoel com as bochechas inchadas; e soprando sobre a construcção, a arrazava em um volver de olhos.

Entretanto o que havia de notavel e que Luizinha causa de tantas tormentas, ignorava tudo, e a tudo continuava indifferente. Leonardo veio a entender, depois de muito meditar, que isto constituia um dos principaes defeitos de sua posição; se a comadre e o compadre conseguissem derrotar o José Manoel, e pôl-o em estado de não poder mais entrar em combate, quem poderia dizer que o triumpho era completo? Não havia ainda uma segunda campauha a dar, contra a indifferença de Luizinha? Daqui concluiu elle que éra mister ir já rompendo fogo por esse lado; e como lhe pareceu o de mais importancia, não quiz confiar a nenhum dos alliados o seu ataque, e decidiu-se a dal o em pessoa. Devia começar, como o sabe de cór e salteado a maioria dos leitores, que è sem duvida nenhuma muito entendida na materia, por uma declaração em forma.

Mas em amor assim como em tudo, a primeira sahida

é o mais difficil. Todas as vezes que esta idéa vinha a cabeça do pobre rapaz, passava-lhe uma nuvem escura por diante dos olhos e banhava-se-lhe o corpo em suor. Muitas semanas levou a compor, a estudar o que havia de dizer a Luizinha quando apparecesse o momento decisivo. Achava com facilidade milhares de idéas brilhantes, porém, mal tinha assentado em que diria isto ou aquillo, e já isto ou aquillo lhe não parecia bom. Por varias vezes tivera occasião favoravel para desempenhar a sua tarefa, pois estivera a eos com Luizinha; porém, nessas occasiões nada havia que pudesse vencer o acanhamento, tomou um dia a resolução de acabar com o medo, e dizer-lhe a primeira cousa que lhe viesse a bocca.

Luizinha estava no vão de uma janella a espiar para a rua, pela rotula, Leonardo aproximou-se tremendo, pé ante pé, parou e ficou immovel como uma estatua atraz della que, entretida para fora, e nada tinha dado fê. Esteve assim por longo tempo calculando se deveria falar em pé ou se deveria ajoelhar-se. Depois, fez um movimento, como se quizesse tocar no hombro de Luizinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por ahí não ia bem; quiz antes puxar-lhe pelo vestido, e ia já levantando a mão quando tambem se arrependeu. Durante todos estes movimentos o pobre rapaz suava a não poder mais. enfim, um incidente veio tiral-o da difficuldade. Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguém se aproximava, e tomado de terror por se ver apanhado naquella posição, deu repentinamente dous passos para az, e soltou um—ah!—muito engasgado. Luizinha, saltando-se, deu com elle diante de si, e recuando, esbarrancou-se de costas contra a rotula; veiu-lhe tambem outro—ah!—porém não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.

A bulha dos passos cessou sem que ninguém chegasse

á sala; os dous levaram algum tempo naquella mesma posição, até que o Leonardo, por supremo esforço, rompeu o silencio, e com voz tremula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar perguntou desenhadamente:

— A senhora... sabe... uma cousa?

E riu-se com uma risada forçada, pallida e tola.

Luizinha não respondeu. Elle repetiu no mesmo tom:

— Então... a senhora... sabe ou... não sabe?

E tornou a rir-se do mesmo modo. Luizinha conservou-se muda.

— A senhora bem sabe... é porque não quer dizer... Nada de resposta.

— Se a senhora não ficasse zangada... eu dizia... Silencio.

— Está bom... eu digo sempre... mas a senhora fica zangada?

Luizinha fez um gesto de quem estava impaciada.

— Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... lhe quero... muito bem.

Luizinha fez-se côr de uma cereja; e fazendo meia volta á direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém approximava-se.

Leonardo viu-a ir-se um pouco estupefacto pela resposta que ella lhe déra, porém de todo descontente; seu olhar de amante percebera que o que se acabava de passar não tinha sido totalmente desagradavel a Luizinha.

Quando elle desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante.

SEGUNDA PARTE *d,*

I

A COMADRE EM EXERCICIO

Os leitores devem estar lembrados de que o nosso antigo conhecido, de quem por algum tempo nos temos esquecido, o Leonardo-Pataca, apertara-se em laços amorosos com a filha da comadre, e que ella vivia em santa e honesta paz. Pois este viver santo e honesto deu em tempo opportuno o seu resultado. Chiquinha (era este o nome da filha da comadre) achou-se de *esperanças* e prompta a dar á luz. Já vêm os leitores que a raça dos Leonardos não se ha de extinguir com facilidade, Leonardo Pataca não perdia por modo algum aquelles habitos de ternura com que sempre o conhecemos, e nas actuaes circumstancias, quando elle via ás portas da vida um fructo do seu derradeiro amor, crescia-lhe na alma aquella violenta chamma do costume; o pobre ardia todo por dentro e por fóra, e desfazia-se em carinhos para com sua companheira.

Chegou, finalmente, o dia de apparecer o desejado resultado: ao amanhecer manifestaram-se os primeiros symptomas. Leonarde levantou logo uma poeira em casa; andava de dentro para fóra pretendo fazer mil cousas, e sem fazer cousa alguma, atrapalhado e tonto. Mandou chamar a comadre, que prompta acudiu ao chamado, e começaram-se a arranjar os preparativos. Talvez alguns leitores tenham idéa do mundo infinito de arranjos que naquelle tempo se punha em gyro em semelhantes occasiões. A primeira cousa a que o Leonardo Pataca providenciou foi que se mandassem dar as nove badaladas no sino grande da Sé. Esta pratica só costumava ter lugar quando a parturiente se achava em

perigo, porém elle quiz prevenir tudo a tempos e a horas. Mandou-se depois pedir á vizinha, pois por um descuido imperdoavel não havia em casa, um ramo de palha benta; a comadre trouxe um par de bentinhos da Senhora do Monte do Carmo, que tinham grande reputação de milagrosos, e o lançou ao pescoço da Chiquinha. Poz a palha benta ao lado da cabeceira: na sala improvisou-se um oratorio com uma toalha, um copo com aruda e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de louça, enfeitada com cordões de ouro. Chiquinha para nada esquecer das regras estabelecidas, amarrou á cabeça um lenço branco, mettu-se embaixo dos lençóis, e começou a rezar ao santo de sua devoção. A comadre assentou-se aos pés da cama em uma banquinha, e desunhava tambem em um grande rosario, observando entretanto a Chiquinha e interrompendo-se a cada instante para dar ordens ao Leonardo-Pataca, e responder ao que fóra do quarto se dizia.

Leonardo-Pataca, depois de tudo arranjado, quando vio que a unica cousa que restava era *esperar a natureza*, como dizia a comadre, poz-se em menores, quero dizer, despio os calções e o collete, ficou em ceroulas e chinellas, amarrou á cabeça, segundo um antigo costume, um lenço encarnado, e poz-se a passear na sala de um lado para outro com uma cara de fazer dó; parecia que era elle e não Chiquinha quem se achava com dôres. De vez em quando parava á porta do quarto, que se achava cerrada, lançava para dentro um olhar de curiosidade e medo, e abanando a cabeça murmurava:

— Não sirvo para isto... estas cousas não se dão com o meu genio... Estou a tremer como se fosse o negocio commigo...

E realmente a cada gemido forte, que partia do quarto, o homem estremezia e fazia-se de mil côres.

Dentro do quarto a comadre exhortava a padecente, pouco mais ou menos nestes termos :

— Não vos façais de criança, menina... isso não é nada... é um péo por um olho... Não tarda ahi um Bem-dito, e estais já livre. Estas cousas na minha mão andam depressa. Verdade seja que é o primeiro e isto causa seu medo, mas não é cousa que valha estares agora tão desanimada ; é preciso tambem ajudar a natureza. « Faze da tua parte que eu te ajudarei ! » São palavras de Jesus Christo.

A padecente estava, porém, a morrer de susto : nem se moveu á exhortação da comadre. Entretanto o tempo ia passando, e a pobre rapariga a soffrer ; já lhe tinha a comadre arranjado de um modo diverso os bentinhos no peito, já tinha inclinado mais sobre a cama a palma benta, e ainda nada de novo. O Leonardo-Pataca começava a impacientar-se ; de vez emquando chegava á porta do quarto, e perguntava com voz esmorecida :

— Então ?...

— Compadre, respondia a comadre, já lhe disse que não é bom a quem está neste estado ouvir voz de homem : esteja calado e espere lá.

Continuava o tempo a passar : a comadre sahio do quarto e veio acender nova vela benta a Nossa Senhora, e depois de uma breve oração voltou ao seu posto. Tirou então do bolso da saia uma fita azul comprida e passou-a em roda da cintura da Chiquinha ; era uma medida de Nossa Senhora do Parto. Depois disse com ar de triumpho :

— Ora agora vamos a ver, porque isto já não vae do meu agrado... Mas a culpa tambem é sua, menina, já lhe disse que é preciso ajudar a natureza. Passou-se ainda algum tempo. De repente a comadre gritou para fóra :

— O' compadre, dê cá lá uma garrafa...

O Leonardo-Pataca obedeceu promptamente. Ou-

viu-se então dentro do quarto o som que produziria uma boca humana a soprar com toda a força dentro de alguma cousa. Era Chiquinha que por ordem da comadre soprava a morrer de cansaço dentro da garrafa que esta mandara vir.

— Com força, menina, com bem força, e Nossa Senhora não desampara os fieis. Animo, animo; isto o mais que succede é uma vez por anno. Desde que nossa mãe Eva comeu aquella maldita fructa ficamos nós sujeitas a isto. «Eu multiplicarei os trabalhos teu parto...» São palavras de Jesus Christo!

Já se vê que a comadre era tão forte em historia sagrada.

Ao Leonardo Pataca tremiam-lhe cá fóra tanto as pernas, que não pudera mais continuar no passeio; achava-se sentado a um canto com os dedos nos ouvidos.

— Soprai, menina, continuava sempre dentro a comadre, soprai com Nossa Senhora, soprai com S. João Baptista, soprai com os Apostolos Pedro e Paulo, soprai com os Anjos e Seraphins da Côrte Celeste, com todos os Santos do Paraiso, soprai com o Padre, com o Filho e com o Espirito-Santo.

Houve finalmente, um instante de silencio, que foi interrompido pelo choro de uma criança.

— Ora lá vai o máo tempo, exclamou a comadre, bem dizia eu que isto não era mais do que um páo por um olho... Ah! sr. compadre, chegue, que é agora a sua vez, venha ver a sua pequerrucha...

— E' uma pequerrucha!... exclamou o Leonardo Pataca fóra de si; ora isto é de bom agouro porque com o outro que sahiu macho não fui feliz.

Rescendeu então pela casa um agradável cheiro de alfazema; a comadre veio á sala, apagou as velas que estavam accesas a Nossa Senhora; foi depois desatar a fita da cintura da Chiquinha e tirar-lhe do pescoço os bentinhos.

A recém-nascida, enfraldada, encueirada, encinteada, entoucada e com um mólho de figas e meias luas, signos de Salomão e outros preservativos de mãos-olhados, presos ao cinteiro, passava das mãos de Chiquinha para as de Leonardo-Pataca, que não cabia em si de contentamento; era uma formosa criancinha, em tudo o opposto de seu irmão paterno, dizia o nosso amigo Leonardo, mansa e risonha. *enta/*

O Leonardo-Pataca recorreu immediatamente á fothinha para ver que nome trazia a menina; porém, como este lhe não agradasse, travou logo com Chiquinha uma questão a respeito do nome que se lhe devia dar.

A comadre aproveitou-se disso para dar conta dos ultimos arranjos, e depois envergou a mantilha e sabiu para acudir a outras necessidades.

II

A TRAMA

Como esta scena, que acabamos de pintar, tinha a comadre muitas outras todos os dias, porque era uma das parteiras mais procuradas da cidade, gozava grande reputação de muito entendida, e ainda nos casos mais graves era sempre a escolhida com os seus milagrosos bentinhos, o palma benta, a medida de Nossa Senhora, a garrafa soprada; e com a invocação de todas as legiões de santos, de scraphins e de anjos, livrava-se ella dos maiores apertos. E ninguem lhe fosse dar regras, que as não ouvia, nem do physico-mór, se nisso se mettesse era só olhar para uma mulher de *esperanças*, e dizia-lhe logo sem grande trabalho o sexo, o tamanho do filho que trazia nas entranhas, e com uma pontualidade miraculosa o dia e hora em que teria de ver-se desembaraçada; até as vezes, por certos signaes que só ella conhecia, chegava a dizer qual seria o genio e as inclinações do ente que ia ver a luz. Já se vê que esta

vida era trabalhosa e demandava serios cuidados; porém, a comadre dispunha de uma grande somma de actividade; e, apesar de gastar muito tempo nos deveres do officio e na Igreja, sempre lhe sobrava algum para pregar em outras cousas. Como dissemos, ella havia tomado a peito a causa dos amores de Leonardo com Luizinha, e jurara pôr José Manoel, o novo candidato fóra da chapa.

Começou, pois, a occupar o seu tempo disponível nesse grave negocio, e movia uma intriga surdissima e constante contra o rival de seu afilhado. Gozando da intimidade e do credito de D. Maria, não perdia junto della occasião de desconceituar José Manoel, o que lhe era tanto mais facil quanto elle se prestava a isso, e D. Maria, de espirito demandista e chicaneiro, dava o cavaco por um mexerico. Eis aqui uma das que ella armou ao adversario.

(*) Todos sabem nesta cidade onde é o Oratorio de Pedra; mas o que todos talvez não saibam é para que serviu elle em outros tempos. Sem duvida naquella oratorio havia a imagem de algum santo, e o povo *devoto* ia alli rezar? Exactamente. Mas porque é que hoje não continua essa pratica, porque apenas se conserva sobre a parede aquella especie de guarita de pedra, sem imagem alguma, sem luz á noute, e diante da qual passam todos irreverentemente sem tirar o chapéu e curvar o joelho? Primeiro que tudo se extinguiram muitas cousas boas daquelle bom tempo; começaram todos o aborrecer-se de achal as boas, e acabaram com ellas. Depois houve a respeito do Oratorio de Pedra muito boas razões para que elle deixasse de ser o que era.

O leitor, que sem duvida sabe muito bem de quando eram nossos paes crentes, devotos e tenentes a Deus, se admirará talvez de ler que houve razões policiaes para a extinção de um oratorio. Entretanto é isso uma ver-

(*) Ainda encontra esse oratorio, na antiga rua Gal. (antiga Esplanada) na casa de S. Jorge - (1812)

dade e se fosse ainda vivo o nosso amigo Vidigal, de quem já tivemos occasião de falar em alguns capitulos desta historieta, poderia dizer quanto garoto pilhou em flagrante delicto, alli mesmo aos pés do oratorio, ajoelhado, constricto e beato.

Quando passava a Via-Sacra e que se accendia a lampada do oratorio, o pae de familia que morava alli pelas vizinhanças tomava o capote, chamava toda a gente de casa, filhos, filhas, escravos e crias, e iam fazer oração, ajoelhando-se entre o povo diante do oratorio. Mas, se acontecia que o incauto devoto se esquecia da filha mais velha que se ajoelhava um pouco mais atraz e embebido em suas orações não estava alerta, succedia-lhe ás vezes voltar para casa com a familia dizimada; a menina aproveitava-se do ensejo, e sorrrateiramente escapava-se em companhia de um devoto, que se ajoelhara alli perto, embrulhado no seu capote, e que inda a dous minutos todos tinham visto entregue fervorosamente ás suas supplicas e a Deus.

Aquillo era a execução do plano concertado na vespere ao cahir de Ave-Marias, através dos postigos da rotula. Outras vezes quando estavam todos os circumstantes entregues á devoção, e que a ladainha entoada a compasso enchia aquelle circuito de contricção, ouvia-se um grito agudo e doloroso que interrompia o hymno; corriam todos para o lugar donde partira, e achavam um homem estendido no chão com uma ou duas facadas.

Não levamos ainda em conta as innocentes caçadas, que a todo o instante faziam os gaiatos. Eis aqui, pois, porque além de outros motivos, dissemos que tinha havido razões policiaes para que se acabasse com as piedosas praticas do Oratorio de Pedra.

No tempo em que se passavam as scenas que temos narrado, ainda o Oratorio de Pedra estava no galárim. *aj*
Um ou dous dias depois do Nascimento do segundo filho

de Leonardo-Pataca, correu pela cidade a noticia de um grande escandalo, que se passara nesse lugar classico dos escandalos: uma moça que vivia em companhia de sua mãe, velha, rica e devota, indo com ella rezar junto ao oratorio, na occasião da passagem da Via-Sacra, fugira, tendo levado comsigo um pé de meia preta contendo uma boa porção de peças de ouro. Falava-se muito no caso, não porque houvesse um mysterio no successo: ninguem sabia com quem tinha fugido a moça.

D. Maria, como todos, estava anciosa por ver deslinhada a questão, quando lhe appareceu em casa a comadre que a vinha visitar.

D. Maria estava sentada na sua banquinha, tendo diante de si uma enorme almofada de renda carregada com seis ou sete duzias de bilros, e esmerava-se em fazer um largo pegamento. A seu lado, sentada em uma esteira, cercada por uma porção de negrinhas, crias de D. Maria, estava Luizinha tambem occupada em fazer renda.

Quando a comadre entrou, D. Maria largou immediatamente a almofada do collo, tirou do nariz e pôz na testa um par de oculos de aros de prata com que trabalhava, e começou logo por tocar no caso que a preoccupava. A comadre fez signal que mandasse retirar Luizinha e as mais crianças; e a conversa caminhou livremente.

— Então que me diz, senhora, da desgraça da pobre velha? criar a gente uma rapariga com todo o carinho e no fim ter aquella recompensa!... no meu tempo não se viam cousas destas...

— Que quer, senhora? respondeu a comadre; pois foi alli, nas barbas de todos. Não havia um instante que ella havia chegado com a velha e que se tinham todas duas ajoelhado ao pé de mim...

— Ao pé da comadre?... Pois a comadre estava lá?...

— Estava... que antes não estivesse...

— Mas o diabo, senhora, accrescentou D. Maria, é ninguem saber quem foi o maldito que fugiu com ella...

A comadre interrompeu, dando uma risadinha sardonica:

— Tenho perguntado a todos, e ninguem sabe dizer-me.

— E' porque todos estavam cegos...

— Como?

— Mas não o estava eu, por mal de meus peccados, que antes estivesse...

— Pois viu e sabe com quem foi... disse D. Maria, remexendo-se de prazer em cima da banquinha.

A idéa de poder saber de uma novidade, que todos ignoravam, encheu-a de contentamento.

— Mas então quem foi, vamos; quero saber quem foi o ladrão da moça e do dinheiro.

— Só lhe direi, respondeu a comadre depois de alguma hesitação, se me prometter guardar todo o segredo que o caso é muito sério.

— Ora, bem sabe que eu... é o mesmo que cabir em um poço.

Apezar de estarem a eós, a comadre inclinou-se ao ouvido de D. Maria, e disse-lhe o mais baixinho que pôde:

— Foi o nosso grande camarada... a boa peça do José Manoel.

— O que é que diz comadre?

— Vi, respondeu esta arregalando com dous dedos os olhos, com estes que a terra ha de comer... Se elles estavam ao pé de mim.

D. Maria ficou por algum tempo muda de estupefacção.

III

DERROTA

Aquellas ultimas palavras da comadre produziram sobre D. Maria o effeito de um raio; a velha remexeu-se na banquinha, tomada do maior desapontamento.

— Ora, comadre, exclamou depois da primeira emoção, esta não lembra ao diabo... por isso eu sigo a regra antiga de não me fiar em cousa que traz calções... Safa... que esta poz-me sal na moleira.

A comadre, vendo estas boas disposições, aproveitou-se dellas para fazer melhor o seu papel, e responde :

— Pois tambem o que se havia de esperar de um sujeito como aquelle?... um homem que não abre a bocca que não minta... que tem uma lingua de Lucifer?... Quem contasse com aquillo era mesmo para se perder.

— E' verdade, senhora; nunca vi mentiroso, nem maldizente maior...

Nunca D. Maria até então tinha encontrado em José Manoel as qualidades que agora lhe descobria tanto em relevo.

— Se eu fosse parente da rapariga havia pôr uma demanda ao tal diabo que o havia ensinar... Por isso é que elle me não apparecia por cá ha tanto tempo... andava cuidando nos seus arranjos.

Mal tinha D. Maria acabado de pronunciar estas ultimas palavras quando se ouviu bater á porta, e a voz de José Manoel pedir licença.

— Ahi está elle... segredo... não quero que se saiba que fui eu, disse a comadre apressada.

— Ora, respondeu D. Maria, eu cá para isso sou boa.

José Manoel entrou. D. Maria, que não costumava guardar o que sentia, recebeu-o friamente; a comadre, porém, fez-lhe um rasgado cumprimento.

— Seja bem apparecido, disse, bons olhos o vejam.

— Tenho andado ahí occupado com alguns arranjos...

— Arranjos... disse D. Maria trocando com a comadre um olhar significativo.

José Manoel, innocente em tudo, ficou pasmo, sem entender o que queria aquillo dizer; entretanto, segundo o costume, não perdeu occasião de armar uma peta.

— Sim, uns arranjos, accrescentou; houve um negocio muito serio em que estive mettido, e que me ia dando bem que fazer; sinto não lhe poder contar porque é segredo.

A comadre fez uma gesto, como quem queria dizer— ahí vem uma peta; D. Maria, porém, que estava preocupada pela conversa que ha pouco tivera, entendeu que José Manoel se referia ao roubo da moça; e abanando a cabeça disse por entre os dentes:

— Hum... entendo...

A comadre estremeceu temendo que D. Maria não desse com a lingua nos dentes, e que a questão do roubo da moça tivesse de ser averiguada em sua presença; porque nesse caso seria ella apanhada em flagrante mentira, e estava tudo perdido. Começou, portanto, a provocar José Manoel a que declarasse qual era o negocio sério em que estivera mettido; contava com algumas das petas continuadas, e assim se desviaria a conversa do ponto que ella não queria ver tratado em sua presença.

Deixemol-a nesse empenho lutar com as negações e fingidos mysterios de José Manoel.

Desde o dia em que Leonardo fizera a sua declaração amorosa, uma mudança notavel se começou a operar em

Luizinha; a cada hora se tornava mais sensível a diferença tanto do seu physico como do seu moral. Seus contornos começavam a redondar-se; seus braços, até alli finos e sempre cahidos, engrossavam-se e tornavam-se mais ageis; suas faces magras e pallidas enchiam-se e tomavam essa côr que só sabe ter o rosto da mulher em certa época da vida; a cabeça, que trazia habitualmente baixa, erguia-se agora graciosamente; os olhos, até aqui amortecidos, começavam a despedir lampejos brilhantes; falava, movia-se, agitava-se.

A ordem de suas idéas alterava-se tambem; o seu mundo interior até então acanhado, estreito, escuro, despovoado, começava a alargar os horisontes a illuminar-se a povoar-se de imagens, ora amenas, ora melancolicas, porém sempre bellas.

Até então indifferente ao que se passava em torno de si, parecia agora participar da vida, de tudo que a cercava; gastava horas inteiras a contemplar o céu como se só agora tivesse reparado que elle era azul e bello, que o sol o illuminava de dia, que se recamava de estrellas a noite.

Tudo isto dava em resultado, pelo que diz respeito ao nosso amigo Leonardo, um augmento consideravel de amor; tambem elle foi o primeiro que deu fé daquelle mudançã em Luizinha. Entretanto, apezar de lhe crescer o amor nem por isso lhe nasciam mais esperanças.

Depois da declaração, não se tinha adiantado nem mais uma pollegada, e a unica cousa talvez que o alentava, era um certo rubor que de subito subia ás faces de Luizinha quando acontecia (raras vezes) que se encontrassem os olhos della com os seus. A somma total destas addições era uma raiva que lhe crescia na alma, augmentando todos os dias de intensidade contra José Manoel, a quem nos seus calculos attribuia todo o seu atrazo.

Dadas estas explicações, voltemos a dar conta do resto da scena, que deixamos suspensa.

A' força de instancias a comadre conseguiu que José Manoel referisse qual o negocio de alto segredo em que elle tinha achado envolvido.

— Pois bem, disse elle finalmente, se prometterem toda a discripção contarei.

— Ora, nem tem que recommendar.

Com as negaças e mysterios que tinha guardado até então, José Manoel, não fizera mais do que ganhar tempo para imaginar a mentira que havia de pregar; a comadre contava com isso.

Elle começou.

— Suibam Vms. que fui um destes dias chamado a palacio.

— Uil exclamou a comadre.

— Ahi está o resultado, disse D. Maria; mas não se pagam na outra vida, é mesmo nesta.

— Resultado de que? perguntou José Manoel sorprendido.

— De nada; continue.

José Manoel enfiou então tomando por thema aquellas primeiras palavras que lhe tinham vindo á bocca, uma mentira muito sem sabor, que nós poupamos aos leitores. Não foram, porém, satisfeitas as vista da comadre, que queria desviar a conversa do furto da moça.

Terminada a historia, José Manoel começou a instar com D. Maria para que desse explicação das palavras duvidosas que ha pouco havia dito a seu respeito. A comadre, assim que viu o negocio neste pé, foi tratando de retirar-se, depois de trocar com D. Maria um olhar que queria dizer:—não me comprometta.

D. Maria a principio quiz sustentar segredo; afinal não pôde conter, e soltou contra José Manoel uma grande alicantina, dizendo que toda a cidade estava cheia de

horroroso escandalo que elle acabava de cometter, roubando uma filha-familia.

O homem foi ás nuvens e jurou e tresjurou que estava innocente em tudo aquillo. Nada, porém, lhe valeu.

D. Maria foi inflexivel.

Protestou de novo que se ella fosse parenta da moça o sr. José Manoel se havia de ver em calças pardas com o negocio; e terminou por dar-lhe a entender que elle era um homem muito perigoso para ser admittido em casa de uma familia.

José Manoel sahio completamente corrido e scismando em quem poderia ter sido o autor de semelhante intriga.

Quando a D. Maria, ficou muito satisfeita, pois tendo no seu character um grande fundo de honestidade, julgava ter feito uma boa acção rompendo com José Manoel que ficara com effeito, como o calculára a comadre, perdendo muito no seu conceito.

IV

O MESTRE DE REZA

Tudo que ultimamente se passara em casa de D. Maria havia posto a andar á roda a cabeça de José Manoel; conheceu que tinha alli inimigo, fosse quem fosse, pois que aquillo não passava certamente de intriga que lhe tinham armado. Restava-lhe, porém, saber quem seria esse inimigo; e por mais que dêsse voltas ao miolo não atinava com elle. Pelo genero da intriga conheceu que a causa do que lhe faziam era seguramente a sua pretensão a respeito de Luizinha, que sem duvida tinha sido percebida; começou a ouspeitar que tinha de haver-se com um rival. Na roda que frequentava a casa de D. Maria ninguem via que lhe parecesse poder estar nesse caso: passou-lhe muitas vezes pela lembrança o

moço Leonardo ; porém achava-o incapaz de se metter nessas cousas.

Assim são os velhacos ! Quantas vezes estão tocando o inimigo com as mãos, e não o veem, e não o sentem !

Partisse, porém, donde partisse o golpe que o ferira, o caso é que fôra dado certo, e a duas mãos.

D. Maria, extremosa em suas affeições, como em seus odios, consentiria com immensa-difficuldade na reabilitação de José Manoel ; entretanto, elle não esfriou por isso, e pôz mãos á obra. Por uma singularidade, assim como Leonardo tinha achado na comadre uma protectora á sua causa, tambem José Manoel achou um procurador para a sua.

Vamos já dizer aos leitores quem era o procurador de José Manoel.

Havia no tempo em que se passam estas scenas *instituições* muito curiosas no Rio de Janeiro : algumas eram notaveis por seu fim, outras por seus meios. Entre essas, uma havia de que ainda em nossa infancia tivemos occasião de ver alguns destroços, era á instituição dos mestres de reza.

O mestre de reza era tão acatado e venerado naquelle tempo como o proprio mestre de escola ; além do respeito ordinariamente tributado aos preceptores, dava-se uma circumstancia muito notavel, e vem a ser que os mestres de reza eram sempre velhos e cegos. Não eram em grande numero, por isso mesmo viviam, portanto, em grande actividade, e ganhavam soffrivelmente. Andavam pelas casas a ensinar a rezar aos filhos, crias e escravos de ambos os sexos.

O mestre de reza não tinha traje especial : vestia-se como todos, e só o que o distinguia era ver-se-lhe constantemente fôra de um dos bolsos o cabo de uma tremenda palmatoria, de que andava armado, compendio unico por onde ensinava os seus discipulos.

Assim que entrava para a lição, reunia em um semi-

circulo diante de si todos os discipulos ; puxava do bolso a tremenda férula, collocava-a no chão encostada á cadeira, onde se achava sentado, e começava o trabalho.

Fazia o mestre em voz alta o pelo-signal, pausada e vagorosamente, no que o acompanhavam em côro todos os discipulos. Quanto a fazerem os signaes era elle quasi sempre logrado, como facilmente se concebe, porém pelo que toca á repetição das palavras, tão pratico estava que, por maior que fosse o numero dos discipulos, percebia no meio do coró que havia faltado esta ou aquella voz, quando alguém se atrevia a deixar-se ficar calado. Suspendia então immediatamente o trabalho e o culpado era obsequiado com uma remessa de bolos, que de modo nenhum desmentiam a reputação de que goza a pancada de cego. Feito isto, recommençava o trabalho, voltando-se sempre ao principio de cada vez que havia um erro ou falta. Acabado o pelo-signal, que com as diversas interrupções que ordinariamente tinha, gastava boa meia hora, repetia o mestre sozinho sempre e em voz alta e compassada a oração que lhe aprazia; repetiam depois o mesmo os discipulos do primeiro ao ultimo, de um modo que nem era falado nem cantado, já se sabe, interrompidos a cada erro pela competente remessa de bolos. Depois de uma oração seguia-se outra, e assim por diante, até terminar a lição pela ladainha cantada.

Ao sahir recebia o mestre uma pequena esportula do dono da casa.

D. Maria, tendo em sua casa um numero não pequeno de crias, não se dispensava de ter, como todos que estavam em suas circumstancias, o seu mestre de reza. Era este um cego muito afamado pelo seu excessivo rigor para com os discipulos e, por consequência, um dos mais procurados; nesse tempo exigia-se antes de tudo essa qualidade. Tinha tambem outro merito :

corria a seu respeito a fama de bom arranjador de casamentos.

Eis ahí o procurador de José Manoel.

José Manoel já antes o tinha posto de mão, e agora que se viu em perigo recorreu a elle ; expoz-lhe o caso, communicou-lhe suas intenções, e pediu-lhe a sua co-operação. Fez-lhe sentir, sobretudo, que havia um rival a combater e muito temível, pois que não era conhecido. O velho começou então a tomar as mais minuciosas informações e depois de calcular por algum tempo, disse :

— Já sei com quem me tenho que haver...

— Então com quem é?... acudiu José Manoel apressado.

— Vá descansado, não se importe com o resto.

— Mas, homem, olhe que é preciso muito cuidado, porque quem quer que é, é fino como os tresentos...

— Ora qual... historias... desses arranjos entendo eu dormindo, e vejo nisso, sendo cego, melhor do que muitos com seus olhos perfeitos.

— E' uma cousa que me põe á roda o miolo não poder descobrir quem se intromette nos meus negocios... olhe que a tal intréga do furto da môça foi de mestre.

— Eu tambem sou mestre, e veremos quem ensina melhor.

Ficaram os dous nisto e o cego pôz mãos á obra.

Devemos prevenir ao leitor de que a causa e os semelhantes mãos, se não se podia dizer decididamente ganha, pelo menos ficava arriscada ; e o que vale é que do outro lado estava a comadre.

O velho começou o seu trabalho em regra: logo na primeira noite que foi dar lição á casa de D. Maria, começou por fazer cahir a conversa a respeito do roubo da môça, deu a entender que sabia do caso e conhecia perfeitamente quem tinha sido o autor d'elle. D. Maria disse tambem que sabia quem era, e que até o conhecia

muito. O velho sorriu-se, deixando apenas escapar em tom de duvida um significativo — Qual... — D. Maria franziu o sobr'olho, levantou os oculos e exclamou:

— Pois então pensa que eu ando atrazada nestas cousas?... Ora deixe-se... Sei quem foi; e sei muito e muito bem. E' um pedaço de mariola com cara de sonso que só me ha de morar em casa se eu algum dia for carcereira.

— E' isso tudo, mas a sra. D. Maria não conhece o homem, digo-lhe eu, que tambem ando ao facto deste negocio todo.

— Bem sei, bem sei... mas olhe que eu tambem soube de parte muito certa... e não ha nada mais facil no que ver quem está enganado... Diga lá o senhor quem foi.

— Oh! não! isso nunca, exclamou apresadamente o velho pondo-se em pé; nada, eu cá não quebro segredo de ninguem.

D. Maria remexeu-se toda de afflicção; e por mais que instaste, nada pode arraucar do velho que, para fazer melhor o seu papel, se foi logo retirando, dando assim a entender que queria cortar a conversa naquella ponto.

Quando mais não tivesse conseguido, o velho tinha ao menos lançado a duvida no espirito de D. Maria a respeito do facto, que era para ella a pedra de escandalo contra José Manoel.

V

TRANSTORNO

Emquanto todas estas cousas se passavam, um triste successo, e da mais alta importancia, veio alterar a vida de Leonardo, ou transtornal-a mesmo: o compadre cahiu gravemente enfermo. A principio a molestia pareceu cousa de pouca monta, e a comadre, que foi a primeira chamada, pretendeu que todo o incommodo des-

apparecia dentro em dous dias, tomando o doente alguns banhos de alecrim. Nada, porém, se conseguiu com a receita; o mal continuou. Recorreram então a um boticario conhecido da comadre, que juntara ao seu mister não sabemos se com permissão das leis ou sem ella, o mister de medico.

Era um velho, filho do Porto, que aqui se viera estabelecer ha muitos annos, e que ajuntára no officio boas patacas. Apenas chegou e viu o doente, declarou que em poucos dias o poria de pé; bastava que elle tomasse umas pilulas que ia mandar de sua botica; eram um santo remedio, segundo dizia, mas custavam um bocadinho caro, porém, valiam a vida de um homem. A comadre, quando ouviu falar em pilulas franziu a testa.

— Pirolas disse consigo; então o negocio é sério; e eu, que tenho má fé com pirolas; ainda não vi uma só pessoa que as tomasse, que escapasse.

E avermelharam-se-lhe irremediadamente os olhos.

O boticario retirou-se levando consigo o Leonardo, que trouxe as pilulas. A comadre, olhando para ellas, abanou a cabeça.

— Ora, disse, eu pensei que elle lhe mandasse dar alguns banhos; cá por mim, com alecrim havia de pol-o bom.

A comadre tinha razão até certo ponto, pois que no fim de tres dias, depois de feitos todos os preparos religiosos, o compadre deu a alma a Deus.

D. Maria tinha sido chamada nesse mesmo dia, e compareceu com Luizinha e com todo o seu batalhão de crias; tinham vindo tambem algumas outras pessoas da vizinhança.

Estavam todos sentados em um grande canapé, na varanda, e conversavam muito entretidos sobre os objectos mais diversos; algumas achavam mesmo na conversação motivos para boas risadas; de repente abriu-se a porta do quarto, e a comadre sahio de dentro com

o lenço nos olhos, soluçando desabridamente e repentinamente em altos gritos :

— Bem dizia eu que tinha pouca fé nas pirolas ; está para ser o primeiro que eu as veja tomar e que escape. Coitado do compadre... tão boa creatura... nunca me constou que fizesse mal a ninguém...

Estas palavras da comadre foram o signal de rebatedo á dor dos que se achavam presentes ; desatou tudo a chorar, e cada qual o mais alto que podia. O Leonardo soffreu um grande choque, e no meio do seu atordoamento encolheu-se em cima do canapé com a cabeça sobre os joelhos, chegando-se, *naturalmente* sem o querer, porque a dor o perturbava, o mais perto possível de Luizinha. Continuaram os mais no seu côro de pranto dirigidos pela comadre ; mas não se contentavam só com o pranto, soltavam também algumas vezes exclamações em honra do defunto.

— Sempre foi muito bom vizinho, nunca tive escandalo delle, dizia uma.

Era a vizinha que augurava máo fim ao Leonardo, e com quem o compadre brigara por este motivo umas poucas de vezes.

— Boa alma, dizia D. Maria, boa alma ; havia de ser como elle quem quizesse ter boa alma.

— Eu que lidei com elle, dizia a comadre, é que sei o que elle valia ; era uma alma de santo em um corpo de peccador.

— Bom amigo...

— E muito temente a Deus...

Prolongada esta scena por algum tempo, despediram-se algumas pessoas, outras ficaram ainda. Foi serenando o pranto, e dahi a pouco D. Maria, enxugando ainda os olhos, explicava detalhadamente a uma outra senhora, que se achava junto della, a historia genealogica de cada uma de suas crias que se achavam presentes.

Finalmente retiraram-se todos, excepto D. Maria, a sua gente e a comadre, que estava desde que o compadre adoecera, tomando conta da casa.

Approximou-se a noite, accenderam-se velas junto do defunto; fizeram-se todos os mais arranjos do costume.

D. Maria e a comadre começaram a conversar, porém baixinho.

— Então, senhora, principiou D. Maria, este homem não havia de morrer assim sem ter feito seu testamento; pois elle não havia de querer deixar no mundo o afilhado ao desamparo para os ausentes se gozarem do que a elle lhe custou tanto trabalho.

— A mim, respondeu a comadre, nunca me falou em semelhante cousa; mas, emfim, como isso são lá negocios de segredo... talvez.

— Seria bom procurar-se; talvez em alguma gaveta por ahi se ache: é impossivel que o *defunto não dispuzesse sua vida*; bem vezes lhe aconselhei eu semelhante cousa.

— Tem razão, D. Maria, eu acho tambem que deve haver alguma cousa.

E foram as duas tratar de procurar o testamento nas gavetas de uma grande commoda que havia no quarto do defunto. Emquanto nisso se occupavam, Luizinha e Leonardo conversavam, ou antes cochichavam, como se diz vulgarmente. O que elles se diziam não posso dizer-o ao leitor, porque o não sei; sem duvida a rapariga consolava o rapaz da perda que acabava de soffrer na pessoa do seu amado padrinho.

Finalmente as duas acharam com effeito um testamento, e ficaram com isso muito satisfeitas.

Voltaram á varanda e surprenderam os dous no melhor da sua conversa. A comadre, vendo-os, sorriu-se e D. Maria, fazendo sem duvida a respeito do que estavam elles falando o mesmo juizo que nós, disse eternecida:

— Ella tem muito bom coração !

— E o delle não é peor, respondeu a comadre.

E accrescentou com intenção :

— Estava um bom casal.

— Oh ! senhora, disse D. Maria com ingenuidade, deixe a menina, que ainda é muito cedo...

— Tambem não digo já, mas a seu tempo.

D. Maria sorriu com um sorriso de que a comadre não desgostou. Mudaram de conversa.

Passou-se a noite ; no outro dia sahio o enterro com todas as formalidades do estylo. Depois disso tratou-se de resolver uma importante questão : para a companhia de quem iria o Leonardo ? A abertura do testamento feita nesse mesmo dia resolveu a questão. O compadre havia instituido Leonardo seu universal herdeiro. A comadre informou de semelhante cousa ao Leonardo-Pataca e este apresentou-se para tomar conta de seu filho. Não pareceu o rapaz muito satisfeito com a graça : não sei como lhe veio á idéa aquelle terrivel ponta-pé que o fizera fugir de casa ; além disso rariissimas vezes vira depois disso seu pae, e estava completamente desacostumado delle. Não havia, porém, outro remedio ; foi preciso obedecer e acompanhal-o para casa, onde encontrou sua pequena irmã, e quem a puzera no mundo.

O Leonardo-Pataca começou a cuidar no testamento como homem entendido na materia, e em pouco tempo deu volta a tudo aquillo.

Cumpre notar que, se em vida do compadre corriam boatos que pareciam exaggerados a respeito do que elle possuia, quando morreu pôde ver-se que esses boatos tinham ainda ficado muito áquem da verdade, pois deixara elle um bom par de mil cruzados em especie. Entre-gues alguns legados de pouca monta, etc., tudo o mais veio a cahir nas mãos do Leonardo-Pataca como herança de seu filho.

Nos primeiros dias tudo foram flores por casa de Leo-

nardo-Pataca, ainda que, para falar a verdade, desde a primeira vista não sympathisara muito o moço Leonardo com a cara do objecto dos novos e ultimos cuidados de seu pae.

A comadre assentou que devia substituir o compadre no amor pelo afilhado, e determinou-se a vir morar com elle em casa de Leonardo-Pataca, que era condescendente, esteve pelo caso, e reuniu-se desse modo a familia toda.

Tudo foi flores ao principio, como dissemos; o moço Leonardo e a comadre continuaram as suas visitas por casa de D. Maria; e digamol-o já, o rapaz e a rapariga em pondo as mangas de fóra; verdade seja que José Manoel trabalhava, ajudado de seu cégo mestre de reza, e não perdia tambem as esperanças.

Pouco tempo durou o socego em casa do Leonardo-Pataca; Chiquinha (tal era o nome da filha da comadre) começou a embirrar com o seu filho adoptivo; este que, como dissemos, não sympathisara muito com ella, começou uma balburdia de todos os peccados. Todos os dias travavam-se por qualquer ponta, e lá ia tudo pelos ares. O Leonardo-Pataca e a comadre faziam o papel de conciliadores, mas os dous eram ambos obstinadissimos, e muitas vezes o conciliador sahia mal do trabalho, porque aquelle a quem não dava razão se revoltava contra elle. Se era por exemplo a comadre, e dava razão a Leonardo, acudia a filha queixando-se de que sua mãe a abandonava para tomar o partido do afilhado: se pelo contrario dava razão a Chiquinha, acudia Leonardo queixando-se de que desgraçado era o filho de sua mãe, pois nunca achava quem lhe desse razão. Outro tanto acontecia ao Leonardo-Pataca quando se mettia a apaziguar os dous.

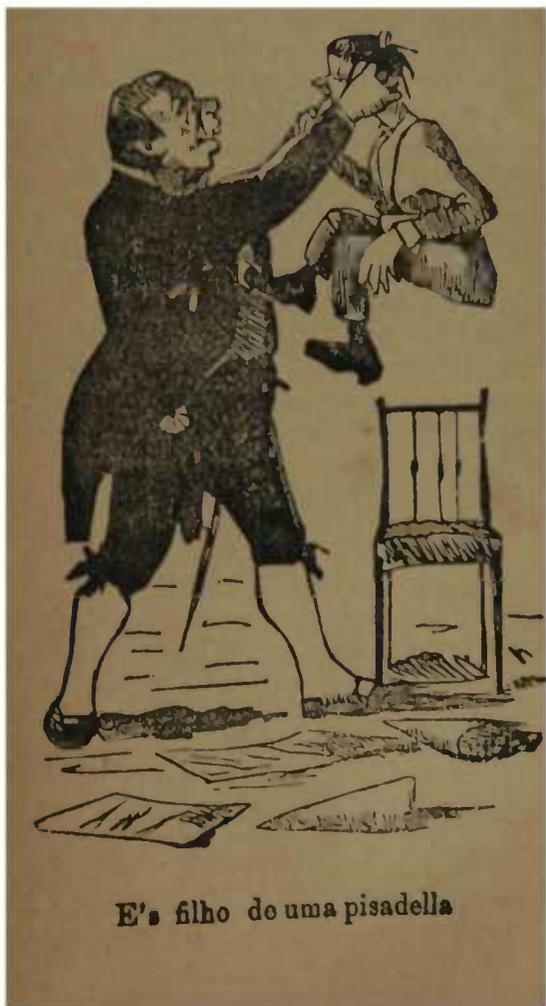
Os negocios assim iam mal, pois mais dia menos dia haveria grande barulho em casa.

VI

PEIOR TRANSTORNO

Um dia Leonardo recolhera-se para casa muito mortificado, pois que tendo ido visitar D. Maria, estivera com ella longo tempo sem que Luizinha lhe tivesse apparecido; de maneira que lhe fôra forçoso, no fim de algumas horas, retirar-se sem vel-a. Quem já teve um namoro, por menos serio que seja e que levou um logro destes; quem se viu obrigado a aturar por muito tempo a conversação de uma velha, tendo de concordar com ella em tudo para não lhe incorrer no desagrado, só com o fim de trocar com *alguem* um olhar rapido, um sorriso disfarçado ou outra cousa assim, e que por fim de contas nem isso mesmo conseguiu, ha de concordar que o Leonardo tinha toda a razão de estar ardendo com o que lhe succedera, e o desculparia de qualquer arrebatamento que na occasião o accommettesse. Os espiritos, porém, de tal maneira *serraxinas*, que se divertem em augmentar a irritação alheia e que, quanto mais enfiado pilham um infeliz, tanto mais gostam de atirar-lhe alfinetadas.

Chiquinha, a amante de Leonardo-Pataca, era de um genio assim; e depois que moravam todos juntos, não perdia uma só dessas occasiões em virtude da antipathia que tinha ao rapaz, para fustigar de lingua ao pobre Leonardo. Este, de um genio colerico e pouco acostumado a ser contriado, ia ás nuvens com semelhante cousa; e se em occasiões ordinarias em que estava de bom humor eram constantes as brigas em casa, calcule-se o que não faria nas occasiões, como naquella a que nos referimos, em que estivesse cheio de razão e então por que motivo! Vendo Chiquinha entrar de Leonardo pela porta dentro, de cara amarrada e sem dar — *Deus te salve* — a ninguem. sorriu-se com ma-



E's filho de uma pisadella

lignidade e concertou a garganta, dizendo entredentes :

— Melhor cara traga o dia de amanhã.

Leonardo, que percebera o que aquillo queria dizer, fez um gesto arrebatado, sentando-se em uma cadeira, porém com tanta infelicidade, que atirou ao chão uma almofada de renda que se achava junto delle; com a queda rebentaram-se os fios, e uma porção de bilros rolou pela casa. Por maior infelicidade ainda a almofada era de Chiquinha, e Chiquinha tinha grandes ciumes pela sua almofada. Levantou-se ella do seu lugar já fervendo de raiva; poz as mãos nas cadeiras, e balançando a cabeça á medida que falava, exclamou:

— Ora dá-se um desatoro de tamanha grandeza?... vir da rua com seus azeites, todo esfogueteado, e de proposito, e muito de proposito, fazer-me o que estão vendo, só para me desfeitear, como se fosse aqui um dono de casa que pudesse desfeitear a qualquer sem quem para que!...

Leonardo ouviu tudo sem interromper, procurando sonear a raiva; e enquanto Chiquinha tomava folego, respondeu com voz tremula e intercotada :

— Não se metta com a minha vida, porque eu tambem não me importo com a sua; se estou com os azeites...

— Ah! bom covado e meio! atalhou Chiquinha, ah! bordo da não!... ah! major Vidigal!...

— Já lhe disse...

— Qual já lhe disse, nem meio já lhe disse!... namorado sem ventura...

Estas palavras fizeram o effeito de uma faisca em um barril de polvora. Avançou o Leonardo para Chiquinha com os punhos cerrados e espumando de colera..

— Se me diz mais meia palavra... perco-lhe o respeito... eu nunca lhe dei confiança; e apesar de ser a

senhora lá o quer que é de meu pae... perco-lhe o respeito...

— Você sempre mostra que tem raça de saloio, disse Chiquinha empertigando-se sem recuar um passo.

O Leonardo-Pataca, que estava no interior da casa, acudiu apressado ao barulho, e veio achar os dous ainda em attitude hostil; vendo o filho quasi não quasi a desfeitear o adorado objecto de seus derradeiros affectos, não trepidou em desbaratar com elle.

— Pedaco de mariola! pensas que isto aqui é como a casa do teu padrinho donde sahiste?... quero aqui muito respeito a todos... do contrario... se já uma vez te dei um pontapé que te fiz andar muitos annos por fóra, dou-te agora outro que te ponha longe daqui para sempre...

— Nunca pensei, interrompeu Chiquinha, dirigindo-se ao Leonardo-Pataca, querendo afêar mais o caso; nunca pensei que na sua companhia se viesse a soffrer semelhante cousa...

— Não faças caso, menina, isto é um pedaco de mariola a quem hei de ensinar; por causa de ninguem dou-lhe uma rodada, senão por tua causa.

— Por causa della!... atalhou o rapaz; tinha que ver! ha de lhe dar bom pago; tão bom como a cigana..

— Mas nunca lhe hei de dar, acudiu Chiquinha enfurecida com este insulto; nunca lhe hei de dar o que lhe deu tua mãe...

Com isto o Leonardo-Pataca desacoroçoou completamente; que diluvio de amargas recordações não fizeram tão poucas palavras cahir sobre sua cabeça!

— Espera, máltrapilho, espera que te ensino, exclamou vermelho de colera; espera que te ensino...

E entrando repentinamente no quarto da sala, sahiu de lá armado com o espadim do uniforme, e investiu para o filho. Convém dizer que o espadim ia embainhada.

— Não se ponha a perder por minha causa, exola-

mou Chiquinha agarrando-o pela camisola de chita com que elle estava vestido.

Era inutil, porém, o medo de Chiquinha porque o rapaz, vendo que o negocio ia-se tornando feio, tendo-lhe ficado um terror instinctivo do pae, depois daquelle pontapé que nunca lhe saira da memoria, tinha-se posto ao fresco na rua, fechando a rotula sobre si.

— Ah! maroto, disse ainda o Leonardo-Pataca, que te havia desancar.

O Leonardo que fugia por um lado e a comadre que entrava por outro, pois estivera ausente durante toda a scena. Apenas foi largando a mantilha e viu os dous actores que tinham ficado em scena ainda nas posições do ultimo quadro, tratou de indagar qual fôra o drama que se acabava de representar.

— Porém, ia-lhe sahindo caro desta vez, acudiu Leonardo-Pataca...

— Pois devéras, atalhou a comadre indignada, pois devéras o compadre estava armado de espada para dar no rapaz?

— Olá! que levava tão duro como osso!

— Mas então porque? Quantas mortes fez elle de uma vez? Onde é que pois fogo na casa? triste cousa é um filho sem mãe!... Aposto que se eu cá estivesse nada havia de succeder!...

— Sim, respondeu Chiquinha, porque logo havia de tomar as dores por elle, segundo é seu costume. Ah! está, muitos filhos têm mãe, e entretanto ellas servem-lhes para isto: tomam as dores por outros, e deixam-os de banda.

— Qual! Historias! E' que tudo leva seu bocado de máo caminho.

— Oh! senhora! atalhou Leonardo-Pataca, se isto vai assim, não ha um momento de socego nesta casa; acaba uma, começa outra; o que não ha de dizer esta

visinhança? Olhem que isto aqui é casa de um official de justiça,

— Mas, emfim, disse a comadre, onde está o rapaz? Onde é que o enterraram?

— Sahiu por ali, desencabrestado, e tomara que cá não volte.

— Ora está bonito! Oh! mais isto não pode ser assim correrem com o rapaz de casa para fóra!... Elle não é nenhum desgraçado, pois sempre tem o que lhe deixou o padrinho.

— Essas e outras é que o puzeram a perder.

— Sim, mettam-lhe fumaça de rico na cabeça e não de ver no que dá.

— Coitado, disse lamentando a comadre, aquelle nasceu com má sina.

E, tomando de novo a mantilha, sahiu com ás lagrimas nos olhos em procura de Leonardo.

Ao sahir, escoravam-a á janella tres ou quatro visinhas.

— Então o que é que fizeram ao moço?

— Que foi isso sra. comadre?

— Elle passou por aqui pondo dez leguas por hora!

— Deixe-me, deixe-me, respondeu a comadre, que isto não acaba bem.

VII

REMEDIO AOS MALES

O pobre rapaz sahira, como dissem, pela porta fora e caminhando apressadamente olhava de vez em quando para traz, pois julgava ver ainda enristado contra si o espadim que o ameaçara, que parecia com elle querer acabar a obra que com um pontapé começára. Andou a bom andar por largo tempo, e foi dar comsigo lá para as bandas dos Cajueiros: cansado, offegante, sentou-se sobre umas pedras, e quem o visse com o ar tristonho e pensativo, julgaria talvez que elle scismava na sua

(1) Hoje, Maria de S. Telix, Senador Pompeu, Imperatriz, etc. (1888)

posição e no caminho que havia de tomar. Pois enganava-se redondamente quem tal julgasse: pensava em Luizinha. Pensando nella não podia, é verdade alistar-se de ver surgir diante dos olhos o terrível José Manoel; e isto justificava certos movimentos de impaciencia que vez em quando se lhe podiam observar. Tinha gasto largo tempo nesta meditação, quando foi repentinamente acordado por umas poucas de gargalhadas partidas de traz de umas moitas vizinhas. Estremeceu da cabeça aos pés; pareceu-lhe que lhe tinham lido o pensamento que lhe passavam pela mente e que se riam delle. Voltou-se, nada viu; guiado por um rumor que ouvia, conheceu a procurar e sem grande trabalho viu, atraz de umas moitas, um pouco altas uns poucos de rapazes e raparigas que, assentados em uma esteira, entre os restos de um jantar, se debruçavam curiosos sobre dois parceiros que, com um baralho de cartas amarrado e sujo, desencabeçavam uma intrincada bisca!

As gargalhadas que ouvira a pouco tinham sido a consequencia de um capote que um delles acabava de levar. A' vista daquelles restos de um jantar que, se não parecia ter sido abundante, fez-lhe lembrar que sahira de casa na occasião de pôr-se a mesa, deu-lhe então o estomago umas formidaveis badaladas. Tentou entretanto voltar porque não se queria metter em festa alheia, quando, levantando um dos jogadores a cabeça, conheceu nelle o seu antigo camarada, o menino que fôra sacristão da Sé. Ainda que, apezar disso, se quizesse retirar, já era tarde, porque com o movimento que fizera, o jogador, dando com elle, o havia tambem conhecido.

— Olá, Leonardo! porque carga de agua viestes parar a estas alturas? Pensei que te tinha já o diabo lambido os ossos, pois depois daquelle maldito dia em que nos vimos em pancas por causa do mestre de ceremonias, nunca mais te puz a vista em cima.

Leonardo chegou-se ao rancho, e trocados os cumprimentos com o seu antigo camaradã, foi convidado a servir-se de alguma cousa do que ainda havia. Quiz fazer cerimonia, mas não estava em circumstancias disso: nma das moças serviu-o, e enquanto continuava a bisca, comeu elle a barrete fóra.

— Escorropicha esta garrafa que ahi resta, disse-lhe o amigo, e vê se o vinho tem o mesmo gosto daquelle que em outro tempo escorropichavamos junto das galhetas da Sé, com desespero de meu pae e furor do mestre|cerimonias.

Quando Leonardo acabou de comer, acabaram tambem os dous parceiros de jogar; chamou então o amigo á parte, e perguntou:

— Então que gente é esta com que te achas aqui de sucia ?

— E' minha gente.

— Tua gente ?

— Sim, pois não vês aquella moça morena que ali está ?

— Sim, e então ?

— Ora !

— Pois tu casaste ?

— Não... mas que tem isso ?

— Ah !... estás de moça !

— E tu ?

— Eu... ora nem te digo... morreu meu padrinho.

— Sim, ouvi dizer,

— Fui para a casa de meu pae... e de repente, hoje mesmo, brigo lá com a *cuja* delle; elle corre de espada atraz de mim, e eu safo-me. Parei ali adiante, e as gargalhadas que vocês aqui davam...

— Sei do resto... E agora tu não tens para onde ir ?

— Homem eu ia ver...

— Ver o que ?

— Ver por ahi...

— Por ahí, por onde ?

— Nem mesmo eu sei...

E desataram os dous a rir. Quando temos apenas 18 a 20 annos sobre os hombros, o que é um peso ainda muito leve, desprezamos o passado, rimo-nos do presente e entregamo-nos descuidados a essa confiança cega no dia de amanhã, que é o melhor apanagio da mocidade.

— Sabes que mais ? continuou o amigo de Leonardo, vem connosco, e não te has de arrepender.

— Mas com vocês para onde ?

— Para onde ? Sem duvida, algum partido melhor tens a escolher ? Queres fazer ceremonias ?

Começava a cair a noite.

— Vamos levantar a sucia, minha gente, disse um dos convivas.

— Sim, vamos.

— Nada, inda não : Vidinha vae cantar uma modinha.

— Sim, sim, uma molinha primeiro ; aquella : « Se os meus suspiros pudessem. »

— Não, essa não, cante antes aquella : « Quando as glorias que eu gozei... »

— Vamos lá, decidam, respondeu uma voz de moça, aflautada e languida.

Vidinha era uma mulatinha de 18 a 20 annos, de altura regular, hombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos ; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os labios grossos e humidos, os dentes alvissimos ; a fala era um pouco descansada, doce e afinada.

Cada phrase que proferia era interrompida com uma risada prolongada e sonora, e com um certo cahido de cabeça para traz, talvez gracioso se não tivesse muito de affectado.

Assentou-se, finalmente, que ella cantaria a modinha
« Se os meus suspiros pudessem... »

Tomou a vidinha uma viola e cantou, acompanhando-
em uma toada insipida hoje, porém de grande aceita-
ção naquelle tempo, o seguinte:

Se os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma paixão
Tem poder de assassinar.

Não são de zelos
Os meus queixumes,
Nem de ciúme
Abrazador ;
São das saudades
Que me atormentam
Na dura ausencia
De meu amor.

O Leonardo, que talvez hereditariamente tinha quêda
para aquellas cousas, ouviu boquiaberto a modinha, e
tal impressão lhe causou, que depois disso nunca mais
tirou os olhos de cima da cantora. A modinha foi ap-
plaudida como cumpria. Levantaram-se então, arru-
maram tudo o que tinham levado em cestos e puzeram-
se a caminho, acompanhando o Leonardo o farranção.

VIII

NOVOS AMORES:

Chegaram todos depois de longo caminhar e quando
já brilhava nos céus um desses luares magnificos que
só fazem no Rio de Janeiro, a uma casa da rua da
Valla. Naquelles tempos uma noite de luar era muito
aproveitada, ninguem ficava em casa; os que não saiam
a passeio, sentavam-se em esteiras ás portas, e alli
passavam longas horas em descantes, em ceias, em

conversas; muitos dormiam a noite inteira ao relento.

Como os nossos conhecidos já tinham dado um grande passeio, adoptaram o expediente das esteiras á porta, e continuaram assim pela noite em diante. A sucia em que haviam gasto o dia, pois aquillo que Leonardo vira nos Cajueiros, e em que tomára parte, era o final de uma patuscada que havia começado ao amanhecer, de uma dessas romarias consagradas ao prazer, que eram então tão communs e tão estimadas.

Agora devemos dár ao leitor conhecimento da nova gente, no meio da qual se acha o nosso Leonardo. Se nos pulessemos soccorrer aqui do amigo José Manoel, sem duvida nos desfolharia elle toda a arvore genealogica dessa familia, a quem o amigo do Leonardo chamava a *sua gente*; porém, contentem-se os leitores com o presente sem indagar o passado. Saibam, pois, que a familia era composta de duas irmãs, ambas viúvas, ou que pelo menos diziam sê-lo, uma com tres filhos e outra com tres filhas, passando qualquer das duas dos seus quarenta e tantos, ambas gordas e excessivamente parecidas. Os tres filhos da primeira eram tres rapagões de vinte annos para cima, empregados todos no Trem; as tres filhas da segunda eram tres raparigas desempenadas, orçando pela mesma idade dos primos, e bonitas, cada uma no seu genero. Uma dellas já os leitores conhecem: é Vidinha, a cantora de modinhas; era solteira como uma de suas irmãs; a ultima era tambem solteira, porém não como estas duas. O amigo do Leonardo que explique o que isso quer dizer e, explicando, dará tambem a conhecer o que era elle proprio na familia. Os mais que se achavam presentes eram pela maior parte vizinhos que se reuniram para aquellas sucias que eram tradicionais na familia.

Quando chegaram á casa o amigo do Leonardo tomou as duas velhas de parte e começou a conversar com ellas, sem duvida a respeito do Leonardo, pois

que o olhavam todos tres durante a conversa e mesmo, quem tivesse o ouvido atilado. teria escutado ás velhas estas palavras.

— Coitado do moço !...

— Ora vejam que pae de más entranhas !...

Outro qualquer que tivesse mais idade, ou antes, falando claro, mais juizo e outra educação, envergonhar-se-ia talvez muito de achar-se na posição em que se achava o Leonardó, elle, porém, nem nisso pensava naquillo que até então lhe não sahia da cabeça, isto é, em Luizinha de um lado e José Manoel do outro; agora não via senão os olhos negros e brilhantes e os alvos dentes de Vidinha; não ouvia senão o éco da modinha que ella cantára. Estava, pois, embebido em um extasi contemplativo.

No mais pensaria quando lhe restasse tempo.

Mal se haviam todos sentado em uma larga esteira junto á soleira da porta sobre a calçada, o Leonardó propoz logo que se cantasse uma nova modinha.

— Qual... respondeu Vidinha, acompanhando este *qual* da sua costumada risada; estou já cansada... que nem posso !

— Ora... ora... disseram umas poucas vozes.

Além do costume das risadas, tinha Vidinha um outro e era o de começar sempre tudo que tinha a dizer por um *qual* muito accentuado; respondeu ainda, portanto :

— Qual... pois se eu tambem já cantei tudo que sabia. Qual, meu Deus! nem eu posso mais !

— Ainda não cantou a minha favorita, disse um dos presentes.

— Nem a minha, disse outro.

— Eu tambem, acrescentou outro, ainda não lhe pedi aquella cá do peito.

— Qual, meu Deus! Onde é que isto vae parar !

— Ora, mana não se faça de boa.

— Ai, creatura, disse uma das velhas, quereis que vos reze um repouso para cantardes uma modinha?

Leonardo, vendo a sua causa advogada por tantas vozes, conservou-se calado. Tentados mais alguns meios e feitas mais algumas negações, Vidinha decidiu-se e, tomando a viola, cantou, segundo a indicação de uma das velhas, o seguinte:

Duros ferros me prenderam
No momento de te ver;
Agora quero quebral-os,
E' tarde não póde ser.

Este ultimo passo acabou de desorientar completamente o Leonardo, ainda bem não tinham expirado as ultimas notas do canto, e já, passando-the rapido pela mente um turbilhão de idéas, admirava-se elle de como é que havia podido inclinar-se por um só instante a Luizinha, menina sem-saborana e exquisita, quando havia no mundo mulheres como Vidinha.

Decididamente estava apaixonado por esta ultima.

O leitor não se deve admirar disto, pois não temos cessado de repetir-lhe que o Leonardo herdára de seu aquella grande cópia de fluido amoroso que era o seu principal caracteristico. Com esta herança parece, porém, que tinha elle tido tambem uma outra, e era a de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes. José Manoel fôra o primeiro vejamos agora qual era, ou antes quem era a segunda.

Se o leitor pensou no que ha pouco dissemos, isto é, que naquella familia havia trez primos e trez primas, e se agora acrescencarmos que moravam todos juntos, deve ter scismado alguma coisa a respeito. Trez primos e trez primas, morando na mesma casa, todos moços... não ha nada mais natural; um primo para cada prima e está tudo arranjado. Cumpre, porém, ainda observar que o amigo do Leonardo tomára conta

de uma das primas, e que deste modo vinha a haver tres primos para duas primas, isto é, o excesso de um primo. A vista disto o negocio já se torna mais complicado. Pois para encurtar razão, saiba-se que havia dous primos pretendentes a uma só prima, e essa era a Vidinha, a mais bonita de todas; sabia-se mais que um era attendido e outro desprezado: logo, o amigo Leonardo terá desta vez de luctar com duas contrariedades em vez de uma.

Mas, por ora, de nada sabia elle, entregava-se tranquillo ás suas emoções sem se lembrar, do que qualquer se lembraria, que entre primos e primas ha assim um certo direito mutuo em negocio de amor, que muito prejudica a qualquer pretendente externo.

Gastaram grande parte da noite alli sentados e trataram de recolher-se já muito tarde.

O amigo do Leonardo, a quem daqui em diante trataremos pelo seu proprio nome de Thomaz com o appellido—da Sé—ambos herdados de seu pae, declarou que e seu amigo ficava alli por aquella noite, por já ser muito tarde; quiz assim poupar-lhe um vexame e mostrou nisto ser bom amigo.

Agora que o nosso Leonardo está installado em quartel seguro, vamos occupar-nos de alguma cousa de importante, que haviamos deixado suspensa.

IX

JOSE' MANOEL TRIUMPHA

A comadre correra toda a cidade e em parte alguma encontrára o Leonardo; emquanto se cansava assim a procural-o, estava elle tranquillo e descansado, mirando-se nos olhos de Vidinha, regalandose a ouvir modinhas, como sabem os leitores, sem se lembrar do que ia pelo mundo.

A pobre mulher, depois de muito cansada, foi ter á casa de D. Maria. Era já noite fechada.

Quando ella entrava, sahia o mestre de reza que acabava de dar a sua lição ás crias de casa. A comadre ha algum tempo que andava desconfiada do mestre de reza; combinando o que por ahi se dizia do seu credito com certas cousas que tivera occasião de presenciar, estava quasi a concluir que era elle emissario de José Manoel junto á côrte de D. Maria. Não gostou, portanto, do encontro, e doeu-lhe o cabelo vél-o sahir áquella hora, pois que de ordinario as lições não se demoravam até tão tarde; é para mettel-o á bulha; disse-lhe:

— A lição hoje foi comprida, devoto... as raparigas parece que gostam mais da *cambetice* do que da reza.

— Não, respondeu o velho com sua voz fanhosa, ellas não vão mal, empacam em alguns lugares, mas sempre vão indo; bem sabe tambem que sempre trago commigo o santo remedio.

E atagou o cabo da palmatoria com que sempre andava armado.

— Ah! Então estive o devoto de conversa; gosta tambem de dar á lingua...

— Não desgosto; mas tambem não digo senão aquillo que sei, isto é, aquillo que ouço; os outros gastam o seu tempo a ver e a ouvir; eu, como não posso senão ouvir, emprego a falar o que os mais empregam a ver; falo muito; mas que quer se me sobra tempo para isso? e demais, bem sabe que não é trabalho que cance. Meus paes eram Algarves, e eu não quero desmentir a minha paternidade.

— Então já sei que hoje desenterraram mortos e enterram-se vivos; pois eu não posso fazer outro tanto, porque vou aqui muito e muito zangada de minha vida. Se o devoto, como é homem que muito gyra por toda esta cidade, souber por ahi noticias de meu afillhado Leonardo, vir dar-me parte, pois sahiu-nos elle hoje de casa lá por causa de umas historias, e não sei por onde andar á dando com os ossos.

— Ora, isto fica por minha conta; não ha nada mais facil do que dar com elle.

E aqui terminou esta conversa, que tinha lugar na porta da rua, e com a qual não ficára a comadre muito contente. D. Maria, que ouvira tudo, veio ao encontro da comadre, e foi-lhe logo dizendo antes de lhe dar tempo de tirar a mantilha :

— Então já o rapaz não está em casa? Senhora, aquillo é genio, nasceu com elle, e com elle ha de ir a sepultura. Bem me diziam o que elle era e, apesar do seu ar sonso, nunca lhe fiz fé.

— Adeus que me está a senhora a pôr culpas em quem não as tem; o rapaz desta vez tem toda a razão.

— Ora, historias da vida; isso diz você porque o estima como se fosse sua mãe; mas vá com esta que eu lhe digo: os rapazes de agora andam de cabeça levantada... Mas o defunto padrinho — Deus lhe fale na alma, — foi o proprio que teve culpa de tudo isso com aquellas fumaças de Coimbra, que lhe metteu na cabeça...

— Mas, senhora de Deus, se o bruto do pae até chegou a correl-o de espada na mão.

— Que tal não faria elle! Mas que tinha isso? O pae não o havia esquartejar... por certo, que eu bem lhe conheço o genio; aquillo era raiva, e havia de passar; devia elle sujeitar-se... sempre é seu pae.

— Com a Virgem Santa! Pois se tudo isso foi por uma cousa de nada, por causa de uma almofada de renda... Isto é cousa em que se creia?!... E agora para onde é que ha de ir aquelle coitado?

— Ha de estar por ahi mettido em algum fado de ciganos: não se lembra do que elle fez quando o padrinho era vivo?

— Ora, creanças... para que falar nisso?

Este dialogo ia continuando interminavel sobre o

mesmo assumpto, quando D. Maria, mudando repentinamente de conversa, disse á comadre :

— Ora, é verdade, sente-se para cá que temos contas que ajustar...

— Contas !..

— E muito compridas, começo por dizer, accrescentou D. Maria, que não parecia estar nesta occasião de muito bom humor ; começo por dizer-lhe mesmo na bochecha que quando fôr á confissão este anno trate de desobrigar-se de um grande peccado que commetteu.

— E eu que já não tenho poucos: mas então o que é ?

— E' um aleive, senhora, um aleive muito grande que levantou a pessoa que tal não merecia.

A comadre não precisou de mais nada para conhecer onde é que tudo aquillo ia parar; o aleive mais moderno de que a acusava a sua consciencia bem sabia ella qual era. Começou a ver tudo claro como o dia; viu José Manoel justificado completamente aos olhos de D. Maria a respeito da historia do roubo da moça no Oratorio de Pedra, e viu tambem como medianeiro dessa justificação o cego mestre de reza. Ficou, pois, visivelmente incommodada; volvia-se de um para outro lado, como se estivesse cheia de espinhos a banquinha em que estava sentada, e teve um forte accesso de tosse quando D. Maria acabou de pronunciar aquellas ultimas palavras.

— Tudo quanto me disse a respeito do José Manoel naquella historia do roubo da moça, continuou D. Maria fazendo-se vermelha, o que era nella máo signal, é falso, e muito falso. Sei isto de parte muito certa...

Novo accesso de tosse accommetteu a comadre.

— Pois olhe, proseguiu D. Maria, tinha eu dado todo o credito, tanto que havia rompido por um ex-

cesso com o pobre do homem, mas não caio em outra; esta me serviu de emenda.

A comadre viu que o vento se lhe ia tornando absolutamente contrario; comprehendeu que D. Maria estava muito bem informada, e que inutil seria qualquer sustentação que pretendesse fazer de tudo quanto havia avançado; isso só serviria para aggravar-lhe a posição.

Forjou, pois, repentinamente um novo plano e disse:

— Não me dá nada de novo, senhora; sei muito bem de tudo; o homem está neste negocio como Pilatos no Credo.

— Mas lembre-se de que me havia dito que tinha visto com seus proprios olhos.

— Ah! senhora, era o diabo por elle; nunca vi cousa assim tão parecida. Outro dia, porém, soube de tudo, e agora estou arrependida.

— Mandei por isso chamar o pobre homem, contive nuou D. Maria, que de offendido que estava com o modo por que eu o tratava, custou muito a vir, e abri-me aqui com elle. É uma cousa lhe digo, é que a comadre não está bem no negocio; elle expoz-me certas cousas... a que eu emfim não quiz dar credito.

— Pois então a senhora disse-lhe que eu é que...

— Não fui eu quem lhe disse; elle já o sabia e não era possivel negar-lh'o, Foi então que elle me quiz abrir os oluos sobre outros pontos...

A comadre, que via todo o caldo entornado naquelles outros pontos, tratava de desviar a conversação, fazendo que não déra attenção a essas ultimas palavras.

— Mas então, perguntou, por quem foi que soube como tinha sido o negocio? Quero vêr se combina cá com o que sei.

— Ainda ha pouco acabou de sair daqui quem me poz o negocio todo em pratos limpos.

— Ah! disse a comadre.

E mordeu os beiços, fazendo um gesto que queria dizer: Nunca me enganei!

D. Maria proseguiu contando á comadre que, tendo falado em semelhante negocio ao mestre de reza, elle lhe havia negado tudo quanto esta lhe dissera a respeito de José Manoel; que muito tempo luctára com o velho para que lhe dissesse o que sabia a respeito e em que fundava a denegação que fazia; que, finalmente, depois de grande resistencia, tinha-lhe elle trazido á casa, mesmo no dia antecedente, o pae da moça, que tudo confessára, declarando até o nome da pessoa com quem se achava sua filha, que elle já conhecia, e com quem tinha feito as pazes.

— E' exactamente o que eu sabia, disse a comadre: no fim da narração, foi tudo assim mesmo. Veja, senhora, a que está sujeita a gente nesta vida, a levantar falsos aos mais.

Agora informemos ao leitor de que tudo que se acabava de passar tinha sido com effeito obra do mestre de reza. Pouco a pouco se tinha instruido do que se passava em casa de D. Maria a respeito do seu cliente José Manoel; tinha conseguido saber quem havia armado a intriga; indagou tambem o que se passava em casa de Leonardo-Pataca; e como lá se falava um pouco alto a respeito das pretenções de Leonardo, combinando umas cousas com outras, chegaram á conclusão certissima daquillo que com effeito se passára.

D. Maria pareceu dar credito ao arrependimento da comadre, e começou-lhe a applanar o humor um pouco desabrido em que se achava.

Voltaram á questão da sahida do Leonardo de casa, e desta vez já D. Maria não se mostrou tão inflexivel.

para com o rapaz. Entretanto, á comadre não lhe sahiram da cabeça aquellas palavras de D. Maria: «*abriume os olhos sobre outros pontos;*» e depois que viu D. Maria mais apaziguada, tentou chamar de novo a conversa para esse ponto, e como que a pedir explicações. Ella previa a significação daquellas palavras, sem duvida nenhuma, que se referiam ás suas pretensões ou ás de seu afilhado sobre Luizinha, porém queria saber as côres com que esse negocio tinha sido pintado a D. Maria por José Manoel.

Isso foi-lhe, porém, fatal, porque soube (o que lhe não foi nada agradável) que o negocio estava muito mal parado a respeito do seu afilhado, e pelo contrario muito adiantado a favor do seu adversario. D. Maria depois de declarar que José Manoel se tinha queixado da comadre, attribuindo-lhe tudo que se havia passado, que não era mais do que uma intriga urdida com o fim de o apartar de sua casa, porque tinham sobre elle cahido suspeitas, que confessava justas, accrescentou, finalmente, que José Manoel, completamente justificado, graças á intervenção do mestre de reza, acabára por lhe dar a entender alguma cousa a respeito de Luizinha, o que D. Maria confessou não lhe ter sido totalmente desagradavel, porque, emfim, segundo allegava, José Manoel era um homem sisudo e de juizo, tinha corrido mundo, e não era nenhum creançola (esta palavra dou á comadre) que não fosse capaz de tratar bem de uma moça. A comadre descoroçoou completamente com estas ultimas declarações; porém o que fazer na occasião? Ella mesma tinha ha pouco confessado o risco que se está a cada momento de ser injusto com o proximo, e não podia sem risco aventurar, pelo menos naquella occasião, alguma cousa contra José Manoel, tanto mais que tão mal se havia sahido da primeira intriga que armára. Contentou-se, pois, com repetir uma observação

que D. Maria mesma lhe havia feito ha pouco tempo, e disse, referindo-se a Luizinha :

— Gente, pois aquella creança já está para essas !...

— Sim, respondeu D. Maria, está ainda verdezinha, mas tambem isso não é sangria desatada.

A comadre respirou, pois viu que ainda havia tempo a ganhar.

X

O AGGREGADO

Passaram se assim algumas semanas ; Leonardo depois de acabadas todas as cerimoniaes, foi declarado aggregado á casa de Thomaz da Sé, e ahi continuou convenientemente arranjado. Ninguem se admire da facilidade com que se faziam semelhantes cousas ; no tempo em que se passavam os factos que vamos narrando, nada havia mais commum do que ter cada casa um, dons, e ás vezes mais aggregados.

Em certas casas os aggregados eram muito uteis, porque a familia tirava grande proveito de seus serviços, e ja tivemos occasião de dar exemplo disso quando contamos a historia do finado padrinho de Leonardo ; outras vezes, porém, e estas eram em maior numero, o aggregado refinado vadio, era uma verdadeira parasita que se prendia á arvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudal-a a dar os fructos e, o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo della. E o caso é que, apezar de tudo, se na primeira hypothese o esmagavam com o peso de mil exigencias, se lhe batião a cada passo com os favores na cara, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e a menor e mais justa queixa saltavam-lhe os paes cima tomando o partido de seu filho, no segundo, aturavam quanto desconcerto havia com paciencia de martyr ; o aggregado tornava-se quasi rei em casa, punha, dispunha, castigava os escravos, ra-

lhava com os filhos, intervinha emfim nos mais particulares negocios.

Em qual dos dous casos estava ou viria estar em breve o nosso amigo Leonardo? O leitor que o dicida pelo que se vae passar.

Principiemos por declarar que as duas velhas irmãs tinham concebido desde o primeiro momento uma decidida sympathia por elle, e era esse o unico ponto por onde o podemos julgar um pouco feliz: se a cada passo encontrava contrariedades e anthipatias, tambem não lhe faltavam por contrabalanço sympathias e favores. Isto já era meio caminho andado para qualquer projecto que elle formasse, qualquer intenção que tivesse ou desejo que se lhe despertasse. Mas, note-se que para não falhar a lei das compensações, que pesava, constantemente sobre elle, logo o projecto, a intenção e desejo que teve succedeu ser a respeito de uma *cousa* que já tinha despertado igual projecto, intenção e desejo em duas outras pessoas, o que equivale a dizer-se, como já o fizemos que tinha elle que luctar com duas difficuldades.

Vidinha era uma rapariga que tinha tanto de bonita como de movediça e leve: um seprozinho, por brando que fosse, a fazia voar, e voava e revoava na direcção de quantos sopros por ella passassem; isto quer dizer em linguagem chã e despida dos trejeitos da rethorica que ella era uma formidavel namoradeira, como hoje se diz, para não dizer lambeta, como se dizia naquelle tempo. Portanto, não foram de modo algum mal recebidas as primeiras finezas do Leonardo, que desta vez se tornou muito mais desembaraçado, quer porque já o negocio com Luizinha o tivesse desasnado, quer porque agora fosse o paixão mais torte, essa ultima hypothese vá de encontro a opinião dos ultra-romanticos, que põem todos os bofes pela bocca, pelo tal — primeiro amor: — no exemplo que nos dá o Leonardo aprendam

o quanto elle tem de duradouro. Se um dos primos de Vidinha, que dissemos ser o attendido naquella occasião, teve motivo para levantar-se contra o Leonardo como seu rival, outro primo que dissemos ser o desattendido, teve dobrada razão para isso, porque, além do irmão, appresentava-se o Leonardo como segundo concurrente, e o furor de quem se defende contra um. Declarou se, portanto, desde que começaram a apparecer os symptomas do quer que fosse entre Vidinha e o nosso hospede, guerra de dous contra um, ou de um contra dous. A principio, foi ella surda e muda; era guerra de olhares, de gestos, de desfeitas, de más caras, de máos modos de uns para com os outros; depois, seguindo o adiantamento de Leonardo, passou a dicterios, a chasques, a romoques. Um dia, finalmente, desandou em descompostura cerrada, em ameaças do tamanho da torre de Babel, e foi causa disto ter um dos primos pilhado o feliz Leonardo em flagrante gozo de uma primicio amorosa, um abraço que no quintal trocava elle com Vidinha.

— Ahi está, minha tia, dissera enfurecido o rapaz, dirigindo-se á mãe de Vidinha, ahi está o lucro que se tira de metter se para dentro de casa um par de pernas, que não pertence á familia.

— Onde é, onde é que está pegando fogo? disse a velha em tom de escarneo, suppondo ser alguma asneira do rapaz, que era em tudo muito exagerado.

— Fogo, replicou este; se alli pegar fogo não haverá agua que o apague... e olhe o que lhe digo, se não está pegando fogo... está-se ajuntando lenha para isso.

Vidinha que vinha chegando nessa occasião, tomou a palavra e falou durante meia hora sem interrupção, saltando contra os dous primos (pois que o outro já tinha tambem intervindo) uma tremenda catilinaria em que a palavra — qual — foi repetida enorme numero de vezes. Leonardo teve tambem de defender-se e falou pelos co-

tovellos. As duas velhas acompanharam os quatro, seguidas das outras duas moças, que mettiãt também de vez em quando a sua colherada.

Seria inútil a tentativa de querermos repetir as palavras textuaes de cada um dos faladores ; isso seria cousa pouco mais ou menos semelhante a querer contar-se, em uma tempestade, os pingos de chuva que cahem. Só quem já teve occasião de assistir, pôde bem avaliar o que era e talvez ainda é uma dessas brigas no interior de uma familia. Todos falam a um tempo, esforçando-se cada um por falar mais alto do que todos os outros ; ninguém parece attender ás desculpas que se apresentam, nem ás recriminações que se fazem, e entretanto de minuto em minuto cada qual, tomando mais calor, se julga dobradamente offendido ; as juras se cruzam, as ameaças se chocam, ; não fica no dictionario termozinho de escolha que não sáia a frente ; umas questões trazem outras, estas ainda outras ; recorrem ás offensas passadas, presentes e futuras para se fazer carga aos adversarios. Tudo, emfim, se diz, e nada se consegue ; a briga dura muitas horas, ao termo das quaes os contendores, *fatigatis sed non sáciatis*, abandonam o campo, ficando mais encarniçados uns contra os outros do que o estavam a principio. E se por acaso, tocando já em retirada, algum ousa ainda soltar uma derradeira mprecação, pega de novo a cousa, e dura ainda bom pedaço. As mais das vezes fica tudo em tudo em palavra.

Desta vez, porém, não succedeu assim : um dos primos, que era *esquentadete*, avançou para o Leonardo depois de lhe ter mandado, como batedor, uma grande injuria, e deu-lhe dous safanões, agarrando-o pela golla da camisa. Leonardo, que neste mundo só tinha medo do pae, reagiu contra o aggressor ; as duas velhas e Vidinha, tentando apartal-os, não faziam mais do que romper-lhes a roupa e augmentar-lhes a raiva ; as de-

mais pessoas occupavam-se em bater nas paredes e chamar os visinhos. Luctaram os dous por algum tempo sem que disso resultasse accidente grave para nenhum delles, e afinal apartaram-se. Leonardo, apenas se viu livre do seu adversario, foi querendo pôr-se no andar da rua; pesava sobre o infeliz, desde creança, uma especie de sina de Judou Errante. As velhas, que em todo o barulho tinham tomado o partido d'elle, não contentiram, porém, nisto; allegaram que estavam em sua casa, e podiam mandar como quizessem. Leonardo insistiu apezar disso e apezar dos rogos de Vidinha; porém, no momento em que tentava abrir a porta da rua, entrou por ella a comadre.

— Ora graças que o encontro, senhor doido de pedras...

O Leonardo recuou dous passos: naquelle momento assim como lhe aconteceu desde que saiu de casa de seu pae, nem lhe passava pela idéa que tivesse no mundo uma madrinha, um pae, ou qualquer parente que fosse. Houve em todos um movimento de admiração e curiosidade, pois ninguem na casa conhecia a comadre.

Tantas cousas havia feito a boa mulher, que afinal soubera do ninho a que se acolhêra o afilhado, e immediatamente para lá se dirigira. Tendo entrado e dito aquellas primeiras palavras, queria logo depois seguir com uma grande exhortação ao sobrinho, quando, tendo visto as duas velhas, assentou que era melhor dirigir-se a ellas em primeiro lugar. Com effeito dirigiu-se e entraram as tres em conferencia.

XI

MALSINAÇÃO

As tres velhas conversaram por largo tempo, não porque muitas cousas se tivessem a dizer a respeito do do que se acabava de passar, porém porque a comadre, remontando ao mais remoto passado, entendera que

para dizer que muito se interessava pela volta do afilhado para casa era mister contar desde sua origem a vida inteira deste, de sua mãe, de seu pae e a sua propria, que fôra mais comprida de todas, e porque as duas velhas entenderam, que para dizerem que o Leonardo estava ali bem e que não consentiriam que elle sahisse, entenderam ser preciso fazer o que havia feito a comadre — contar a sua vida e de toda a familia desde as éras primitivas.— Ora, como todas essas historias contadas de parte a parte eram cheias de episodios, já sentimentaes, já tocantes, já alegres. aconteceu que entre muita gargalhada correram tambem algumas lagrimas durante a conversação. Não ha nada que sirva mais para fazer nascer e firmar a amizade e mesmo a intimidade, do que sejam os risos e as lagrimas; aquelles que se riram, e principalmente aquelles que uma vez choraram juntos, têm muita facilidade em fazerem-se amigos. Com effeito, no fim da conversa, as tres velhas estimavam-se mutuamente de uma maneira incrível.

Se esta facilidade de expansão não fosse acompanhada de grande difficuldade de rompimentos e de intrigas, seria uma das grandes virtudes daquelle tempo. Porém as sympathias que se creavam em uma hora de conversa transformavam-se em odio em um minuto de desavença.

Emquanto as velhas conversavam, os contendores acalmaram-se, passou a tormenta, e se tudo não ficou pelo menos esquecido por algum tempo. Leonardo achava-se já disposto a attender ás supplicas de Vidinha e das outras moças, que o não queriam por modo algum fóra de casa; os dous rivaes derrotados pareciam resignar-se.

Quando terminou a conferencia das tres, a comadre entendeu que era chegado o momento de começar a prégação ao Leonardo, e começou nestes termos :

— Rapaz dos trezentos deinos, valham-te os seraphins... tu tens nessa cabeça pedras em vez de miolos; o sol não cobre creatura mais renegada do que tu. E' um vira-mundo; andas feito um valdevinos sem eira nem beira nem ramo ramo de figueira, sem officio nem beneficio, sendo pesado a todos nesta vida...

— Se é cá connosco que fala, acudiu uma das velhas, deixa o estar onde está que está muito bem.

— Qual! senhora, pois se vem levantar poeira na casa alheia! é um gallo de brigas.

— Ora isso é lá cousa entre rapazes e raparigas; deixal-os, que elles se arranjarão, redarguiu a velha.

Ingenuidade infantil das velhas daquelle tempo!

A comadre ia proseguir; porém, sendo a cada passo interrompida, tomou por seu barato dar a cousa por finda. Retirou-se, ficando convencionado que Leonardo permaneceria onde estava.

Vidinha ficou contentissima com semelhante resultado; os primos, porém, fizeram má cara, porque tal não esperavam. Desde que viram que tudo ia continuar no mesmo pé, renasceu-lhes o despeito. Atiraram algumas indirectas, com as quaes ia tudo pegando fogo novamente; mas, contiveram-se ainda; um delles chamou o outro em particular, e começaram por seu turno a conferenciar, porém, em segredo. Não havia nada mais natural: o inimigo era commum, juntavam-se para atacal-o; depois que elle fosse derrotado, a que se decidiria entre os dous.

Depois desta ultima conferencia, serenou tudo definitivamente; cada qual recolheu-se a seu posto, e passaram-se muitos dias em santa paz. Durante esses dias mais se estreitaram os laços entre Leonardo e Vidinha. E, sempre assim que succede: que nos liguemos estreitamente a uma cousa? Fazei-nos soffrer por ella, Os dous tinham soffrido um pelo outro, e era isto uma forte razão para se amarem cada vez mais.

* A comadre vinha regularmente ver o afilhado e visitar suas novas amigas.

Tudo parecia, emfim, nos seus eixos naturaes; os dous primos, porém, tramavam, e tramavam largamente. Ninguem, entretanto, atinava com o que seria.

Leonardo passava vida completa de vadio, mettido em casa todo o santo dia, sem lhe dar o menor abalo o que se passava lá fóra pelo mundo. O seu mundo consistia unicamente nos olhos, nos sorrisos e nos requêbros de Vidinha.

Um dia forjaram uma patuscada semelhante á que dera origem ao conhecimento do Leonardo com a familia. Devi m sahir de madrugada da cidade e passar fóra o dia. Preparou-se tudo; cestos de comida, esteiras e mais arranjos. Vidinha mandou encordoar de novo sua viola; avisaram se os convivas do costume.

A' hora aprazada partiram.

Quem estivesse menos distrahido pelo prazer da patuscada do que estava qualquer dos suciantes, notaria que os dous primos deixavam-se de vez em quando ficar atraz, e cochichavam como se tramassem uma conspiração. Ninguem, porém, dera attenção a semelhante cousa.

Chegaram ao logar determinado ao romper do dia. Apenas começavam a preparar-se para o almoço, viram surdir, ninguem soube bem d'onde, a figura alta, magra, severa e sarcastica do nosso celebre major Vidigal. Correu por todos um signal de pouco contentamento, excepto pelos primos, que trocaram entre si um olhar de intelligencia e triumpho.

Os olhos de Vidinha dirigiram-se instinctamente para Leonardo.

O major Vidigal deixou passar o primeiro momento de surpresa, e depois, sorrindo-se, disse, como costumava, com sua voz descansada:

— Não tenham medo de mim, que não sou nenhum

papa-creanças, nem eu venho desmanchar prazeres de ninguém. Quero só saber quem é aqui o amigo Leonardo.

Vidinha fez logo cara do choro. Leonardo levantou-se sem saber como, e disse tudo todo tremulo :

— Sou eu...

— Ora vejam, respondeu o Vidigal em tom de mofa, eu não sabia!... Pois, meus amigos, não se assustem que o caso não foi para tanto: um sucio de menos em uma patuscada não faz falta nenhuma. Este amigo vai comnosco. Se elle puder, voltará em breve... mas creio que já não chegará a tempo para acabar a patuscada.

— Qual, meu Deus! mas porque é então isto! que mal é que elle fez!

— Elle não fez, nem faz *nada*; mas é mesmo por não fazer nada que isso lhe succede. Leva, granadeiro.

E um dos granadeiros, com que viera o major acompanhado, foi tratando de conduzir o Leonardo.

O Vidigal seguiu-os tranquillamente, sem alterar o passo, e dizendo polidamente :

— Adeus, minha gente.

Vidinha desatou a horar, exclamando :

— Foi malsinação!

— Foi malsinação! repetiram todos, menos os dous primos.

A sucia levantou-se.

XII

TRIUMPHO COMPLETO DE JOSÉ MANOEL

Era um sabbado de tarde; em casa de D. Maria havia uma lufa-lufa immensa: andavam as crias e mais escravos de dentro para fóra; espanava-se a sala, arrumavam-se as cadeiras, corria-se, falava-se, gritava-se.

A dona da casa trajava, fóra do ordinario, um rico vestido de cassa bordado de prata, de corpinho muito curt, e mangas de um volume enorme. Seja dito de pas-

sagem que a prata do bordado estava já mareada, e o do vestido um pouco encardido. Trazia ainda D. Maria um penteado de desmedida altura, um formidável par de rodellas de crysolitas nas orelhas, e dez ou doze aneis de diversos tamanhos e feitios nos dedos.

Luizinha trajava tambem um vestido que qualquer menos entendido na materia desconfiaria que era filho legitimo do de sua tia; trazia um toucado de plumas brancas na cabeça e um rosario de ouro de contas mui grossas na cintura.

Acabavam de sahir as duas, assim preparadas do quarto de vestir, quando se sentiu rodar uma carruagem e parar na porta da casa. Luizinha estremeceu; D. Maria levou o lenço aos olhos, tirou-o em pouco tempo molhado de lagrimas.

— Está ahí a carruagem, gritou uma das crias que estava de sentinella á janella.

A carruagem era um formidavel, um monstruoso machisnismo de couro, balançando-se pesadamente sobre quatro demesuradas rodas. Não parecia cousa muito nova, e com mais dez annos de vida, poderia muito bem entrar no numero dos restos infelizes do terramoto, de que fala o poeta.

Mal tinha este trem parado á porta, sentiu-se o rodar outro que veio parar junto delle. O que dissemos a respeito dos vestidos de D. Maria e sua sobrinha pôde perfeitamente applicar-se aos dous trens; o segundo parecia filho legitimo do primeiro.

Do ultimo que chegára apeou-se José Manoel; e entrou em casa de D. Maria, que o veio receber á porta.

E' inutil observar que a visinhança estava toda á janella, e via todo aquelle movimento com os olhos regalados pela mais desabrida curiosidade.

José Manoel trajava casaca de seda preta, calções da mesma fazenda a côr; trazia meias tambem pretas e

sapatos de entrada baixa, ornados com enormes fivellas de prata, espadim e chapéu de pasta.

Acompanhavam no dous amigos vestidos pelo mesmo teor.

José Manoel estava com um ar entre compungido e triumphante, e desfazia-se em mesuras á D. Maria.

Depois de tudo isto, quer ainda o leitor que lhe declaremos que a sobrinha de D. Maria se casava naquella tarde com José Manoel?

Chegou o momento da partida, Luizinha, conduzida por D. Maria, que lhe ia servir de madrinha, embarcou em um dos destroços da arca de Noè, a que chamamos carruagem; José Manoel, acompanhado por quem lhe ia servir de padrinho, fez outro tanto, e partiram depressa para a igreja. Fizeram bem em partir depressa, porque se se demorassem alguns minutos, corriam o risco de ser devorado pelos olhos dos vizinhos.

Apenas cessou a bulha das carruagens, começaram estes ultimos em conversa renhida, de que damos aqui uma pequena amostra.

— Senhora, dizia uma sujeita que morava junto de D. Maria para outra que morava defronte, o tal noivo poderá ser cousa boa, mas não dou nada pela cara delle...

— E a noiva?... respondia a outra; arrenego, tambem da lambisgoia...

— E o filho Leonardo ficou vendo estrellas?...

— Por força; venceu este porque é um finorio de conta.

— Se a velha deixar tudo á sobrinha, não é máo arranjo...

— De certo. Pois não sabe que o seu defunto marido era um homem que viajava para a India?

Neste tom continuaram até á volta das carruagens. Agora demos ao leitor algumas explicações a respeito do triumpho de José Manoel.

Depois das boas obras do mestre de reza, de que os leitores já foram informados, José Manoel reabilitou-se completamente junto a D. Maria; tornara a frequentar a casa e foi, pouco a pouco, pondo barro á sua parede. Um successo inesperado veio ajudal-o com a maior efficacia. O testamenteiro do finado irmão de D. Maria, do pae de Luizinha, que já tinha tido com D. Maria, como talvez não estejam esquecidos os leitores, uma demanda por causa desta ultima, surdiu de repente com uma nova prebenda relativa a uma parte da herança do testamento, e D. Maria teve de entrar de novo com elle em uma lucta judiciaria. Isto coincidiu com o morte inesperada do procurador de D. Maria, José Manoel offereceu-se para cuidar da causa; e com tanto geito arranjou tudo, que em muito pouco tempo, cousa que procurador nenhum teria feito, venceu a demanda em favor de D. Maria.

Ora, os leitores hão de estar lembrados da mania que tinha D. Maria por uma demandazinha; atirava-se a ella com vontade, e tal era o empenho que empregava na mais insignificante questão juridiciaria, que em taes casos parecia ter em jogo sua vida. Daqui se poderá concluir a satisfação que teria ella no dia em que se achava vencedora, e como se não julgaria obrigada a quem lhe proporcionasse a victoria.

José Manoel aproveitou-se disto; e, no dia em que veio ler a D. Maria a sentença final, que resolvia a pendencia em seu favor, pediu-lhe a mão da sobrinha, a qual lhe foi promettida sem grandes escrúpulos.

Luizinha estava nesta occasião em um daquelles períodos de abatimento, que se costumam produzir nos moços, e principalmente nas moças que ainda marcham por aquella estrada florida, que leva dos 13 aos 25 annos, quando as opprime o isolamento.

Ora, como sabem todos os que me leêm, o Leonardo

tinha abandonado Luizinha ; ella accitou, portanto, indifferentemente a proposta de sua tia.

XIII

ESCAPULA

Deixemos aos noivos o goso tranquillo da sua lua de mel; deixemos D. Maria desfazer-se em carinhos e conselhos a sua sobrinha, que os recebia indiffrentemente, e em attentões para com José Manoel, cuja cabeça tinha se tornado repentinamente uma arithmetica completa, toda algarismos, toda calculos, toda multiplicações; e voltemos a saber o que foi feito do Leonardo, a quem deixamos na occasião em que foi arrancado pelo Vidigal dos braços do amor e da folia.

O Vidigal tinha-o posto diante de si, ao lado de um granadeiro, e marchava poucos passos atraz. Enquanto caminhavam, o granadeiro pretendeu dar-lhe conversa, mas elle a nada respondia, parecendo absorto em grave cogitação.

Quem estivesse attento havia de notar que algumas vezes a Leonardo parecia, ainda que muito ligeiramente apressar o passo, que outras vezes o retardava, que seu olhar e sua cabeça, se voltavam de vez em quando, quasi imperceptivelmente, para a esquerda ou para a direita. O Vidigal, a quem nada disto escapava, achava em todas estas occasiões pretextos para dar signaes de si; tossia, pisava mais ferte, arrastava no chão o chapéo de sol, que sempre trazia na mão, como quem queria dizer ao Leonado, respondendo aos seus pensamentos intimos :

— Cuidadado ! eu aqui estou. — E Leonardo entendia tudo aquillo ás mil maravilhas; contrahia os labios de raiva e de impaciencia. Entretanto nem por isso abandonava a sua idéa; queria fugir. Desconfiava que ia para a casa da Guarda, e pedia interiormente aos seus deuses que alongassem de muitas leguas as ruas

que tinha de percorrer. Quando via de longe uma esquina dizia consigo :

— E' agora; quebro por alli fóra, e bato pernas.

Porém ao chegar perto da esquina, o Vidigal achava alguma cousa que dizer ao granadeiro, e passava-se a esquina. Se lhe apparecia á direita ou á esquerda um corredor aberto, pensava consigo :

— Embarafusto por alli a dentro, e sumo-me.

Mas, no momento em que ia tomar a ultima decisão, parecia-lhe sentir a mão do Vidigal que o agarrava pela golla da jaqueta, e esfriava. Não eram os granadeiros que lhe mettiam medo; nunca, em todos os planos de fugir que lhe passavam naquella occasião pela cabeça, contou uma só vez com elles; mas o Vidigal, o cruel major, era a quantidade constante de seus calculos.

O pobre rapaz, durante aquelles combates íntimos, suava mais do que no dia em que fez a primeira declaração de amor a Luizinha. Só havia na sua vida um transe a que se assemelhava aquelle em que então se achava : era o que se havia passado, quando creança, naquelle meio segundo que levára a percorrer o espaço nas azas do tremendo pontapé que lhe dera seu pae.

Repentinamente, uma circumstancia veio favorecer. Não sabemos porque causa se ouviu um grande alarido na rua : gritos, assovios e carreiras. O Leonardo teve uma especie de vertigem, zuniram-lhe os ouvidos, escureceram-se-lhe os olhos, e... dando um encontrão no granadeiro, que estava perto d'elle, desatou a correr. O Vidigal deu um salto e estendeu o braço para o agarrar, mas apenas roçou-lhe com a ponta dos dedos nas costas. O rapaz tinha calculado bem : o Vidigal distrahiu-se com o ruido que se fizera na rua, e aproveitou a occasião. O Vidigal e os granadeiros soltaram-se immediatamente em seu alcance : o Leonardo embarafustou pelo primeiro corredor que achou aberto; os seus perseguidores entraram incontinenti atraz d'elle e subiram



Ora, mestre, esta não está má!...

em tropel o primeiro lance da escada. Apenas o haviam dobrado, e subiam o segundo, abriram-se as cortinas de uma cadeirinha que se achava na entrada, e pela qual tinham elles passado, sahe della Leonardo, e de um pulo ganha a rua. Ao entrar, tendo dado com aquelle refugio, metter-se dentro; os granadeiros e o Vidigal não haviam reparado em tal com a precipitação com que entraram, e isso lhe valeu.

E' impossivel descrever o que sentiu o Leonardo quando, por entre as cortinas da cadeirinha, os viu passar e subir a escada. Foi uma rapida alternativa de frio e de calor, de tremor e de immobilidade, de medo e de coragem; veio-lhe outra vez á lembrança o pontapé paterno: era o termo constante de comparação para todos os seus soffrimentos.

Emquanto o Vidigal e os granadeiros varejavam a casa em que haviam entrado, Leonardo punha-se longe, e em quatro palos achava-se em casa de Vidinha, que o recebeu com um abraço, exclamando:

— Qual! ahí está elle!

Um raio de alegria illuminou todos os semblantes, menos o dos dous irmão rivaes, que ficaram horrivelmente desapontados. As duas velhas tiraram da cabeça as mantilhas que já haviam tomado para dar providencias sobre o caso. A presença do Leonardo foi uma aura bemfazeja que espalhou as nuvens de uma grossa tormenta, que tendo começado a roncar quando Leonardo foi preso com aquellas palavras—foi malsinação—viera desabar de todo em casa, e promettia durar muito tempo.

Vidinha, tendo a principio trocado com os primos algumas indirectas, a respeito da prisão de Leonardo, julgára conveniente deixar-se de pannos quentes e fôra direito a elles, como se diz, com quatro pedras na mão, attribuindo-lhes o que acava de succeder.

Elles denegaram-se e travaram-se com ella de razões. A principio as duas velhas estavam ambas da parte de Vidinha, porém, tendo esta atirado tres ou quatro ditos fortes de mais aos primos, a tia offendeu-se e tomou o partido dos dous filhos, a outra velha, mãe de Vidinha, protesta contra a parcialidade de sua irmã e reforça ainda mais, acompanhada dos que restavam, o partido de Vidinha. Divididos e extremados assim os dous campos com terriveis campeões, de lado a lado, facil é prever se e que teria succedido se o Leonardo não viesse tão a tempo para acalmar tudo.

Tomado pelo prazer de ver-se livre, nem teve elle tempo de fazer recriminações aos seus inimigos; já sabia com certeza quem fôra a causa do que acabava de soffrer, pois que o tinha percebido pela conversa que com elle tentára travar o granadeiro.

O major Vidigal fôra ás nuvens com o caso: nunca um só garoto, a quem uma vez tivesse posto a mão, lhe havia podido escapar; e entretanto aquelle lhe viera pôr sal na moleira, offendel-o em sua vaidade de bom commandante de policia, e degradal-o diante dos granadeiros. Quem pregava ao major Vidigal um logro, fosse qual fosse a sua natureza, ficava-lhe sob a protecção e tinha-o comsigo em todas as occasiões. Se o Leonardo não tivesse fugido, e arranjasse depois a soltura por qualquer meio, o Vidigal, era até capaz, por fim de contas de ser seu amigo; mas tendo-o deixado mal, tinha-o por seu inimigo irreconciliavel enquanto não lhe desse desforra completa.

Já se vê, pois, que as fortunas de Leonardo redundavam-lhe sempre em mal; era realmente um mal naquelle tempo ter por inimigo o major Vidigal principalmente quando se tinha, como o Leonardo, uma vida tão regular e tão licita.

Veremos agora o que se passou na casa em que

entrára o Vidigal com os granadeiros em procura do Vidigal.

XIV

O VIDIGAL DESAPONTADO

O major Vidigal, vendo-se logrado, deu urros; e como já fizemos sentir aos leitores, prometeu a si mesmo tomar séria vingança do Leonardo.

— Ora, dizia elle consigo, gastar o meu tempo nesta vida, gastar os meus miolos a pensar nos meios de dar caça a quanto vagabundo gyra por esta cidade, conseguir, á custa de muitos dias de fadiga, de muitas noites passadas sem pregar olho, de muita carreira, de muito trabalho, fazer-me temido, respeitado por aquelles que a ninguem temem e respeitam, os vadios peraltas, e agora no fim de contas vir um melquetrefezinho pôr-me sal na moleira, envergonhar-me diante destes soldados e de toda essa gente! Agora não ha garoto por ahí, que sabendo disto, não se esteja a rir de mim, e não contente já com a possibilidade de me pregar um segundo mono como este.

O major tinha razão; riram-se com effeito delle; e os primeiros que o faziam eram os granadeiros. Apesar de que escravos da disciplina, empregavam os mais sinceros esforços para coadjuval-o; e apesar tambem de que revertia para elles alguma gloria das façanhas do major, não puderam entretanto deixar de achar graça no que acabava de succeder, pois conheciam a presumpção do Vidigal, repararam na cara desapontada com que elle havia ficado. Depois, apenas o major poz o pé fóra da soleira da casa, onde lhe tinha escapado Leonardo, uma multidão immensa que tudo havia presenciado desatou a rir estrondosamente.

— Então, sr. major, dizia-lhe um dos da turba, desta vez

Passarinho foi-se embora
Deixou-me as pennas na mão.

— Sr. major, dizia outro, procure nos bolsos.

— Dentro da barretina, emendava outro.

— Atraz da porta, replicava aquelle.

E um cêro de risadas acompanhava cada um destes conselhos.

— Lá está o bicho dentro da cadeirinha! gritou um repentinamente.

O Vidigal, como que instinctivamente, correu á cadeirinha e abriu-lhe as cortinas.

Nessa occasião as risadas foram homericas; o major comprehendeu então qual fôra o meio por que lhe escapára o Leonardo, e soltou um — ah! — prolongadissimo. Emfim retirou-se acabrunhado e ruminando projectos para sua reabilitação.

— Se aquelles rapazes da Conceição, dizia consigo o Vidigal, que me foram levar a nota do tal malandro, me tivessem avisado que elle era desta laia, eu não teria passado por esta immensa vergonha.

Por estas palavras vêem os leitores que as imputações da Vidinha contra os primos tinham mais que muito fundamento. Com effeito o que se acabava de passar não era senão o resultado do ajuste que no dia da grande briga, por aquelle motivo que o leitor bem sabe, haviam feito os dous rivaes: tinham elles malsinado ao Leonardo. Foram ter com o Vidigal e, sem precisar mentir, armaram ao Leonardo uma cama muito bem feita: era um homem sem officio nem beneficio, vivendo á custa alheia, enchendo de pernas a casa de duas mulheres velhas, a quem não tinha aproveitado a experiencia e, o que é mais, roubando aos primos o amor de sua prima.

O Vidigal regalára os olhos ouvindo a narração, e ficára muito agradecido aos dous rapazes pela nova que

lhe levaram; era mais um pendão que ia juntar aos louros de suas façanhas policiaes. A primeira tentativa custou-lhe, porém, bem caro.

Eis aqui, pouco mais ou menos, as reflexões em que o major ia engolfado: — Nada lhe seria mais agradável do que dia mais, dia menos, quando ninguem pensasse em tal, acompanhado de uma escolta de granadeiros, dirigir-se á casa das duas velhas, cercal-a e pilhar o Leonardo sem que lhe pudesse escapar. Isto, porém, repugnava ao seu orgulho offendido. Muitas vezes se tinha, é verdade, servido deste meio, porém fôra isso para poder pilhar a capadocios de longa data, tidos e havidos como taes, e velhos no officio. Não queria, pois, servir-se do mesmo meio para agarrar um recruta no officio, que ainda agora começava. Nada, tal não fazia; não havia de fazer cerco, e o que é mais, não queria de modo algum o adjutorio dos granadeiros; jurava a si mesmo que elle sózinho, sem o apoio de ninguem, havia de pôr a mão no Leonardo.

Ia o Vidigal entrando na Casa da Guarda, para onde se dirigia, depois da derrota, quando se sentiu repentinamente agarrado pelas pernas, e viu o seus pés uma mulher de mantilha, que chorava, soluçando muito, com o lenço no rosto.

— Que é isto, senhora? Deixe-me. Ora isto hoje é dia de má sina.

Continuaram os soluços por unica resposta.

— Senhora, deixa-me ou não as pernas? Eu não gosto de carpideiras... entende!

Soluços ainda.

— Ora não está má esta... Se lhe morreu alguém, vá chorar na cama que é lugar quente.

Redobrou o pranto.

— Valham-me tresentos diabos!... Quando é que isto terá fim?... Esta mulher acaba por atirar-me no chão...

Estava já muita gente junta na porta.

Passado finalmente um pouco de tempo em silencio, quando já o major estava disposto a empregar alguma medida de rigor para ver-se livre da carpideira, esta ergeu a cabeça, e tirando o lenço da cara exclamou entre lagrimas :

E os soluços embargaram muito a proposito a voz.

Era a comadre que, tendo sabido da prisão do affilhado, viera fazer em seu favor aquella choradeira, ignorando que elle se tivesse evadido. A scena produziu o effeito esperado. Os granadeiros, de cada vez que a comadre dizia — solte, solte — desatavam a rir ; tendo por bocca pequena explicado tudo aos demaes circumstantes, estes os acompanhavam.

O major tomou tudo aquillo como um escarneo que o genio da vadiacção e do garotismo lhe fazia ; era mister que elle, para ver-se livre da comadre, que não lhe largava os joelhos, declarasse por sua propria bocca, diante de toda aquella gente, que o Leonardo havia fugido ! Declarou-o e fugiu, de todos aquelles olhares, em cada um dos quaes via um insulto.

A comadre, apenas ouviu a declaração, tratou de retirar-se, e não pôde tambem deixar de achar graça no caso,

XV

CALDO ENTORNADO

A comadre tendo deixado o major entregue á sua vergonha, dirigira-se immediatamente para a casa, onde se achava Leonardo, para felicitá-lo e contar-lhe o desespero em que a sua fuga tinha posto o Vidigal. O Leonardo contava com isso, e não se admirou ; Vidinha, porém, e as duas velhas, por entre muitas pragas e esconjuro deram grandes risadas a custo do major. A comadre, segundo o seu costume, aproveitou o ensejo e depois que se aborreceu de falar no major desenrolou

um sermão ao Leonardo, no qual, algumas exagerações de parte, havia grande fundo de justiça; e tanto que até a propria Vidinha chegou a dar-lhe inteira razão quanto a alguns trechos. O thema do sermão foi a necessidade de buscar o Leonardo uma occupação, de abandonar a vida que levava, gostosa sim, porém, sujeita a emergencias taes como a que acabava de dar-se. A sancção de todas as leis que aprégadora impunha ao seu ouvinte eram as garras de Vidigal.

— Haveis de afinal cahir-lhe nas unhas, dizia ella no fim de cada periodo; e então o covado e meio te cahirá tambem nas costas.

Esta idéa do covado e meio fez brecha no espirito do Leonardo: ser soldado era naquelle tempo, e ainda hoje talvez, a peor cousa que podia succeder a um homem. Prometteu, pois, sinceramente emendar-se e tratar de vor um arranjo em que estivesse ao abrigo de qualquer capricho policial do terrivel major. Achar, porém, occupação para quem nunca cuidou nella até certa idade, e assim de pé para mão, não era das cousas mais faceis.

Entretanto o zelo da comadre poz-se em actividade, e poucos dias depois entrou ella muito contente, e veio participar ao Leonardo que lhe tinha achado um excellento arranjo, que o habilitava, segundo pensava, a um grande futuro e o punha perfeitamente a coberto das iras do Vidigal; era o arranjo de servidor na ucharia real. Deixando de parte o substantivo ucharia, e attendendo só ao adjectivo real, todos os interessados e o proprio Leonardo regularam os olhos com o achado da comadre. Empregado da casa real?! oh! isso não era cousa que se recusasse; e então empregado na ucharia! essa mina inexgotavel, tão tarta e tão rica!... A proposta da comadre foi aceita sem uma só reflexão contra, da parte de quer que fosse.

Como a comadre pudera arranjar semelhante cousa para o afilhado, é isso que pouco nos deve importar.

Dentro de poucos dias achou-se o Leonardo installado no seu posto cheio e contente de si.

O major que o não perdia de vista, soube-lhe dos passos, e mordeu os beiços de raiva quando o viu tão bem aquartellado; só deixando a vida que levava, podia o Leonardo cortar ao major pretextos para pôr-lhe a unha mais dia, menos dia.

— Se elle se emenda?! dizia pezaroso o major; se elle se emenda, perco eu a minha vingança... Mas... (e esta esperança o alentava) elle não tem cara de quem nasceu para emendas.

O major tinha razão: o Leonardo não parecia ter nascido para emendas. Durante os primeiros tempos de serviço tudo correu ás mil maravilhas; só algum mal intencionado poderia notar em casa de Vidinha uma certa fartura desusada na despensa; mas isso não era cousa em que alguém fizesse conta.

O Leonardo, porém, parece que recebera de seu pae a fatalidade de lhe provirem sempre os infortunios dos devaneios do coração.

Dentro do pátio da ucharia morava um *toma largura* em companhia de uma moça que lhe cuidava na casa; a moça era bonita e o *toma largura* um machacaz talhado pelo molde mais grotesco; a moça fazia pena a quem a via nas mãos de tal possuidor.

O Leonardo, cujo coração era compadecido, teve, como todos, pena da moça; e, apressemo-nos a dizer, era tão sincero esse sentimento, que não pôde deixar de despertar também a mais sincera gratidão ao objecto d'elle. Quem pagou o resultado da pena de um e da gratidão da outra foi o *toma-largura*.

Vidinha lá por casa começou a estranhar a assiduidade do novo empregado na sua repartição, e a notar o quer que fosse de esmorecimento de sua parte para com ella.

Um dia, o *toma-largura* tinha sahido em serviço,

ninguém esperava por elle tão cedo : eram 11 horas da manhã. O Leonardo, por um daquelles milhares de escaninhos que existem na ucharia, tinha ido ter á casa do *toma largura*. Ninguém, porém, pense que era para mãos fins. Pelo contrario, era para o fim muito louvavel de levar á pobre moça uma tigela de caldo do que ha pouco fôra mandado a el-rei... Obsequio de empregado da ucharia. Não ha aqui nada de censuravel. Seria, entretanto, muito digno de censura, que quem recebia tal obsequio não o procurasse pagar com um extremo de civilidade: a moça convidou pois o Leonardo para ajudal-a a tomar o caldo. E que grosseiro seria elle se não acceitasse tão bello offercimento? Aceitou.

De repente, sente-se abrir uma porta : a moça, que tinha na mão a tigela, estremêce, e o caldo entorna-se.

O *toma largura*, que acabava de chegar inesperadamente, fôra a causa de tudo isto. O Leonardo correu precipitadamente pelo caminho mais curto que encontrou, sem duvida em busca de outro caldo, uma vez que o primeiro se tinha entornado. O *toma-largura* corre-lhe tambem ao alcance, sem duvida para pedir-lhe que trouxesse desta vez quantidade que chegasse para um terceiro.

O caso foi que dahi a pouco ouviu-se lá por dentro barulho de pratos quebrados, de moveis atirados ao chão, gritos, alarido ; viu-se depois o Leonardo atravessar o pateo da ucharia á carreira, e o *toma-largura* voltar com os galões da farda arrancados e esta com uma aba de menos.

• • • • •

No dia seguinte o Leonardo foi despedido da ucharia.

XVI

CIUMES

No dia seguinte já o Vidigal sabia de cór e salteado tudo quanto havia succedido ao Leonardo, e pôz-se á lerta, pois que a occasião era opportuna.

O Leonardo entrara para a ucharia com o pé esquerdo: a tormenta porque havia passado nada foi em comparação da que lhe cahiu nas costas, quando em casa se soube da causa verdadeira de sua sahida.

E' uma grande desgraça não corresponder a mulher a quem amamos aos nossos affectos; porém, não é tambem pequena desventura o cahirmos nas mãos de uma mulher a quem deu na cabeça querer-nos bem devéras. O Leonardo podia dar a prova desta ultima verdade. Vidinha era ciumenta até não poder mais: ora, as mulheres têm uma infinidade de maneiras de manifestar este sentimento. A uma dá-lhes para chorar em um canto, e choram ahi em ar de graça diluvios de lagrimas: isto é muito commodo para quem as tem de soffrer. Outras recorrem ás represalias, e nesse caso desbancam incontinentemente a quem quer que seja; esta maneira é seguramente muito agradavel para ellas proprias. Outras não usam da mais leve represalia, não espremem uma lagrima, mas assim por um espaço de oito ou quinze dias, desde que desponta a aurora, até que cahe a noite, resmungam um calendario de lamentações, em que entram seu pae, sua mãe, seus parentes e amigos, seu compadre, sua comadre, seu dote, seus filhos e filhas, e tudo por ahi além; isso sem cessar um só instante, sem um segundo de descanso, de maneira a deixar na cabeça do misero que a escuta uma assuada eterna, capaz de fazer amollecere um cerebro de pedra. Outras entendem que devem affectar desprezo e pouco caso; essas tornam-se divertidas, e faz gosto vê-las. Outras, emfim, deixam-se tomar de um furor desabrido

e irreprimivel, praguejam, blasphemam, quebram os trastes, rompem a roupa, espancam os escravos e filhos, descompõem os vizinhos ; esta é a peor de todas as manifestações, a mais desesperadora, a menos economica, e tambem a mais infructifera. Vidinha era do numero destas ultimas.

Apenas, pois, como ha pouco diziamos, se verificou a verdadeira causa da sahida do Leonardo, desabou um temporal que só terá semelhante no que ha de proceder ao aniquilamento do globo. Depois de gritar, chorar, maldizer, blasphemar, ameaçar, rasgar, quebrar, destruir, Vidinha parou um instante, concentrou-se, meditou, e depois, como tomando uma grande resolução:

— Minha mãe, disse, dirigindo-se a uma das velhas, quero a sua mantilha...

— Filha de Deus, acudiu a velha, que desatino é esse ? Onde é que ides agora de mantilha ?...

— Eu cá sei onde vou... quero a sua mantilha... tenho dito... quero a sua mantilha...

Foram todos reunindo-se em roda de Vidinha, sorprendidos por aquella resolução.

O Leonardo estava sentado, ou antes encolhido a seu canto, quedo e silencioso.

— Quero a sua mantilha, minha mãe; quero, e quero...

— Mas por onde ides, rapariga ?... Ora, meu Deus !... Issso foi cousa que vos fizeram...

— Quero ir á ucharia...

— Jesus !...

— Quero ir... que me importa que seja casa do rei ?... Hei de ir... hei de procurar o tal *toma-largura*... quero fazer-lhe cá duas perguntas... e, ou o Menino-Jesus não é filho da Virgem, ou na tal ucharia não fica hoje cousa sobre cousa.

— Que loucura, rapariga... que desatino !...

Os dous primos riram-se interiormente do que se estava passando.

Não ha cousa mais eminentemente prosaica do que uma mulher quando se enfurece. Tudo quanto em Vidinha havia de requebro, de languidez, de voluptuosidade tinha desaparecido; estava feia, e até repugnante.

Ninguém houve que a pudess edesviar do seu proposito: ella foi tomando a mantilha e dispondo-se a sair; rogos, choros, nada a pôde conter.

O Leonardo viu que o caso estava mal parado, e tendo estado até então calado, decidiu-se tambem a pedir a Vidinha que não sahisse. Foi, como se costuma dizer, peor a emenda que o soneto.

— Qual !... responde Vidinha... essa agora é que havia de ser bonita... Qual ! pois eu não hei de sahir ? Tinha que ver... então por pedido do senhor ? Ora qual, . . .

E foi sahindo.

Começava a anoitecer.

A gente de casa ficou toda na maior afflicção; ninguém sabia o que se havia de fazer. O Leonardo tomou a resolução de acompanhar Vidinha a ver se a detinha em caminho.

Vidinha caminhava tão depressa que a principio o Leonardo quasi a perdia de vista; finalmente conseguiu alcançá-la e começou a pedir-lhe que voltasse, fazendo as maiores promessas de comeder-se dali em diante, e de lhe não dar mais motivos de desgosto. Vidinha, porém, a nada attendia e caminhava sempre. O Leonardo recorreu a ameaças; Vidinha redobrou os passos; voltou de novo a rogativas; Vidinha caminhava sempre.

Já estavam no largo do Paço: Vidinha quasi a correr deixou o Leonardo umas poucas de braças atraz de si, entrou muito adiante d'elle pelo portão da ucharia a den-

tro, e desapareceu. O Leonardo parou um instante a resolver-se, se entraria tambem ou não. Finalmente decidiu se a entrar. No momento em que ia transpondo a soleira do portão, voltou repentinamente, e ia disparando uma carreira; uma mão magra, mas vigorosa o deteve agarrando-o pela golla da jaqueta; era a mão do major Vidigal, com quem elle havia esbarrado ao querer entrar, e de quem pretendia fugir. Vendo que lhe seria inutil qualquer tentativa, porque alli perto havia guarda o Leonardo resignou-se. O major olhou para elle soltando uma risadinha maligna, e disse-lhe apenas muito pausada e descansadamente:

— Ora vamos...

O Leonardo entendeu bem a significação daquellas duas palavras e caminhou, ao lado do major, na direcção que este lhe indicára.

XVII

FOGO DE PALHA

Deixemos o Leonardo seguindo o seu destino, acompanhado do major Vidigal, e vamos ver o que se passou na ucharia depois da sua prisão. Vidinha indagou aqui e alli, e lá entrou como um raio pela casa do *toma-largura*. A moça do *caldo*, achando-se nessa occasião descuidada, soffreu um grande susto com a chegada de Vidinha que, conhecendo por instincto ser aquella a causa de seus males, foi largando a mantilha sobre uma cadeira e investindo para ella.

— Venho aqui, disse, para lhe dizer mesmo na cara qu Vm. é uma creatura mesmo sem sentimentos.

A moça não podendo atinar com a significação daquillo, ficou pasma e sem saber o que havia de responder.

Vidinha proseguiu :

— Não t m sentimento; digo lh'o e ninguem me ha de desdizer.

— Vamos ver que diabo de historia é esta bradou uma voz de estrondo.

Era o *toma-largura* que, achando-se nessa occasião e tendo ouvido as duas primeiras apostrophes de Vidinha, chegava para dar fé do que se passava.

Por mais arrogante que fosse a voz do *toma-largura*, por mais ameaçadora que fosse a sua figura quasi herculea, Vidinha não recuou um passo, não desfez uma ruga da testa, antes pareceu mostrar que a sua presença alli favorecia as suas intenções; tanto que dirigindo-se a elle, o foi logo apostrophando tambem pela seguinte maneira :

— E' Vm. um homem que eu não sei para que usa barbas nessa cara...

A surpresa, e mesmo tambem a figura de Vidinha, decomposta pela raiva, desarmaram-o um pouco; e respondeu mais mansamente :

— Então, menina, veio aqui só para dizer cousas assim tão bonitas? Quem a trouxe cá?

— Ora, quem me havia de trazer? respondeu Vidinha em tom de mofa, lançando para a terceira pessoa nagem desta scena um olhar significativo; ora, quem me havia de trazer?... Qual!... eu vim só ver se podia tomar um *caldo*!...

A moça do *toma-largura* empallideceu, este regalou os olhos, e abanou com a cabeça como quem dizia — entendo, — e quiz ficar immediatamente muito zangado com a recordação daquelle facto, que a humildade de sua companheira, e talvez mesmo o seu humor, tinham feito esquecer. Vidinha, porém, para dizer aquellas ultimas palavras tinha serenado um pouco seu semblante e ganhara muito em seus encantos desfigurados até então pela raiva; além disso, ao pronunciar o — qual — do costume, descerrara um ligeiro sorriso, deixando ver seus magnificos dentes.

O *toma-largura* parecia pertencer talvez á familia

dos Leonardos; enterneceu-se immediatamente, e não teve animo senão de sorrir-se e responder em tom desconcertado :

— Ora !...

— Ora, replicou Vidinha : e então, elle não diz — ora? — Qual ! é preciso não ter pinga de vergonha : estas duas creaturas nasceram uma para a outra : Deus os fez e o diabo os ajuntou ; uma toma *caldo* e o outro diz — ora...

E foi tomando a mantilha e tratando de sahir.

Déra tudo em fogo de palha. Ella tinha esperado achar respostas energicas ás suas invectivas e neste pre-supposto concertára mil planos de ataques, de defesa, de gritaria, de pancadas, de prisões, etc. Nada disto, porém, tinha succedido e sem saber porque, ella mesma se sentia um pouco alliviada, quasi até mesmo satisfeita. Deu mais rajadas aos dous ; explicou quem era, mas não disse o que queria. Afinal, sem nada ter feito, sahiu dizendo :

— Ah ! pensavam que a cousa havia de ficar assim ? Disse-lhes poucas, porém boas...

O coração da mulher é assim ; parece feito de palha, acendeia-se com facilidade, produz muita fumaça, mas em cinco minutos é tudo cinza que o mais leve sopro espalha e desvanece.

O *toma-largura*, apenas a viu sahir, em vez de proromper em uma matizada contra sua companheira, como ella o esperava, pallida e tremula, mostrou-se até tranquillo, pretextou um afazer e sahiu tambem immediatamente. Andava-lhe na cabeça um plano, cuja realisação faria, como se costuma dizer, cabir a sopa no mel. Vidinha tinha-o encantado ; o Leonardo o havia offendido ; conquistar, ainda que fosse uma diminuta parcella do amor de Vidinha, seria ao mesmo tempo wingar-se do Leonardo e alcançar o triumpho de um de-

sejo. Por mais impossível que lhe parecesse o negocio, nem por isso esmoreceu : era tenaz e paciente :

Chegando ao portão da ucharia indagou da sentinella a direcção que Vidinha tinha tomado, seguiu por ella e em breve alcançou-a ; acompanhou-a de longe para saber-lhe da morada e viu-a entrar em casa.

XVIII

REPRESALIAS

Quando Vidinha chegou á casa achou ainda toda a familia no maior susto e confusão pelo desatino que ella acabava de praticar ; as duas velhas, ao vê-la entrar, lançaram-se-lhe ao pescoço, e cobriram-a de abraços, de beijos e de lagrimas. Ella estava ainda, porém, sob a influencia das emoções violentas por que acabava de passar, e não pôde corresponder áquellas provas de amizade; atirou-se sobre uma banquinha e levou algum tempo calada, sem dar a menor resposta ás perguntas que lhe eram dirigidas. Esse silencio mais augmentava a anciedade da familia; finalmente resolveu-se ella a rompello, exclamando:

— Pensavam que o caso havia deficar assim? enganaram-se... Qual !... eu quero que fiquem sabendo para quanto presto...

— Então, rapariga, foste fazer alguma asneira...

— Asneira... qual... fiz o que faz qualquer mulher que tem sangue na guelra... E agora venha elle para cá, que temos ainda contas a ajustar...

— E' verdade, e elle que ainda não veio... já tinha tempo de chegar, pois partiu logo no vosso alance...

— E' verdade... accrescentou Vidinha com certo susto; na tal cova da ucharia não entrou elle; e quando de lá sahi não o vi mais...

— Não lhe va ter succedido alguma cousa... O maior jurou !...

— O major !... repetiram todos com signaes do mais visível susto.

E levantou-se de novo em casa a confusão, porque, como os leitores terão visto, apesar dos dissabores que o Leonardo causara áquella familia, todos alli, excepto os dous primos rivaes, queriam-lhe muito e muito bem. Falar a qualquer dos dous primos para que o fossem procurar, era cousa de que ninguem se lembrava, tão certos estavam que elles se haviam de recuar. Tiveram, pois, de esperar que chegassem da rua o antigo sacristão da Sé para darem as providencias precisas.

Os leitores terão talvez estranhado que em tudo quanto se tem passado em casa da familia de Vidinha não, tenhamos falado nesta ultima personagem; temol-o feito de proposito, para dar assim a entender que em nada disso tem elle tomado parte alguma.

Cousa remota e primordial de todos estes acontecimentos, pois foi em consequencia de sua amizade que o Leonardo se juntou a familia; por muito feliz se tem dado em que não tenham cahido sobre elle inculpações de que com difficuldado se poderia defender; homem de tacto, conservára uma posição absolutamente neutral em todas aquellas lutas. Eis aqui, pois, qual a causa do nosso silencio sobre elle.

Infelizmente, naquella noite recolheu-se mais tarde de costume, e quando chegou já não era tempo de fazer cousa alguma. Toda a familia passou a noite na maior anciedade, desvanecidas de certa hora em diante as esperanças de ver chegar o Leonardo a cada momento. Ninguem duvidava mais que alguma cousa tivesse succedido ao Leonardo, e nos quadros medonhos que cada qual imaginava, a figura do major Vitaligal apparecia sempre em primeiro plano; ninguem tambem duvidava que, no quer que fosse que houvesse-

sucedido ao Leonardo, o major teria por força parte activa e importante, senão principal.

Assim, ao amanhecer, do dia seguinte, o primeiro logar o mandaram saber delle foi na Casa da Guarda. Mas, com surpresa geral, elle não se achava nella, nem sabiam noticias suas; procurou-se em diversos outros pontos, e nada de novo, nem novas, nem mandados. Por lembrança de Vidinha foram procurar a comadre, e informaram-a de todo o occorrido: a pobre mulher, que tudo ignorava, poz as mãos na cabeça:

— Aquelle rapaz nasceu em máu dia, disse ella ou então aquillo é cousa que lhe fizeram; do contrario não póde ser.

E poz-se logo a caminho a procurar o afilhado.

Na comadre estavam fundadas todas as esperanças; ninguem duvidava que apenas ella se puzesse na rua, promptamente se saberia o destino do Leonardo. Enganaram-se todos, porque nem a propria comadre foi capaz de dar com elle, por tão bom caminho o tinha levado o major. Passaram muitos dias na mais completa ignorancia a respeito do seu fim; e começaram desde então a apparecer suspeitas de que elle proprio teria talvez interesse em occultar-se, e de que era essa a causa porque ainda o não haviam descoberto. Estas suspeitas tomaram vulto e uma certa indignação começou a apparecer em toda a familia contra semelhante proceder. A indignação cresceu e tomou repentinamente proporções de odio intenso, até da parte das proprias duas velhas.

Realmente, a ser verdade o que pensavam, não haveria ingratitude mais negra do que a de Leonardo para com aquella que tão benignamente o acolhêra. Nas invectivas a cada momento dirigidas contra elle, Vidinha tomava sempre o primeiro lugar, e tinha razão para isso: além de ter contra elle as razões que tinham todos os outros, tinha ainda o despeito do amor offendido. Em

certos corações o amor é assim, tudo quanto tem de terno, de delicado, de fiel, desapparece depois de certas provas, e transforma-se em um incuravel odio.

Uma cousa singular notara Vidinha desde que fôra á ucharia, e é que não se passava depois disto um só dia em que ella não visse pelo menos duas vezes o *toma largura*. Tinha-o ella mostrado á familia, e já todos o conheciam. A principio isso incommodou-a, e tanto mais que elle não passava uma só vez que lhe não tirasse o chapéu com ar risonho : parecia-lhe semelhante cousa uma prova de desbrida falta de vergonha. Mais tarde começou a suspeitar que aquella passagem constante e aquelles cumprimentos deviam por força ter alguma explicação.

Aconteceu que uma das velhas, a mãe de Vidinha, confessasse não ter achado o *toma-largura* mal apesoadado, e esta idéa passou a toda a familia.

Um dia uma das velhas, achando-se na janella com Vidinha, na occasião em que passava o *toma-largura*, disse entre dentes e como que indifferentemente :

— Se fosse commigo, bem sabia eu cá o que havia de fazer...

Vidinha, se bem que não pedisse explicação daquelle dito, não deixou, comtudo, de dar-lhe attenção e de espismar nelle por algum tempo.

No dia seguinte a mesma velha chamou-a para a janella á hora do dia antecedente, e o *toma-largura* passou, como sempre, e fez o seu cumprimento. A velha disse nessa occasião, como completando o seu pensamento da vespera :

— Ora, eu pregava um mono ao tal Leonardo... e então *este* que era bem pregado, por ser ao mesmo tempo aos dous, a elle e a *ella*.

Lendo na intimidade do pensamento da velha, com a nossa liberdade de contandor de historias, diremos

ao leitor, que o não tiver adivinhado, que aquelle— ella—se referia á moça do *caldo*.

Dada esta explicação, os menos perpicazes entenderão sem duvida em que consistia o mono que a velha pregaria ao Leonardo.

Vidinha, que nada tinha de pouco intelligente, comprehendeu tudo ás mil maravilhas, e com tanto mais facilidade, digamol-o aos leitores, quanto talvez que o pensamento da velha correspondesse a seus proprios pensamentos. Repetiram-se depois disto mais algumas indirectas da parte da velha, e Vidinha chegou finalmente a explicações.

Pouparemos aos leitores certos detalhes e diremos que o resultado de tudo aquillo foi ver-se, poucos dias depois, o *toma-largura* em casa de Vidinha fazendo uma visita á familia!...

As visitas continuaram, e pela visinhança começou a ouvir-se um rumor que tinha tanto de malevoló como de verdadeiro.

Estavam as cousas neste pé. A paz tinha sido restituída á familia. Não sei quem propoz que se solemnisasse o restabelecimento do socego e as *novas venturas* com uma sucia para fóra da cidade. Effectuou-se semelhante pensamento. Por uma singularidade escolheram para logar da patuscada os — Cajueiros, — onde a familia tinha feito conhecimento com o Leonardo.

O *toma-largura* fóra convidado, nem podia deixar de sel-o, porque era elle um dos motivos da festa. Infelizmente, porém, tinha elle um defeito: no estado ordinario costumava beber soffrivelmente; quando tinha algum motivo de alegria costumava dobrar a dóse, e quando isto succedia dava-lhe para valentão e desordeiro. Disto resultou que no meio da sucia, na occasião de jantar, deu-se por offendido, não sabemos porque, e começou por agarrar nas pontas da esteira que servia de mesa e fazer voar sobre a cabeça dos convivas pratos,

garrafas, copos e tudo o mais. Os dous primos quizeram contel-o, mas não o conseguiram: Vidinha chorava, as velhas se maldiziam; uns tentavam restabelecer a paz, e outros augmentavam a desordem. Reinava, por consequencia, uma algazarra infernal.

Quando menos o esperavam, viu-se surdir dentre as moitas o major Vidigal, fechando um circulo de granadeiros, que partiam de sua esquerda e de sua direita e que encerrava toda a sucia.

— Segura aquelle homem, granadeiro, disse o major a um dos seus soldados, apontando para o *toma-largura*, que se achava em pé, cambaleando, tendo em uma mão um balaio em que viera a farinha, e na outra uma garrafa, com que ameaçava os circumstantes.

A' ordem do major o granadeiro hesitou: toda a familia, reunindo-se em um grupo, soltou um grito de espanto apontando para o soldado.

— Então! replicou o major vendo aquella hesitação.

O granadeiro deu um passo para o *toma-largura*.

— Devagar com a louça, camarada, bradou este; lembre-se que ainda não ajustamos contas a respeito daquelle caldo...

O *toma largura* acabava de reconhecer no granadeiro o no-so amigo Leonardo, como toda a familia o tinha reconhecido apenas elle appareceu.

Era com effeito elle.

XIX

O GRANADEIRO

Estavam, pois as contas ajustadas completamente entre o Leonardo e o *toma largura*; haviam-se vingado um do outro: o ultimo golpe na lucta competira ao Leonardo: elle abençoou e acaso e mesmo o major Vidigal por lhe ter fornecido occasião de ir arrancar dos labios de seu rival a taça da ventura. Até quasi que estimou que lhe tivessem sentado praça; e bem dissemos

nós que para elle não havia fortuna que não se transformasse em desdita de que lhe não resultasse fortuna.

O *toma-largura*, como dissemos, fôra levado pelo Leonardo ; e os leitores, familiarizados com o destino que tinham todos os prisioneiros do major Vidigal, adivinham já que lhe indicaram o caminho da Casa da Guarda no Largo da Sé. O estado em que elle se achava não permittiu, porém, que o levassem até lá. Os vapores que do estomago lhe tinham subido á cabeça foram-se pouco a pouco condensando, e em meio do caminho pesavam-lhe sobre o cerebro vinte arrobas ; a cabeça não se podendo manter, abandonou-se ao tronco, que, achando o peso excessivo, quiz apellar para as pernas ; estas, porém, não eram mais fortes, e, curvando-se tremulas e bambas, deram com o valentão de ainda a pouco estirado na calçada. Os soldados não o puderam levantar, porque era, como dissemos a principio, de uma corpulencia colossal. Foi mister, pois, abandonar a preza : o major não teve grande difficuldade nisso, primeiro pelo trabalho que daria qualquer outra resolução, segundo porque sendo da ultima classe, sempre era o *toma largura*, gente da casa real, e nesse tempo tal qualidade trazia comsigo não pequenas immunidades.

O Leonardo tentou ainda alguns meios para que lhe não escapasse assim sem resultado mais estrondoso a mais bella preza que fazia, pois era de máu agouro para o seu futuro militar ; mas tambem a sua mais bella vingança estava tomada.

Ficou, pois, o *toma largura* abandonado na calçada.

Satisfaçamos agora, em poucas palavras, a curiosidade que tem sem duvida os leitores de saber como chegára o Leonardo á posição em que se achava. Agarrado pelo major a porta da ucharia, como se sabe, fôra por elle em pessoa conduzido a lugar seguro, donde só sahira para sentar praça no regimento Novo. Todos os batalhões, que havia na cidade, tinha uma companhia

do Regimento Novo; fora o Leonardo escolhido para preencher-a. Sabendo disto o major, reclamou o para o seu serviço (porque era dessas companhias de grana-deiros que se tiravam soldados para o serviço policial) pois como homem experimentado naquellas cousas, presentira que elle seria um valioso auxiliar. Até um certo ponto o major não se enganou. Com effeito o Leonardo, sendo naturalmente astuto, e tendo alli vivido em uma rica escola de vadição e peraltismo, deveria conhecer todas as manhas do officio. Havia, porém, uma circumstancia que o impedia de prestar bons serviços, e era que com elle proprio, com suas proprias façanhas tinha muitas vezes o major de gastar o tempo que lhe era preciso para o demais. O poder dos habitos adquiridos era nelle tal, que nem mesmo o rigor da disciplina lhe servia de barreira.

Contemos a primeira diabrura que lhe lembrou praticar depois que vestiu farda, e que foi tanta mais sensível quanto a principio se mostrára um soldado por tal maneira sisudo, que ia quasi adquirindo reputação de rigido.

Os gaiatos e suciantes da cidade, a quem o major Vidigal dava constantemente caça, lembraram-se de immortalisar as suas façanhas por qualquer meio, e inventaram um fado com o seguinte estribilho nas cantigas :

«*Papae lelé, seculorum.*»

Nesse fado a personagem principal representava o major, que, figurado morto, vinha entender-se amortalhado no meio da sala; as demais personagens cantavam-lhe em roda cantigas allusivas, que terminavam todas pelo estribilho que acima indicamos.

O major, que disto soubera, andava em busca de uma occasião opportuna para tirar destorra de semelhante gracejo, que dava a entender qual era, a seu respeito, o desejo dos que o tinham inventado. Teve

um dia deauncia de que em uma casa do morro da Con-
ceição se preparava para essa noite um rigoroso — *Papae lélé*, — e dispoz as cousas para pilhar os da roda
em flagrante.

A' hora opportuna, mandou dous ou tres granadei-
ros adiante, cada um por sua vez, para examinarem o
que havia, tendo combinado primeiramente um signal
positivo e outro negativo para indicarem uns aos ou-
tros se havia ou não occasião e motivo de dar o assal-
to: a estes signaes o granadeiro que devia approximar-
se mais da casa communicaria ao que lhe ficasse
immediato, este passaria adiante, o outro faria o
mesmo até chegar ao lugar em que estava o major; era
um verdadeiro systema de sentinellas avançadas, como
se se tratasse de uma grande campanha. No caso de ser
dado o signal positivo, marchariam todos vagarosa-
mente e se reuniriam para o assalto; dado o signal ne-
gativo, dispersar-se-iam em silencio, porque um dos
maiores caprichos do major era nunca mostrar que ha-
via sido logrado. Ao Leonardo coube a incumbencia
de ser a vedeta mais proxima ao inimigo, e de dar o
primeiro signal. Marchou, pois, adiante e os compa-
nheiros postaram-se á espera. Esperaram por longo
tempo e cansaram de esperar; finalmente, quando já
se iam dispondo a contravir ás ordens e abandonar o
posto para procurar o Leonardo, ouviram tres vezes se-
guidas um longo assovio, que o signal negativo conven-
cionado. Em virtude disto dispersaram-se exasperados
e foram depois reunir-se ao major embaixo da ladeifa,
no lugar que dá para a entrada do Aljube. Ahi reu-
nidos, esperaram muito tempo pelo Leonardo sem que
elle apparecesse. O major principou a scismar com o
caso; de novo e repentinamente deu ordem de subir o
morro. Subiram com effeito, e marchando desta vez o
major adiante, foram ter á casa indicada. Com surpre-
za de todos, apenas se foram approximando, viram

luzes e ouviram o zum-zum das violas e a toada das cantigas. Fervia dentro o fado rigoroso. Sem necessitar grandes precauções, porque todos pareciam entregues á maior segurança, cercou o major a casa e apanhou tudo, como se costuma dizer, com a bocca na botija. Estavam exatamente no ponto solemne da cerimonia.

Achava-se a personagem que representava o *Papae* amortalhada em um lençol, com a cabeça coberta, deitado no chão, e a chusma em roda a cantar e a dansar.

Quando o major bateu e foi entrando, acompanhado de sua gente, ficou tudo gelado de medo; o sujeito que se achava amortalhado teve um grande estaemeção, e ficou depois immovel, como se fosse uma pedra, representando com mais propriedade do que talvez desejasse o papel de morto. Segundo seu costume, o major fez continuar por um pouco a brincadeira em sua presença. Depois, começou a indagação das occupações de cada um, e, conforme o colhia, os foi mandando embora, ou pondo de parte, para lhes dar melhor destino. Durante toda esta scena, que levou seu tempo, o amortalhado deixou-se ficar immovel, na mesma posição com a cabeça coberta. Corrida a roda, disse-lhe o major:

— Olá, camarada da mortalha, então deverás você quer que o levem dahi para a cova?

Nem um movimento em resposta.

— Ah! está morto, perdeu a fala, é natural.

Silencio profundo.

O major fez signal a um dos granadeiros, que tocou no sujeito com a ponta do camarão; nem assim, porém, elle sequer moveu-se. A novo signal do major o grana-deiro desandou-lhe uma tremenda lambada. Resuscitou com isso o morto, e poz-se de um salto em pé. Procurou, porém, evadir-se por uma janella, conservando

sempre a cabeça coberta: os granadeiros seguraram-o, e o major disse-lhe:

— Homem, você por estar morto não tenha tanta pressa de ir para o inferno: fale primeiro com a gente.

E tirando-lhe o panno da cara accrescentou:

— Ora vamos ver a cara do defunto...

Um grito de espanto, acompanhado de uma gargalhada estrondosa dos granadeiros, interrompeu o major. Descoberta a cara do morto, reconheceu-se ser elle o nosso amigo Leonardo!...

XX

NOVAS DIABRURAS

Não sabemos se valeu ao Leonardo ser aquella a primeira occasião em que incorria em castigo, tendo até então guardado a mais rigorosa observancia de todos os seus deveres, ou se a mesma audacia do facto lhe granjeára mais as sympathias do major; o caso foi que além das risadas, dos remoqueos dos camaradas e dos transeos da meia hora que estivera amortalhado, nada mais lhe succedeu, com espanto de todos, e principalmente d'elle mesmo: o major déra daquelle modo uma grande prova de desusada benevolencia. Andou pois o Leonardo por alguns dias cabisbaixo e pensativo, como esmagado ao peso de grandes remorsos; os camaradas tiravam daquillo um partido immenso para metterem á bulha, e não o deixavam parar um só instante socegado na companhia.

— Elle ainda não está bem resuscitado, dizia um passando-lhe por perto.

— Qual! dizia outro, elle já não é deste mundo.

— *Papae lelé seculorum*, entoavam outros em côro.

A nenhuma destas cousas dava elle a menor resposta, e tinha nisso bom aviso, porque desse modo poupava aos desapiedados camaradas thema para novos remo-

ques. Passados aquelles transe, tudo foi esquecido e as cousas entraram de novo em seus eixos ordinarios.

Um dia o major annunciou que tinha uma grande e importante diligencia a fazer.

Havia um endiabrado patusco que era o typo perfeito dos capadocios daquelle tempo, sobre quem ha muitos mezes andava o major de olhos abertos, sem que entretanto tivesse achado occasião de pilhal-o: sujeitinho cuja occupação era uma indecifavel adivinhação para muita gente, sempre andava, entretanto, mais ou menos apatacado: tudo quanto elle possuia de maior valor era um capote em que andava constantemente embuçado e uma viola que jamais deixava. Gozava reputação de homem muito divertido, e não havia festa de qualquer genero para a qual não fosse convidado. Em satisfazer a esses convites gastava todo o seu tempo. Ordinariamente amanhecia em uma sucia que começara na vespera, uns annos, por exemplo: ao sahir dahi ia para um jantar de baptisado; á noite tinha uma ceia de casamento. A fama que tinha de homem divertido e que lhe proporcionava tão bellos meios de passar o tempo, devia-a a certas habilidades, e principalmente a uma, na qual não tinha rival. Tocava viola e cantava muito bem. modinhas, dansava o fado com grande perfeição, *lava lingua de negro* e nella cantava admiravelmente, fingia-se aleijado de qualquer parte do corpo com muita naturalidade, arremedava perfeitamente a voz dos meninos da rua, sabia milhares de adivinhações, finalmente, — eis aqui o seu mais raro talento, — sabia com rara perfeição fazer uma variedade infinita de caretas que ninguem era capaz de imitar. Era por consequencia as delicias das espirituosas sociedades em que se achava. Quem dava uma sucia em sua casa, e queria ter grande roda e boa companhia, bastava somente annunciar aos convidados que o Theotonio (era este o seu nome) se acharia presente.

Agora, quanto á sua occupação ou meio de vida, que para muitos era, como dissemos, impenetravel segredo, o major Vidigal tanto fez que a descubriu: em dias designados da semana reunia-se no sotão, onde elle morava, certo numero de pessoas que levavam até alta noite ahi mettidas: Theotonio era o banqueiro de uma roda de jogo.

Nesta conformidade andava o major a querer pilhal-o em flagrante; e como tentava isso desde muito, sem que o pudesse conseguir, por ser sempre illudida a sua vigilância pela troca constante que faziam os da roda dos seus dias de reunião, resolveu pôr a mão no Theotonio na primeira occasião e servir-se depois d'elle para a captura dos outros companheiros.

Como os leitores estarão lembrados, o Leonardo velho, isto é, o Leonardo-Pataca, vivia com a filha da comadre; della tinha um descendente, a cujo nascimento nós os fizemos assistir. Pois apezar de haver já passado algum tempo, a creança ainda não estava baptisada. O Leonardo-Pataca, a instancias da comadre, que muito se affligia com aquella demora, determinou, finalmente, o dia em que ella se devia fazer christã. Segundo os habitos immutaveis, havia sucia por essa occasião; e, segundo a moda, foi o Theotonio convidado. O major soubera de tudo e era exactamente ahi que o esperava. Tinha determinado pilhal-o. Para isso dera aos seus soldados o aviso de que acima falamos.

Era má sina do major ter sempre de andar desmanchando prazeres alheios; e infelicidade para nós, que escrevemos estas linhas, estarmos cahindo na monotonia de repetir quasi sempre as mesmas scenas com ligeiras variantes: a fidelidade, porém, com que acompanhamos a época, da qual pretendemos esboçar uma parte dos costumes, a isso nos obriga.

A' hora ajustada, chegou o major á casa do Leonardo-Pataca; como não havia o menor motivo para vio-

lencias, porque tudo corria na mais perfeita paz, o major entrou sózinho, com prévia permissão do Leonardo-Pataca, e assistiu ao divertimento. Quando elle chegou estava exactamente Theotonio em scena com as suas habilidades. Tendo esgotado já todas ellas, ia recorrer á ultima, que era a das caretas. E' preciso notar que elle não sabia só fazer caretas a capricho, sabia-as tambem fazer imitando, pouco mais ou menos, esta ou aquella cara conhecida: era isso o que fazia morrer de riso aos circumstantes.

Estavam todos sentados, e o Theotonio em pé no meio da sala olhava para um, e apresentava uma cara de velho; virava se repentinamente para outro, e apresentava uma cara de todo a rir-se asnaticamente; e assim por muito tempo, mostrando de cada vez um typo novo. Finalmente, tendo já esgotado toda a sua arte, correu a um canto, collocou-se em posição em que pudese ser visto por todos ao mesmo tempo, e apresentou a sua ultima careta. Todos desataram a rir estrondosamente apontando para o major.

Acabava de imitar com muita semelhança a cara comprida e chupada do Vidigal.

O major mordeu os beiços, percebendo a caçada do Theotonio; e se já tinha boas intenções a seu respeito, ainda as formou melhor naquella occasião.

As risadas continuaram por muito tempo; e elle, não podendo affrontal-as impassivel, e não havendo, como já fizemos sentir, motivo justo para um rompimento, achou mais conveniente, esperar que a sucia se debandasse, para então convidar o Theotonio a ir fazer algumas caretas aos granadeiros na Casa da Guarda.

Sahiu, pois, completamente corrido.

Encontrando os seus granadeiros, que tinham ficado pouca distancia, dirigiu-se ao Leonardo e fez-lhe sentir que, querendo a todo o custo naquella noite segurar o Theotonio, temia que os de casa desconfiassem disso e

lhe dessem escapula por qualquer meio: era-lhe, pois, mister uma pessoa que o fosse vigiar de perto sem que despertasse suspeitas: essa pessoa devia ser o Leonardo.

— Sou mal visto em casa de meu pae, replicou este á proposta do major.

— E' hoje um bom dia de conciliação...

— Talvez não queiram receber-me.

— E sua madrinha que lá se acha?...

— Mas a filha que é uma vibora contra mim?...

— Vibora ou não, ha de ir; que quando manda a disciplina... Não quero que aquelle valdevinos ande to-mando impunemente a minha cara para original de caretas.

Os granadeiros, que conheciam o Theotonio e lhe sabiam da habilidade, comprehenderam logo o que tinha succedido por aquelle dito do major e desataram por seu turno a rir. O Leonardo, por aquelle appello á disciplina, com a qual não se achava em muito bom pé de relações desde a noite do *papae-lelé*, venceu todas as difficuldades e repugnancia que manifestára no desempenho da missão de que o encarregára o major, e poz-se a caminho para a casa de seu pae.

Chegou e bateu: assim que de dentro lhe perceberam as côres da farda e barretina houve um grito de medo e, por um movimento que parecia combinado (o major tinha razão!) foram repentinamente apagadas todas as velas da sala, e começou a reinor uma confusão tal, que parecia haver-se travado uma lucta entre todos.

O Leonardo viu nisso uma primeira contrariedade, porém não deixou de achar graça no susto que causára. Resolveu então falar da parte de fóra para tranquillisar os medrosos.

— Bom modo de ser recebido um filho em casa de seu pae! Para quarta-feira de trevas só lhe faltam as matracas...

A comadre, que ouvira e reconhecera a voz do afilhado, desatou a rir, exclamando :

— Vejam que logro ! é o Leonardo ; tragam as velas gente, não ha novidade que o cabo da guarda é nosso compadre.

— Aquelle brejeiro, resmoneou o Leonardo velho, sempre ha de andar a fazer das suas ! vejam que susto causou a toda essa gente... O' amigo Theotonio, desça, que não ha novidade...

A' luz da primeira vela que traziam, viu-se descer por uma porta o Theotonio, do forro do quarto da sala, onde se havia escondido.

Apenas poz o pé em terra fez logo uma careta de modo por tal fórma expressiva, que houve em todos uma tremenda explosão de hilaridade. Começou a surdir gente de diversos cantos da casa, e em presença do Leonardo recomeçou a folia.

Algumas pessoas não deixaram de estranhar e receiar a presença do Leonardo naquella occasião e naquelles trajés, logo depois da sahida do major ; porém a comadre a todos tranquilizou, dizendo que, tendo elle obtido licença no quartel, por não estar de serviço naquella dia viera assistir ao batizado da irmã.

— Elle é meio doudo, repetia ella a todos, mais é muito amoroso e nunca se esquece da familia.

Leonardo confirmava esses protestos da comadre, e ia entretanto, tomando parte na brincadeira, uma vez que contra as suas esperanças todos o haviam recebido bem em casa. A proporção que se ia esquentando no prazer do fado e das cantigas, começou o Leonardo a sentir a remorços pelo papel de judas que alli estava representando : quando olhava para o Theotonio, que desde que entrára lhe havia feito dar tão boas risadas, pungia-lhe o coração lembrando se que elle proprio o havia de entregar ao major. Não poucas vezes lhe passou pela

cabeça dar-lhe escapula, avisando-o; porém, a disciplina, o *papae te lé*, vinham-lhe a idéa e hesitava.

Emquanto era, assaltado por estes pensamentos, olhava repetidas vezes para o Theotónio.

Este que nada tinha de tolo, desconfiou da cousa; não sabemos porque instincto leu o que pensava o Leonardo e poz-se em guarda.

O Leonardo tomou repentinamente sua resolução.

— Ora, adeus disciplina, disse comsigo; hei de dar escapula ao homem, seja lá como for.

E do logar em que estava accrescentou alto:

— Ah! senhor Theotónio, quer saber uma cousa? pois se puzer o pé daquella porta para fóra, o major põe-lhe a unha, que para isso está elle a sua espera e para aqui me mandou...

— O' diabo! exclamaram todos.

— Mas nada de sustos tudo se ha de arranjar, que tenho eu boa vontade disto.

— Mas não te compromettas, rapaz, accrescentou a comadre ao ouvido do Leonardo; olha que o major não é de graças, e dahi te pode vir mal.

Ora tenho pena delle só por aquellas caretas.

Juntaram-se então os dous, e Leonardo e Theotónio concertaram o seu planode modo que este escapasse ao major e que aquelle não ficasse compromettido.

Estava já a noite muito adiantada, ordenaram os dous que sahisses ao mesmo tempo muitos convidados, e o Leonardo, partindo adiante delles, foi correndo ter com o major.

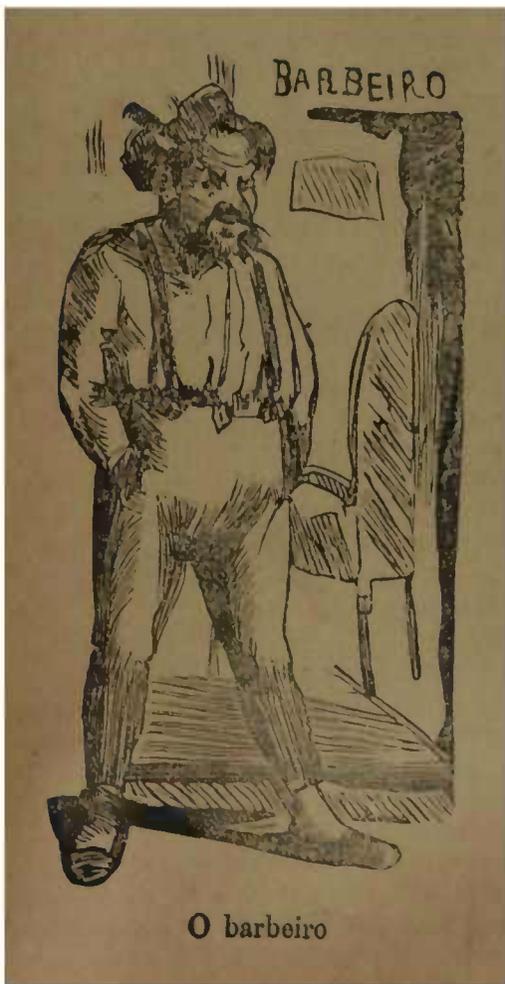
— Ahi vem o bicho, sr. major.

— Cérca, cérca! disse o major.

E cada um se dividiu para o seu lado.

O major collocou-se á porta de um corredor, e poz-se de olho alerta.

Veio-se approximando ao major um vulto assobiando tranquilamente o estribilho de uma modinha. Quando



O barbeiro

se achou em pequena distancia o major deu um salto donde estava e segurou-o.

Um ai franzino se fez ouvir, acompanhado de um:

— Me largue ! Que é isto?

O major prestou attenção, não tendo reconhecido a voz do Theotónio, e viu que tinha segurado em um pobre corcunda, aleijado, ainda em cima, da perna direita e do braço esquerdo.

— Ora vá-se para o inferno, disse o major ; sume-se daqui. Também não sei o que andam fazendo a estas horas pelas ruas estas figuras.

O aleijado safou-se apressadamente livre do susto e lá foi, continuando a assobiar o seu estribilho.

Fez-se depois disto o mais profundo silencio, e o major não viu mais passar senão os convidados da patuscada não vendo entre elles o Theotónio.

Então ardeu com o caso; e, reunindo os granadeiros disse para o Leonardo:

— Elle não sahiu...

— Sahiu, replicou este; até de jaqueta branca e chapéu de palha: eu o vi tomar alli para a porta onde estava o sr. major.

— De jaqueta branca e chapéu de palha? perguntou o major.

— Sim, senhor, e de calça preta; não o peguei porque logo vi que não havia de escapar ao sr. major.

— Ah! patifa, patife, resmungou: destas nunca levei... Era o corcunda, o aleijado...

— Elle sabe fazer muito bem de corcunda e de aleijado, disse um dos granadeiros; já o vi uma vez fazer isso, que era mesmo tal e qual...

— Era com effeito o Theotónio o aleijado que o major tinha segurado.

O Leonardo ria-se ás furtadellas do logro que levára o major.

Não tardou, porém, muito tempo que lhe não amargasse aquelle prazer, vindo o major a saber que tudo aquillo se fizera de combinação com elle.

XXI

DESCOBERTA

E' muito antigo dizer-se que ha uma cousa ainda peor do que um inimigo, e é um máu amigo. Um dos convidados do Leonardo-Pataca diz-se muito amigo do Theotónio, e pelo empenho que o Leonardo mostrára em livral-o das garras do major, protestara desde logo repartir com elle parte dessa amizade, sem que nenhum dos dous ficasse prejudicado. Poucos instantes depois desse protesto deu logo a primeira prova de que estava disposto a cumpril-o.

Emquanto se passavam as scenas que acabamos de descrever, tinha amanhecido : o major e sua gente punham-se em retirada ; ainda se achavam, porém, nas immediações do lugar onde se havia feito a tentativa para prender o Theotónio, quando o tal amigo, á quem nos referimos, que fora um dos ultimos a retirar-se, encontrando a patrulha e vendo que o Theotónio não ia no meio della, concluiu que os planos haviam sortido bem, e que o major ficára desta vez logrado. Teve por isso um accesso de alegria : esquecendo a presença do major, correu ao Leonardo, abraçou-o, exclamando com arrebatado impeto :

— Bravo ! Como estas não fazes duas em toda a tua vida ; foi limpa ; *elle* ha de ficar-te obrigado para sempre e eu com *elle*, porque sou seu amigo e teu tambem !

O Leonardo ficou estatico diante de semelhante imprudencia. O major, que ia cabisbaixo, pensando no logro que acabara de levar, voltou-se repentinamente ; a palavra *elle*, proferida pelo terrivel amigo, abriu a luz dos olhos. O Leonardo foi tirado do torpor em que

se achava pelo voz do major a dizer-lhe compassadamente :

— Recolha-se preso ao quartel.

A esta sentença, o Leonardo ergueu do fundo da alma tudo quanto havia ahí de despeito, de rancor e lançou um olhar sobre o imprudente que a havia provocado e que, ainda muito senhor de si, lhe apertava desapiudadamente a mão, que parecia não estar disposto a largar tão cedo.

Deixemos agora o Leonardo, victima de sua dedicação, caminhar preso para o quartel, e passemos a outras cousas. Ha muito tempo que não falamos em D. Maria e na sua gente. Saibam os leitores que, passada a lua de mel, em que tudo foram rosas, o nosso José Manoel puzera, como se costuma dizer, as mangas de fóra, e taes cousas fez, que em poucos mezes estava tudo em guerra aberta : tinha-se elle com sua mulher Luizinha mudado de casa de D. Maria, e por causa de dote vae, dote vem, herança daqui, herança dalli, havia-lhe D. Maria proposto uma acção por tal sorte complicada, que era de desconfiar que não bastassem para ver-lhe o fim os dias que restavam de vida á pobre velha.

Tinha-se José Manoel tornado para Luizinha um verdadeiro marido-dragão, desses que só aquelle tempo os conta tão perfectos, que eram um supplicio constante para as mulheres. Depois que se havia mudado de casa de D. Maria, nunca mais Luizinha vira o ar da rua senão ás furtadellas, pelas frestas da rotula : então chorava ella aquella liberdade de que gozava outr'ora ; aquelles passeios e aquellas palestras á porta e noite de luar ; aquelles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com o seu rancho de creoulinhas atras, as visitas que recebiam, e o Leonardo de quem tinha saudades, e tudo aquillo ; emfim, a que não dava nesse tempo muito apreço, mas que agora lhe parecia tão bello e tão

agradavel. Tendo-se casado com José Manoel, para seguir a vontade de D. Maria, votava a seu marido uma enorme indiferença, que é talvez o peor de todos os odios.

Pois a vida de Luizinha, depois de casada, representava com fidelidade a vida do maior numero das moças que então se casavam : era por isso que as Vidinhas não eram raras e que poucas familias havia que não tivessem a lamentar um desgostozinho no genero do que soffreu aquella pobre familia, que indo ao Oratorio de Pedra viera dizimada para casa, e cuja historia serviu de thema ás intrigas da comadre, quando quiz pôr a José Manoel fóra do lance.

Ora, é claro que tendo D. Maria ficado um pouco seria com a comadre por causa de toda aquella intriga que precedera o casamento de José Manoel com sua sobrinha, agora, que estava com este de candêas ás avessas, se reatasse o laço da amizade que por um pouco afrouxara : succedia assim com effeito.

Um dia as duas encontraram-se na missa, tornaram-se falar; as desgraças do Leonardo, que fizeram thema a essa conversação, enterneceram D. Maria, que por seu turno tambem referiu á comadre tudo quanto succedia á pobre Luizinha.

— Ai, senhora ! dizia a comadre referindo-se a José Manoel, parece que me roncava cá o quer que seja quando via aquella maldito; arrenego do homem que é um valdevinos ás direitas. Aquillo ha de levar a pobre menina á sepultura. Coitada ! bem criada e mal fadada !

— Nunca pensei, creatura, nunca pensei que succedesse tal... Mas aquillo como era finorio ! que palavrinhas doces ! que santidade aquella ! Agora, senhora, agora sou eu capaz de acreditar na historia da moça furtada no Oratorio da Pedra; elle tem bofes para tal... Mas hei de me ver vingada, oh ! se hei de ! tão certo

como estar eu aqui; os desembargadores lá estão, que me hão de dar esse gosto; espero isso em Deus.

Desta conversa e do mais que se seguiu, nasceu a conciliação das duas.

Quando certas amizades são uma vez interrompidas, tendo mesmo soffrido um leve estremecimento, é difficil que voltem depois do estado primitivo; com outras amizades acontece, porém, o inverso; os estremecimentos aproveitam, porque é facil a volta da paz, e parece que depois disto se tornam mais estreitas. A amizade que existia entre D. Maria e a comadre era deste ultimo genero. Portanto, depois daquella conversa na missa, não só voltaram as relações eutre as duas ao seu primitivo estado, como se tornaram mais que nunca solidas. Dahi em diante não houve um só segredo entre as duas que não fosse mutuamente communicado, e elle fizeram pacto de se ajudarem reciprocamente para dar remedio, uma aos males da sobrinha, outra ás diabruras do afilhado.

O Leonardo, como dissemos, achava-se preso; fizera disso sciente á madrinha, que se pôz logo em alvoroço, não só pelo facto em si, como pelo generoso motivo que o havia occasionado. O primeiro passo que tiveram a dar as duas, D. Maria e a comadre, em virtude do seu pacto, foi tratar de alcançar a soltura do Leonardo, e livral-o do mais que (sabe Deus) lhe estaria preparado.

XXII

EMPENHOS

O primeiro passo que deu a comadre foi dirigir-se á casa do major a entecerder pelo Leonardo; o major, porém, mostrou-se inflexivel: o caso era grave, já não era o primeiro; a disciplina não podia ser impunemente offendida mais de uma vez; o castigo devia ser infalivel e grande. A comadre, que fôra cheia de boas

esperanças, soube pelo major o que o ignorava, o que nem mesmo suppunha: o Leonardo não só ficaria por mais tempo preso, como teria de ser chibatado... A pobre mulher, apenas declarou isto o major, cahiu de joelhos, chorou, lamentou-se; tudo, porém, debalde. Sahi desesperada e com a mantilha cahida, toda em desalinho, correu, voou á casa de D. Maria. Ao vel-a entrar naquelle estado, D. Maria ergueu-se da sua banquinha e largou a almofada da renda.

— Que tendes, creatura? que tendes? exclamou Santo Christo! o que é? Fala!

— Ai, sra. D. Maria do meu coração! Que desgraça! respondeu a comadre; que má sina do rapaz... Ora veja o que lhe succede por ter feito uma boa acção!... E eu que soffro e que sinto como se fosse meu filho...

E os soluços a suffocaram.

— Fale, senhora, replicou D. Maria; fale, que me põe em uma afflicção...

— Vae apanhar, D. Maria... vae apanhar de chibata... elle... o Leonardo...

— Meu Deus, pobre rapaz: ora vejam tudo em que deu; é sina, coitado! Aquelle rapaz não nasceu em bom dia, não, comadre; isso sou eu capaz de jurar pela salvação da minha alma... Mas não falou com o major? Que lhe disse elle?

— Duro como uma pedra, senhora; a nada se moveu: pedi-lhe pelas Cinco Chagas, pela Senhora Santissima... tudo em balde, tudo em vão.

— Está bom, não se affija, comadre; ainda ha um meio que eu penso que não ha de falhar; vamos á casa *della*, que por lá é caminho certo; ella dá-se muito commigo, ha de pedir pelo moço.

— Já me tinha lembrado disso; mas, na tribulação em que vinha, tornou-me a esquecer; se com ella não se arranjar alguma cousa... está tudo perdido.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é *ella*,

e têm razão ; vamos já satisfazel-os. O major era peccador antigo e, no seu tempo, fôra daquelles de quem se diz que não deram o seu quinhão ao vigario : restava-lhe ainda hoje *alguma cousa* que ás vezes lhe recordava o passado : essa *alguma cousa* era a Maria Regalada que morava na Prainha. Maria-Regalada fôra no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgarmente se diz ; era de um genio sobremaneira folgazão, vivia em continua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria, fazia o por muito tempo e com muito gosto : dahi é que vinha o appellido—*regalada*—que haviam juntado ao seu nome.

Isto de appellidos, era no tempo desta historia uma cousa muito commum ; não estranbem, pois, os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse appendice ao seu nome.

Dizem todos, e os poetas juram e tresjuram, que o verdadeiro amor é o primeiro ; temos estudado a materia e acreditamos hoje que não ha que fiar em poetas : chegamos, por nossas investigações, á conclusão de que o verdadeiro amor, ou são todos ou é um só, e neste caso não é o primeiro, é o ultimo. O ultimo é que é o verdadeiro, porque é o unico que não muda. As leitoras que não concordarem com esta doutrina, convençam-me do contrario, se são dis-so capazes.

Isto tudo vem para dizermos que Maria-Regalada tinha um verdadeiro amor ao major Vidigal ; o major pagava-lh'o na mesma moeda. Ora, D. Maria era uma das camaradas mais do coração de Maria-Regalada. Eisahi porque, falando *della*, D. Maria e a comadre se mostraram tão esperançadas a respeito da sorte do Leonardo.

Já naquelle tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho e o compadresco eram uma mola real de todo o movimento social.

— Vae mandar apromptar a cadeirinha, disse D. Maria a uma das suas escravas.

— Vamos, senhora, vamos; que isto são os meus peccados velhos.

D. Maria apromptou-se, metteu-se na sua cadeirinha; a comadre tomou a mantilha e partiram para a Prainha.

Maria-Regalada recebeu-as com uma boa risada.

— Que milagre de Santa Engracia! que fortuna! que alegãro! O que a traz por aqui? Isto é grande novidade!

— E' verdade, sim, respondeu D. Maria, porém triste novidade.

Com as honras do estylo, que não eram muitas naquelle tempo, foi a comadre apresentada, porque não era conhecida de Maria-Regalada. Primeiro, D. Maria, depois a comadre, contaram, cada uma por sua parte, a historia do Leonardo com todos os detalhes e depois de innumerados rodeios, que puzeram á arder a paciencia da ouvinte, e quasi a fazerem morrer de curiosidade, chegaram finalmente ao ponto importante, ao motivo que alli levára: queriam nada menos do que a soltura e perdão o Leonardo, e contavam, para alcançar semelhante cousa, com a influencia da Maria-Regalada sobre o major.

— Ora, disse esta, tomando um ar de modestia; eu já não presto para nada... isso era bom em outro tempo... agora... o major... as cousas estão mudadas, D. Maria... depois que elle se metteu na policia, nem mais, nem hontem... quem sabe o que por lá vae!... Mas, emfim, D. Maria, eu não sei dizer que não, tenho o coração assim, e sempre tive... no meu muita gente se aproveitou disto... Eu farei o que puder; vou falar-lhe... talvez que elle me queira attender...

— Ha de attender, ha de, respondeu a comadre;

elle já não está tão velho que se [tenha esquecido de todo do tempo de dantes.

— Veremos, veremos. A sra. comadre sabe lá o que são homens ? !

— Diga-me a mim... se sei [... acudiu esta promptamente.

— Mas então, atalhou D. Maria, o negocio requer toda a pressa, porque de um instante para outro podem chegar a farda ao corpo do pobre rapaz e depois nem S. Antonio a tira.

— Não ha de haver novidade; ainda havemos de chegar a tempo, com a graça de Deus. Para maior segurança, vamos todas tres daqui á casa do major e cada uma por seu lado fará tudo para livrar o moço.

Maria-Regalada vestiu-se á pressa, tomou a sua mantilha e, ao lado da cadeirinha em que ia D. Maria, partiram para a casa do major.

XXIII

AS TRES EM COMISSÃO

Partiram, pois, as tres para a casa do major, que morava então na rua da Misericordia, uma das mais antigas da cidade. O major recebeu-as de rodaque de chita e tamancos, não tendo a principio supposto o quilate da visita; apenas, porém, reconheceu as tres, correu apressado á camarinha vizinha, e envervou o mais depressa que pode a farda; como o tempo urgia e era uma incivildade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo á sala de farda, calças de enfiar, tamancos, e um lenço de Alcobaça sobre o hombro, segundo seu uso. A comadre, ao vel-o assim, apezar da afflicção em que se achava, mal pode conter uma risada que lhe veiu aos labios. Os cumprimentos da recepção passaram sem novidade. Na atropellação em que entrara o major, a comadre enxergou logo um bom agouro para o resultado

do seu negocio. Accrescia ainda em seu favor que o major guardava na sua velhice doces recordações da mocidade, e apenas se via cercado por mulheres se era em um lugar publico e em circumstancias em que a disciplina pudesse ficar lesada, tornava-se um babão, como se poderia encontrar segundo no velho Leonardo. Se estas lhe davam então no traco, se lhe faziam um elogio, se lhe faziam uma caricia, por mais estupidamente fingida que fosse, arrancavam delle tudo quanto queriam; elle proprio espontaneamente se offerencia para o que podiam desejar, e ainda em cima ficava muito obrigado. Comtudo, posto que a comadre soubesse já desta circumstancia com anticipação, ou o presentisse pelas apparencias a gravidade do negocio de que se tratava era tal, que nem isso bastou para tranquillisa-la. Dispoz-se para o ataque, ajudada por suas companheiras que, apezar de mais estranhas á sorte do Leonardo; nem por isso se ligavam menos á sua causa. Houve um momento de perplexidade para decidir-se quem seria o orador da commissão. O major percebeu isto e teve um lampejo de orgulho por ver assim tres mulheres confundidas e atrapalhadas diante de sua alta pessoa; fez um movimento como para animal-as, arrastando, sem querer, os tamancos.

— Oh! de tamancos e farda! não está má...

— Senhoras donas, cousas de velho; no meu tempo não fazia eu destas.

— D. Maria que o diga, acudiu logo a comadre referindo-se a Maria-Regalada, e querendo fazer brecha, fosse por onde fosse; mas não importa, o negocio é outro...

— E' verdade, sr. major, o bom tempo já lá foi.

— E Deus perdôe a quem delle tem saudades, retorquiu o major rindo-se com um riso rugoso de velha sensualidade...

— Sim, sim, tornou a Maria-Regalada; mas deixe essas cousas todas para logo.

— Ai, creatura! acudiu D. Maria, que até então estivera calada, cansada talvez do numero prodigioso de measuras que fizera ao entrar; deixae cada um lembrar-se do seu tempo, isto consola; eu cá por mim gosto bem quando acho...

— E' como eu, respondeu o major; em se me tocando cá nas feridas antigas...

— Pois é mesmo por me lembrar destas feridas antigas, atalhou a Maria-Regalada, que venho aqui com estas senhoras donas, que o sr. major bem conhece; e se não foram ellas cá não viera, pois o negocio é serio...

A comadre achou occasião bem apanhada, e fez com a cabeça um signal de approvação.

— Vamos lá ver o que é o tal negocio serio, respondeu o major atinando, presença da comadre, pouco mais ou menos com o que era, e pelo que fez um signal duvidoso com a cabeça, ou para fazer-se de bom, ou porque realmente não quizesse abrir largas esperanças.

A interlocutora proseguiu:

— O seu granadeiro Leonardo é um bom rapaz.

O major arqueou franzindo as sobracelhas, e repuxou os beiços, como quem não concordava *in totum* com aquillo...

— Não me comece já com cousas, sr. major. Pois é, sim, senhor; muito bom rapaz, e não ha razão para ser castigado por causa de uma cousa nenhuma que fez... Isso não é razão, não senhor, para se mandar tocar de chibata um moço que não é nenhum valdevinos; pois o sr. major bem sabe que o padrinho, quando morreu, deixou-lhe alguma cousa, que bem lhe podia estar já nas mãos e elle, por isso, livre da maldisa farda a quem sempre tive zanga (menos de uma que bem se sabe), se o pae que tem... mas deixemos o pae que não vem nada ao caso...

— Já sei de tudo, já sei de tudo, atalhou o major.

— Ainda não sr. major, observou a comadre, ainda não sabe do melhor, e é que o que elle praticou naquella occasião quasi que não estava nas suas mãos. Bem sabe que um filho na casa de seu pae...

— Mas um filho quando é soldado, retorquiu o major com toda gravidade disciplinar...

— Nem por isso deixa de ser filho, tornou D. Maria.

— Bem sei, mas a lei?

— Ora, a lei. o que é a lei, se o sr. major quizer?...

O major sorriu-se com candida modestia. A discussão foi-se assim animando; porém, o major nada de ceder até pelo contrario parecia mais inflexivel do que nunca; chegou mesmo a pôr se em pé e a falar muito exaltadamente contra o attentado do Leonardo e a necessidade de um severo castigo. Era engraçado vel-o no bonito uniforme que indicamos, de pé, fazendo um sermão sobre a disciplina, diante daquellas tres ouvintes tão incredulas que resistiam aos mais fortes argumentos.

Ainda, porém, não tinham as tres esgotado contra elle o seu ultimo recurso; puzeram-no pois em acção.

Quando mais influido estava o major, as tres, a um só tempo e como de combinação, desataram a chorar... O major parou... encarou-as um instante: seu semblante foi-se visivelmente enternecendo, enrugando-se, por fim, desatou tambem a chorar de enternecido. Apenas as tres se aperceberam deste triumpho carregaram sobre o inimigo.

O major, de enternecido, foi passando a atordoado, e como que ficou envergonhado das lagrimas que lhe corriam pelas faces; enxugou-as e procurou reassumir toda a sua antiga gravidade.

— Nada, disse, desembaraçando-se das tres e passeiando a passos largos pela sala, nada: que haviam dizer de mim se me vissem aquí nestas choramingas de

criança? Eu, o major, o Vidigal, a chorar no meio de tres mulheres!... Senhoras donas, o caso é grave e não lhe vejo remedio; o exemplo, a disciplina, as leis militares... nada, não pode ser...

E deu as costas ás tres, continuando a passeiar e a fazer resoar com força os tamancos no assoalho.

Maria-Regalada disse baixo ás duas, em cujos semblantes já nem transluzia o mais pequeno vislumbre de esperança:

— Ainda não está tudo perdido...

E, dirigindo-se ao major, acrescentou:

— Bem, sr. major, aguas passadas não moem moinho...

— Qual passadas, senhora dona! mas bem vê que o caso é grave...

— Seja lá o que fôr, sinto ter perdido meus passos, e não servir a quem desejava; verdade seja que eu já contava com isso, e tambem não prometti... Mas em ultimo lugar quero sempre dizer-lhe uma cousa mas ha de ser em particular...

— Vamos lá, estou pronto.

Quem tivesse alguma perspicacia conheceria, não com grande facilidade, que o major estava a muito tempo disposto a ceder, porém, queria fazer-se rogado.

Maria-Regalada levou então o major para um canto da sala e disse-lhe ao ouvido algumas palavras. O major desanuviou o rosto, remexeu-se todo, coçou a cabeça, balançou com as pernas, mordeu os beiços.

— Ora esta! disse em voz baixa á sua interlocutora; pois era preciso falar nisto? Emfim...

— Ora graças que se lhe acabaram os sestros, respondeu Maria-Regalada em voz alta.

— Sim?! exclamaram as duas sorrindo de esperança.

— Eu nunca duvidei, apesar de tudo... mas agora o

passado passado; o caso era grave, como elle dizia, e foi um favor!...

— Então, D. Maria? Quem foi rei sempre teve magestade...

— Magestade... qual! isso já não é para mim...

O major atalhou esta explosão de gratidão que levava visos de ir longe.

— Não de fiar ainda mais contentes commigo... não lhes digo porque, mas verão!...

— Esta agora é que é grande; veremos o que será...

— Já sei: é...

— Ha de ser por força...

— Estou quasi advinhando.

— Sabem que mais? atalhou o major; são horas de uma diligencia a que não posso faltar... O rapaz está livre de tudo; comtanto que, accrescentou dirigindo-se a Maria-Regalada, o dito, dito...

— Eu nunca faltei a minha palavra, replicou esta.

Retiraram-se as tres cheias de contentamento, e o major sahio depois também para cumprir a sua promessa.

XXIV

A MORTE E' JUIZ

D. Maria dirigiu-se immediatamente para casa na sua cadeirinha. Ao chegar notou um grande rumor e alvoroço, e tratou logo de indagar a causa. Um escravo de sua sobrinha a esperava com uma carta. Apenas a leu, D. Maria, não diremos que se entristeceu, porém, mostrou-se muito atrapalhada.

— Não entrem com a cadeirinha; esperem lá que torno a sair.

E com effeito mettu-se de novo nella e mandou que seguissem para a casa da sobrinha.

O caso era o seguinte: José Manoel entrára para casa em braços, tendo sido acommettido na rua de um

violento ataque apopleptico ao voltar do cartorio, onde tivera uma grave contestação com o procurador de D. Maria por causa da demanda que entretrinham, Luizinha a coitada, vendo-se naquelles apuros, sem saber o que fizesse, despachára logo portador para casa de sua tia.

D. Maria apenas entrou mandou chamar o licenciado que, depois de examinar o doente, declarou que era caso perdido. Fizeram-se, entretanto, algumas applicações, que não tiveram resultado algum.

— Estás viuva, menina, disse D. Maria alguma cousa compungida com a declaração do medico.

Luizinha pôz-se a chorar, mas como choraria por qualquer vivente, porque tinha o coração terno.

Estavam presentes algumas pessoas da vizinhança e uma dellas disse baixinho á outra, vendo o pranto de Luizinha:

— Não são lagrimas de viuva...

E não eram, nós já o dissemos : o mundo faz disso as mais das vezes um crime. E os antecedentes ? Porventura, ante seu coração fôra José Manoel marido de Luizinha ? Nunca o fôra senão ante as conveniencias e para as conveniencias aquellas lagrimas bastavam. Nem o medico, nem D. Maria se haviam enganado : á noitinha José Manoel expirou.

No dia seguinte fizeram-se os preparativos para o enterro. A comadre, informada de tudo, compareceu pezarosa a prestar seus bons officios, suas consolações.

O enterro sahiu acompanhado pela gente da amizade : os escravos da casa fizeram uma algazarra tremenda. A vizinhança poz-se toda á janella e tudo foi analysado, desde as argolas e galões do caixão até o numero e qualidades dos convidados, e sobre cada um desses pontos appareceram tres ou quatro opinões diversas.

Naquelles tempos ainda se não usavam os discursos fúnebres, nem os necrologios que hoje andam tanto em

voga; escapamos, pois, de mais essa. José Manoel dorme em paz no seu derradeiro jazigo.

Como haviam promettido á comadré, alguém chegou quasi ao anoitecer. Era o Leonardo. Quando elle entrou na sala, D. Maria não pôde conter um grito de surpresa.

Vinha em completo uniforme de sargento da companhia de granadeiros l

— Como ! olhem o major. E então ?!

— E' verdade, senhora dona, respondeu o Leonardo; a elle tudo devo.

Foi aquillo objecto de geral espanto. Ficariam todos muito contentes com a simples soltura do Leonardo; e não só elle apparecia solto e livre, como até elevado ao posto de sargento, o que já não é no exercito pouca cousa.

O Leonardo começou a procurar com os olhos alguma cousa ou alguém que tinha curiosidade de ver; deu com o que procurava: era Luizinha. Ha muito que os dous se não viam; não puderam, pois, occultar o embaraço de que se acharam tomados. E foi tanto maior essa emoção, que ambos ficaram sorprendidos um do outro. Luizinha achou Leonardo um guapo rapagão, de bigodes e suissa, elegante até onde pôde sel-o, um soldado de granadeiros com o seu uniforme de sargento bem assento. Leonardo achou Luizinha uma moça espiçada, airosa mesmo, olhos e cabellos pretos, tendo perdido todo aquelle acanhamento physico de out'ora. Além disso, seus olhos avermelhados pelas lagrimas, seu rosto empallidecido, se não verdadeiramente pelos desgostos daquelle dia, seguramente pelos antecedentes, tinham nessa occasião um toque de belleza melancolica, que em regra geral não devia prender muito a attenção de um sargento de granadeiros, mas que enterneceu ao sargento Leonardo que, apezar de tudo, não era um sargento como qualquer. E tanto assim que du-

rante a scena muda que se passou; quando os dous deram com os olhos um no outro, passaram rapidamente pelo pensamento do Leonardo os lances de sua vida de outr'ora e, remontando de facto em facto, chegou áquella ridicula, mas ingenua; scena da sua declaração de amor a Luizinha. Pareceu-lhe que tinha então escolhido mal a occasião e que agora isso teria um logar muito mais acertado.

A comadre; que dava uma perspicaz attenção a tudo o que se passava, como que leu na alma do afilhado aquelles pensamentos todos; fez gesto quasi imperceptivel de alegria: raiava-lhe na mente alguma idéa luminosa. Começou então a retrazar um antigo plano, em cuja execução por muito tempo trabalhava e cujas possibilidades de exito lhe haviam reaparecido no que se acabava de passar.

Passada a primeira emoção, Luizinha, ergueu-se e fez ao Leonardo um acanhado cumprimento; este respondeu-lhe com alguma cousa entre cumprimento paisano e continencia militar.

A comadre rompeu depois disto a conversa, procurando entreter D. Maria e deixar os dous entregues a si.

— Diga-me, disse elle dirigindo-se a D. Maria e aquella sua demanda com o defunto?

— A morte foi desta vez juiz. Elle não tem herdeiros, era só no mundo. . Eu não levei a minha *avante*, é verdade, porque enfim não dizer que venci; mas também não perdi. Agora, sim, tenho muito gosto de entregar tudo á menina, mas não queria que me levassem as cousas senão por minha muito livre vontade.

— Está bem; o passado já lá vai: Deus é assim escreve direito por linhas tortas.

E por ahí adiante empenharam-se na sua conversa,

Os dous, depois de algum tempo de silencio, como já se tinham retirado todas as visitas, foram pouco e pouco, de palavra em palavra, travandó dialogo, e conversavam no fim de algum tempo tão empenhadamente como a comadre e D. Maria, com a differença que a conversa daquella duas era alta e desembaraçada e delles baixa e reservada.

Não ha nada que, interrompida mais depressa, se trate do que seja a familiaridade, em que o coração é interessado. Não se estranhe, pois, que Luizinha e Leonardo a ella se entregassem.

E querem vér uma singularidade que ás vezes se repete? Depois que se fizera moça e que tomára estado, nunca Luizinha tinha tidos momentos de tão verdadeiro prazer como os que alli estava gozando naquella conversa, em um dia de luto, quando acabava de sahir o caixão que levára á sepultura aquelle que devia ter feito a sua felicidade. O Leonardo tambem por sua vez, nunca, no meio de todas as vicissitudes de sua vida estravagante, tinha tido instantes que tão rapidos lhe corressem do que aquelles em que vira o objecto de seus primeiros amores sob o peso do infortunio em um dia de pranto.

Pois parece que estas mesmas circumstancias reavivaram o passado: a comadre folgava lá no seu lugar com tudo aquillo e, parecendo prestar toda a attenção a D. Maria, não perdia uma só circumstancia. Finalmente chegou a hora da retirada, não da comadre que se offereceu para fazer companhia á viuva, porém, de Leonardo, a quem esperava o major porque era dia de serviço, e apenas tinha elle obtido licença para cumprir o duplo dever de dar os pezames a D. Maria e agradecer o interesse que por elle havia tomado, fazendo por intermedio de D. Maria-Regalada que o major não só lhe alcançasse perdão do castigo que lhe era destinado

como tambem o accesso do posto que repentinamente tivera.

Luizinha involuntariamente estendeu, á despedida, a mão ao Leonardo, que lh'a apertou com força.

Ora, isto naquelle tempo era bastante para dar que falar ao mundo inteiro !

XXV

CONCLUSÃO FELIZ

A comadre passou com a viuva e sua tia quasi todo o tempo do nojo, e acompanhou-as á missa do setimo dia. O Leonardo compareceu tambem nessa occasião e levou a familia á casa, depois de acabado o sacrificio.

Aquelle aperto de mão, que no dia do enterro de seu marido Luizinha dera um ao Leonardo, não cahira no chão a D. Maria, assim como tambem lhe não escaparam muitos outros factes consecutivos a esse.

O caso é que não lhe parecia extravagante certa idéa que lhe andava na mente.

Muitas vezes, ao cahir da Ave-Maria, quando a boa da velha se sentava a rezar na sua banquinha em um canto da sala, entre um Padre-Nosso e uma Ave-Maria do seu bemdito rosario vinha-lhe á idéa casar de novo a fresca viuvinha, que corria o risco de ficar de um momento para outro desamparada em um mundo em que maridos, como José Manoel, não são difficéis de apparecer, especialmente a uma viuvinha apatacada.

Ao mesmo tempo que lhe vinha esta idéa, lembrava-se dô Leonardo, que amara a sua sobrinha no tempo da creançada e que era, apesar de extravagante, um bom moço, não de todo desarranjado, graças á benevolencia do padrinho barbeiro.

Verdade é que se não sabiam bem as contas que seu pae havia feito a esse respeito ; mas como era cousa que constava de verba testamentaria, D. Maria nada via

de mais facil do que propôr uma demanda, cujo resultado não seria duvidoso.

Havia, porém, no meio de tudo uma circumstancia que lhe desconcertava os planos. O Leonardo era soldado. Ora, soldado, naquelle tempo, era cousa de metter medo.

Quando D. Maria chegava a este ponto de suas meditações, abandonava-a, e continuava o seu rosario.

A comadre fazia quasi exactamente os mesmos calculos por sua parte, e tambem só esta unica difficuldade se antolhava á realisação de seus planos.

Emquanto estas duas pensavam, os outros dous obravam.

Luizinha e Leonardo haviam reatado o antigo namoro; e quem quizer ver cousa de andar depressa é ver namoro de viuva.

Na primeira occasião, Leonardo quiz recorrer a uma nova declaração; Luizinha, porém, fez o processo sumario, aceitando a declaração de ha tantos annos.

Sem que os vissem, viam-se os dous muitas vezes e dispunham seus negocios.

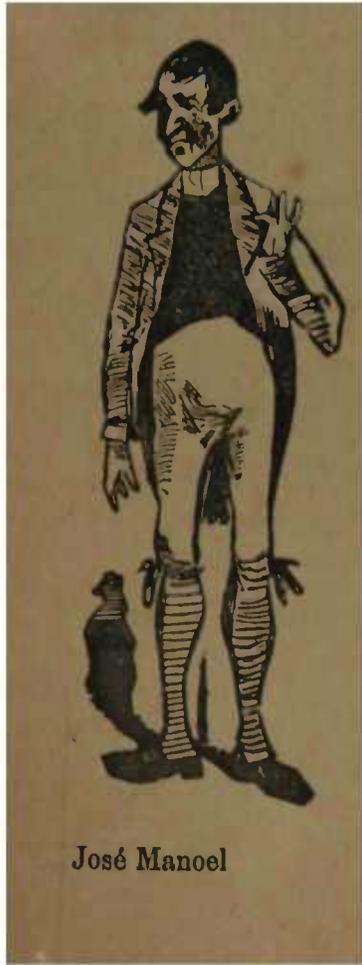
Infelizmente occuria-lhes a mesma difficuldade: um sargento de linha não podia casar. Havia talvez um meio muito simples de tudo remediar. Antes de tudo, porém, os dous amavam-se sinceramente, e a idéa de de uma união illegitima lhes repugnava.

O amor os inspirava bem.

Esse meio de que falamos, essa caricatura da familia, então muito em moda, é seguramente uma das causas que produziu o triste estado moral da nossa sociedade.

Só essa difficuldade demorava os dous. Entretanto o Leonardo achou um dia o salvaterio, e veio communicar a Luizinha o meio que tudo remediava: podia ficar elle sendo soldado e casar, dando baixa na tropa de linha e passando-se no mesmo posto para as milicias.

A difficuldade, porém, estava ainda em arranjar-se



José Manoel

essa baixa e essa passagem: Luizinha encarregou-se de vencer esse embaraço.

Um dia em que estava sua tia a rezar no seu rosario, justamente em um daquelles intervallos de Padre-Nosso a Ave-Maria, de que acima falamos, Luizinha chegou a ella e communicou-lhe com confiança tudo que havia, fazendo preceder sua narração da seguinte declaração, que cortava a questão pela raiz:

— Para lhe obedecer e fazer-lhe o gosto casei-me uma vez, e não fui feliz; quero ver agora se acerto melhor, fazendo por mim mesma nova escolha.

Em breve, porém, conheceu que fôra inutil sua precaução, porque D. Maria confessou que de ha muito rumitava aquelle mesmo plano.

Combinaram-se, pois, as duas.

A bondade do major inspirava-lhes muita confiança, e lembraram-se por isso de recorrer a elle de novo.

Foram ter com Maria Regalada, que mesmo na véspera lhes tinha mandado dar parte que se mudara da Prainha e lhes offerencia sua nova morada.

A comadre, de tudo inteirada, fez parte da commissão.

Quando entraram em casa de Maria-Regalada, a primeira pessoa que lhes appareceu foi o major Vidigal, e, que é mais, o major Vidigal em habitos menores, de daque e tamancos.

— Ah! disse a comadre em tom malicioso, apenas appareceu a Maria-Regalada, pelo que vejo isto por aqui vae bem...

— Não se lembra, respondeu Maria-Regalada, daquelle segredo, com que obtive o perdão do moço? Pois era isto!...

A Maria-Regalada tinha por muito tempo resistido aos desejos ardentes que nutria o major de que ella viesse definitivamente morar em sua companhia. Não attribuimos esta resistencia senão a *capricho*, para não

fazermos máu juízo de ninguem ; o caso é que o major punha naquillo o maior empenho ; teria lá suas razões.

O segredo que a Maria-Regalada dissera ao ouvido do major, no dia em que fôra acômpanhada por D. Maria e a comadre pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Estas, pois, explicada a benevolencia deste para com o Leonardo, que fôra ao ponto de, não só disfarçar e obter o perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquelle rapido accesso de posto.

Fica tambem explicada a presença do major em casa da Maria-Regalada.

Depois disto entram todos em conferenciá. O major desta vez achou o pedido muito justo em consequencia do fim que se tinha em vista. Com a sua influencia tudo alcançou e, em uma semana, entregou ao Leonardo dous papeis:— um era a sua baixa de tropa de linha; outro, a sua nomeação de sargento de milicias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu paé, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, e que se achava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensavel do luto, o Leonardo em uniforme de sargento de milicias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo á cerimonia a familia em peso.

Daqui em diante apparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca e uma enfiada de acontecimentos tristes que já narremos aos leitores, fazendo aqui ponto final.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

—):(—

	PAG.
I	— Origem, nascimento e baptisado. 5
II	— Primeiros infortúnios 10
III	— Despedidas ás travessuras 17
IV	— Fortuna 22
V	— O Vidigal. 24
VI	— Primeira noite fora de casa 28
VII	— A comadre 33
VIII	— O pateo dos bichos 36
IX	— O —arranjei-me — do compadre. 39
X	— Explicações. 43
XI	— Progresso e atrazo. 49
XII	— Entrada para a escola 53
XIII	— Mudança de vida. 57
XIV	— Nova vingança e seus resultados 62
XV	— Estralada. 68
XVI	— Successo do plano. 74
XVII	— D. Maria 77
XVIII	— Amores 84
XIX	— Domingo do Espirito-Santo 88
XX	— Fogo no Campo 91
XXI	— Contrariedade. 95
XXII	— Alliança 99
XXIII	— Declaração 102

SEGUNDA PARTE

		PAG.
I	— A comadre em exercicio	105
II	— Trama.	109
III	— Derrota	114
IV	— O mestre de reza.	118
V	— Transtorno	122
VI	— Peior transtorno	128
VII	— Remedios aos males	132
VIII	— Novos amores.	136
IX	— José Manoel triumpho.	140
X	— O aggregado	147
XI	— Malsinação	151
XII	— Triumpho completo de José Manoel.	155
XIII	— Escapula.	159
XIV	— O Vidigal desapontado.	163
XV	— Caldo entornado.	166
XVI	— Ciumes	170
XVII	— Fogo de palha	173
XVIII	— Represalia	176
XIX	— O granadeiros	181
XX	— Novas diabruras	186
XXI	— Desconcerto.	194
XXII	— Empenhos	197
XXIII	— As tres em commissão	201
XXIV	— A morte é juiz.	206
XXV	— Conclusão feliz	211

ALEXANDRE

DOURADOR DE LIVROS

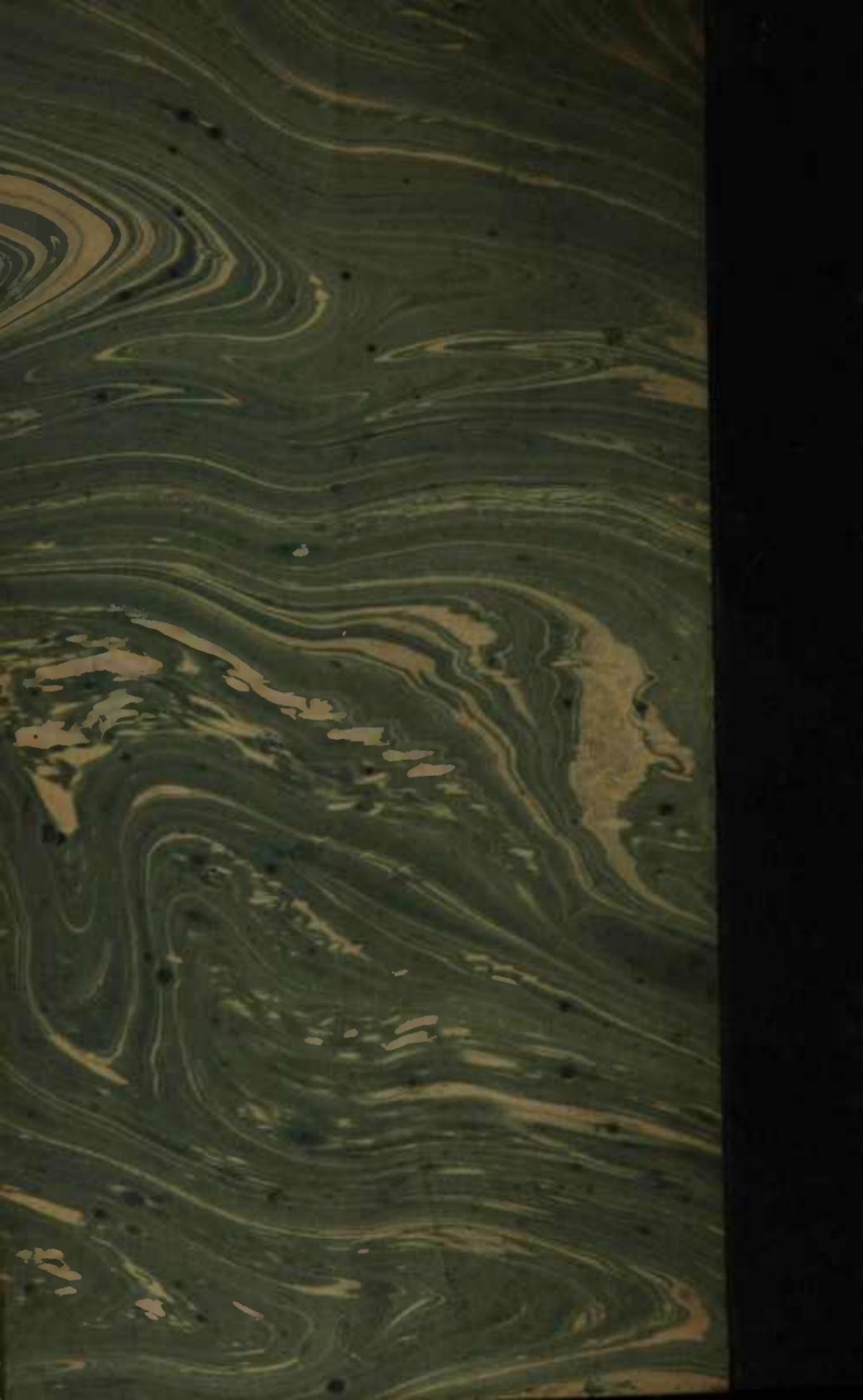
ENCADERNADOR

S. JOSÉ, 36 1º AND.

Tel.: 31-0557







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).